

## CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO

Neste primeiro capítulo da presente dissertação, serão apresentados os objetivos que o trabalho foi suscitando a partir de seu início. Serão apresentadas, também, algumas observações essenciais acerca do sistema vocálico do Português Brasileiro (doravante PB) para uma discussão mais objetiva das situações que interporão daqui por diante. Informações que julgamos importantes sobre a noção de dialeto também estarão devidamente comentadas nesta introdução. Finalmente, a metodologia de coleta e constituição do *corpus* será explicada.

### 1.1 Objetivos

Diversos fenômenos do PB têm suscitado grande número de indagações e, por conseguinte, uma produção científica crescente. Questões acerca do acento, da sílaba, do apagamento de consoantes em sílabas complexas são apenas alguns dos fenômenos lingüísticos que têm sido temas de debates, especialmente para os estudiosos da fonologia do PB.

Também a questão da variação dialetal tem-se constituído como objeto motivador de análises. Conforme Bisol (1981) é necessário discutir essa questão, observando que:

Uma gramática contém regras categóricas e regras variáveis. Essas últimas são aquelas em que fatores lingüísticos e extralingüísticos impedem a aplicação plena. (...) Não existe variação livre. Toda variação é condicionada por traços lingüísticos ou sociais ou por ambos. (BISOL: 1981, p. 25)

Na análise que pretendemos elaborar, buscaremos verificar em que medida os traços lingüísticos atuam no fenômeno da variação. No Brasil, a variação dialetal se observa

como uma divisão que se estabelece entre as regiões Norte e Sul. Em relação a isso, Teyssier (1980) coloca que:

Há, hoje, na língua do Brasil, uma certa diversidade geográfica. Os lingüistas vêm tentando elaborar o mapa dos dialetos brasileiros (...). Distinguem um Norte e um Sul, cuja fronteira se identificaria, grosso modo, com uma linha que, partindo da costa, seguisse da foz do rio Mucuri (extremo sul do Estado da Bahia) até a cidade de Mato Grosso, no estado de mesmo nome, próximo à fronteira boliviana. (TEYSSIER, 1980: p. 79-80)

Tal linha atravessa o território de Minas Gerais, onde, conforme o ‘Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais’ (doravante, EALMG), verifica-se estabelecida uma importante variação dialetal entre as regiões Sul e Norte do estado. Dentre os diferentes aspectos que compõem tal fenômeno, é a variação observada nas vogais médias orais em posição pretônica que, sobremaneira, interessa a este trabalho, constituindo-se, assim, como seu objeto de estudo.

De acordo com Cristóvão Silva (1999, p. 84), “o estudo da variação dialetal das vogais pretônicas no português brasileiro ainda merece uma investigação mais detalhada.” Sobre as regiões que serão aqui enfocadas, é certo que na região Sul de Minas Gerais, palavras como ‘hipopótamo’ e ‘relógio’, apresentam, em posição pretônica, vogais médias fechadas, o que determinaria uma pronúncia como ‘hip[o]pótamo’ e ‘r[e]lógio’. Já na região Norte do referido estado, a pronúncia, na mesma posição, teria, em princípio, vogais médias abertas, ou seja, ‘hip[ɔ]pótamo’ e ‘r[ɛ]lógio’.

Teyssier (1980, p. 80-81) explica que “em posição pretônica, o brasileiro conservou o antigo timbre de e e o dizendo *pegar* com [e] e *morrer* com [ɔ]. A realização dessas pretônicas, fechada no Centro-Sul, é aberta no Norte e no Nordeste”.

Tendo em vista esses aspectos essenciais ao trabalho a ser desenvolvido, estabelece-se, ora, seu objetivo central: apresentar uma análise acerca do comportamento das vogais médias em posição pretônica nos nomes naqueles dialetos das regiões sul e norte de

Minas Gerais, à luz da Teoria da Otimalidade. Outros objetivos específicos também se colocam e deverão ser observados no âmbito desse estudo. São eles:

- ✓ realizar um estudo das variações intra- e interdialetoal;
- ✓ discutir a adequação da Teoria da Otimalidade numa discussão sobre fenômenos de variação;
- ✓ apresentar uma análise dos dados coerente com os postulados teóricos em que a pesquisa se insere;
- ✓ descrever a distribuição das vogais médias em posição pretônica na variação existente entre os dois dialetos;
- ✓ observar se as análises ferem princípios básicos da teoria;
- ✓ apresentar respostas pertinentes aos questionamentos que a pesquisa vier a suscitar;
- ✓ elaborar uma reflexão clara acerca dos fenômenos analisados.

Nas próximas seções, buscaremos explicar aspectos relacionados ao inventário fonológico do PB, à noção de dialeto, além detalhar a metodologia empregada para a constituição do *corpus* desta análise.

## **1.2 Algumas observações acerca do inventário fonológico do PB**

O inventário fonético do PB é constituído de quatro sistemas. Um sistema para as sílabas tônicas, um para as sílabas pretônicas, um terceiro para as postônicas não-finais e, finalmente, um para as postônicas finais. Conforme Câmara Jr. (1970):

Para as vogais portuguesas, a presença do que se chama ‘acento’, ou particular força expiatória (intensidade), associada secundariamente a uma ligeira elevação da voz (tom), é que constitui a posição ótima para caracterizá-las. A posição tônica nos dá em sua plenitude e maior nitidez (desde que se trate do registro culto formal) os traços distintivos vocálicos. Desta sorte, a classificação das vogais como fonemas tem de partir da posição tônica. Daí se deduzem as vogais distintivas portuguesas. (CÂMARA Jr.: 1970, p. 30-31)

Assim, na sílaba tônica, onde se encontra preservado o contraste fonêmico, verifica-se a presença de sete fonemas. Esses fonemas permitem a distinção entre itens lexicais. O caso das vogais médias é o que mais necessita de demonstração. Nessa posição, o fonema /e/ se distingue de /ɛ/, por exemplo, em palavras como ‘m[e]ta’ (verbo) e ‘m[ɛ]ta’ (substantivo). Assim, o sistema vocálico nessa posição é o seguinte:

**Tabela 1 – Sistema vocálico em posição tônica**

	Anterior	Central	Posterior
Alta	i		u
Média-alta	e		o
Média-baixa		ɛ	ɔ
Baixa		a	

Essa situação é diferente em posição pretônica. As vogais [e, o] perdem o contraste em relação a [ɛ, ɔ]. O fato de haver um dialeto que utiliza mais as médias-baixas que as médias-altas nessa posição, apenas ilustra casos de variação. Uma palavra não se diferencia de outra pela utilização desta ou daquela vogal média. A palavra ‘relógio’ é um bom exemplo: o ‘r[e]lógio’ da região Sul de Minas não é diferente do ‘r[ɛ]lógio’ da região Norte desse estado. Em função dessa perda de contraste, ocorre um processo fonológico denominado ‘neutralização’. Através desse processo, o sistema reduz-se para cinco fonemas. É importante, ainda, colocar que na região sul essa neutralização é uniforme, ou seja, apenas a vogal média-alta é observada em posição pretônica, ou seja:

**Tabela 2 - Sistema vocálico em posição pretônica da Região Sul de Minas**

	Anterior	Central	Posterior
Alta	i		u
Média-alta	e		o
Baixa		a	

Já na região norte, o sistema vocálico encontra-se em variação, pois, dependendo do contexto fonológico<sup>1</sup>, poderemos ter um sistema igual ao da região sul, ou, ainda, um sistema em que as vogais médias-altas não se verifiquem, dando lugar às médias-baixas. Estabelecer os contextos de cada uma dessas possibilidades será, também, uma preocupação deste trabalho. Assim poderíamos representar as duas possibilidades:

**Tabela 3 - Sistemas vocálicos em posição pretônica da Região Norte de Minas**

	Anterior	Central	Posterior
Alta	i		u
Média-alta	e		o
Baixa		a	
		<b>ou</b>	
	Anterior	Central	Posterior
Alta	i		u
Média-baixa	ɛ		ɔ
Baixa		a	

Voltando à questão do inventário fonológico do PB, em posição postônica não-final, há nova redução do sistema, em função do alçamento de [o] para [u] em palavras como ‘fósf[u]ro’ e ‘abób[u]ra. A vogal média anterior apresenta esse alçamento. Assim, o sistema fica reduzido aos quatro fonemas colocados a seguir:

<sup>1</sup> Os contextos de variação intradialetal serão devidamente explicitados no capítulo 3.

**Tabela 4 - Sistema vocálico em posição postônica não-final**

	Anterior	Central	Posterior
Alta	i		u
Média-alta	e		
Baixa		a	

Finalmente, o quarto sistema vocálico refere-se à posição postônica final, onde ocorre a maior redução. A vogal [e] alça para [i], como em ‘verd[i]’, ‘lest[i]’, e o sistema passa a ter apenas três vogais distintivas:

**Tabela 5 - Sistema vocálico em posição postônica final**

	Anterior	Central	Posterior
Alta	ɪ		ʊ
Baixa		ɐ	

Dentre esses sistemas, o que nos interessa sobremaneira é o da pauta pretônica, responsável por situações de variação entre as regiões Sul e Norte do Estado de Minas Gerais. Em função disso, apresentamos a seguir alguns dos processos fonológicos comuns às pretônicas e que serão, possivelmente, observados nas análises que aqui faremos. São eles:

- ✓ **Neutralização Vocálica:** como já descrito anteriormente, esse processo fonológico é responsável pela perda de contraste entre fonemas em determinada posição acentual. Em relação à pauta pretônica, interessa-nos a neutralização recorrente entre as vogais médias-baixas e as vogais médias-altas. Nessa posição, o contraste existente na sílaba tônica entre /e/ e /ɛ/ e entre /o/ e /ɔ/ desaparece, dando lugar a um único fonema. No caso da região Centro-Sul do país, a neutralização vocálica elege [e]. Já em

relação à região Norte do Brasil, a neutralização estabelece a vogal [ɛ] na pauta pretônica.

- ✓ **Harmonia Vocálica:** através desse processo fonológico, uma vogal assimila algum traço de uma vogal vizinha ou contígua. No caso do estudo em questão, percebe-se isso claramente através da assimilação do [-ATR] da vogal média-baixa na sílaba tônica por uma vogal média-alta na sílaba pretônica, especialmente na região norte de Minas Gerais. Ex.:  
r[e] 'l[ɔ]gio → r[ɛ] 'l[ɔ]gio
- ✓ **Redução Vocálica:** o processo de redução vocálica aqui tratado refere-se a uma espécie de redução de proeminência de uma vogal média. Através dessa redução de proeminência, uma vogal média é alçada sem que haja um ambiente que favoreça essa situação. Um exemplo claro disso é dado pela palavra g[o]vernador que passa a g[u]vernador, sem que na sílaba seguinte haja uma vogal alta.

Como foi argumentado, a descrição desses processos é essencial, uma vez que os mesmos irão se interpondo durante a análise dos dados que realizaremos mais adiante.

### 1.3 Considerações importantes em relação à noção de ‘dialeto’

Uma vez que buscamos tratar da variação dialetal observada em duas regiões de Minas Gerais, torna-se imprescindível caracterizar devidamente cada um dos componentes da pesquisa que veio a culminar nesta dissertação. Um componente teórico básico da explanação que se segue é a Dialectologia. A Dialectologia é, conforme Chambers & Trudgill (1980, p. 3)

“o estudo de dialeto e dialetos”. A questão que se coloca, fundamentalmente, é: o que vem a ser dialeto?

As seguintes possibilidades poderiam vir a ser consideradas:

No uso comum, é claro, um dialeto é um sub-padrão, de baixo status, geralmente uma forma rústica da língua, comumente associada aos camponeses, à classe trabalhadora, ou a outros grupos com falta de prestígio. Dialeto é também um termo que é costumeiramente aplicado às formas de uma língua, particularmente àquelas faladas nas partes mais isoladas do mundo, que não têm forma escrita. E dialetos são também freqüentemente considerados como algum tipo de (normalmente errôneo) desvio de uma norma – como aberração de forma correta ou padrão de uma língua. (CHAMBERS & TRUDGILL (1980, p. 3)

Contudo, nenhuma delas iria enquadrar-se na noção que buscamos estabelecer nesse trabalho. Primeiramente:

Um dialeto, sem deixar de ser intrinsecamente uma língua, se considera subordinado a outra língua, de ordem superior. Ou dizendo-se de outra maneira: o termo dialeto, enquanto oposto a língua, designa uma língua menor incluída em uma língua maior, que é, justamente, uma língua histórica (ou idioma). Uma língua histórica – salvo casos especiais – não é um modo de falar único, mas uma família histórica de modos de falar afins e interdependentes, e os dialetos são membros dessa família ou constituem famílias menores dentro da família maior. (COSERIU, 1982; apud FERREIRA & CARDOSO, 1994)

Eis, pois, uma boa definição para dialeto “uma língua menor incluída em uma língua maior”. Contudo, a noção de dialeto ainda não se faz inteiramente clara, haja vista, que existem dialetos que, apesar de se inserirem em uma língua, constituindo uma “família menor” dentro dela, muitas vezes apresentam problemas de inteligibilidade em relação a outros membros da “família maior”. A questão que agora se coloca, em termos metodológicos, é: qual a concepção de dialeto adotada na pesquisa e que se estabelece na presente explanação?

Em primeiro lugar, um aspecto imprescindível, em se tratando de dialetos subjacentes ao PB, é o da ‘inteligibilidade mútua’. Os dialetos que foram colocados em estudo apresentam essa característica, ou seja, o falante nativo do dialeto da região Norte de Minas



Gerais compreende perfeitamente aquilo que diz o falante nativo do dialeto da região Sul de Minas, e vice-versa. Portanto, esse é um atributo observável em relação aos dialetos ora discutidos e, como tal, deve ser considerado na noção que aqui se busca estabelecer.

Em segundo lugar, apesar de mutuamente inteligíveis, existem propriedades intrínsecas a cada um desses dialetos que permitem aos seus respectivos falantes reconhecerem-se como pertencentes a uma ou a outra variedade lingüística. Esse conjunto de propriedades é que determina a variação lingüística entre os diferentes dialetos do PB. Assim, o conjunto de atributos específicos intrínsecos a um dialeto é que estabelece a sua diferença em relação a outro.

Finalmente, o terceiro elemento que foi levado em conta relaciona-se à questão geográfica. Geograficamente, a distância entre as duas regiões e a proximidade de cada uma de estados que apresentam uma maneira de falar bastante típica, como São Paulo, em relação à região Sul, e Bahia, em relação à região Norte, ajudam a denunciar os aspectos que permitem diferenciar os dialetos.

Onde se dividem esses dialetos? Na verdade, a partir da afirmação de Teyssier (1980), anteriormente já transcrita na seção 1 e novamente aqui reproduzida:

(...) Distinguem um Norte e um Sul, cuja fronteira se identificaria, grosso modo, com uma linha que, partindo da costa, seguisse da foz do rio Mucuri (extremo sul do Estado da Bahia) até a cidade de Mato Grosso, no estado de mesmo nome, próximo à fronteira boliviana. (TEYSSIER, 1980: p. 79-80)

Tomando por base essa linha e a descrição da carta (1) do EALMG, estabelecemos a diferenciação. As cidades selecionadas como sendo da região Sul de Minas estão a uma distância que varia de 180 a 320 km de Belo Horizonte, e os da região Norte entre 360 e 482 km de distância da referida capital.

Estabelecidos, enfim, todos os aspectos referentes à questão dialetal, que se verificaram essenciais desde a concepção do projeto de pesquisa, será apresentado, a seguir,

aspectos referentes à metodologia de coleta de dados e constituição do *corpus* para a presente análise.

#### **1.4 Metodologia de Coleta e Constituição do *Corpus***

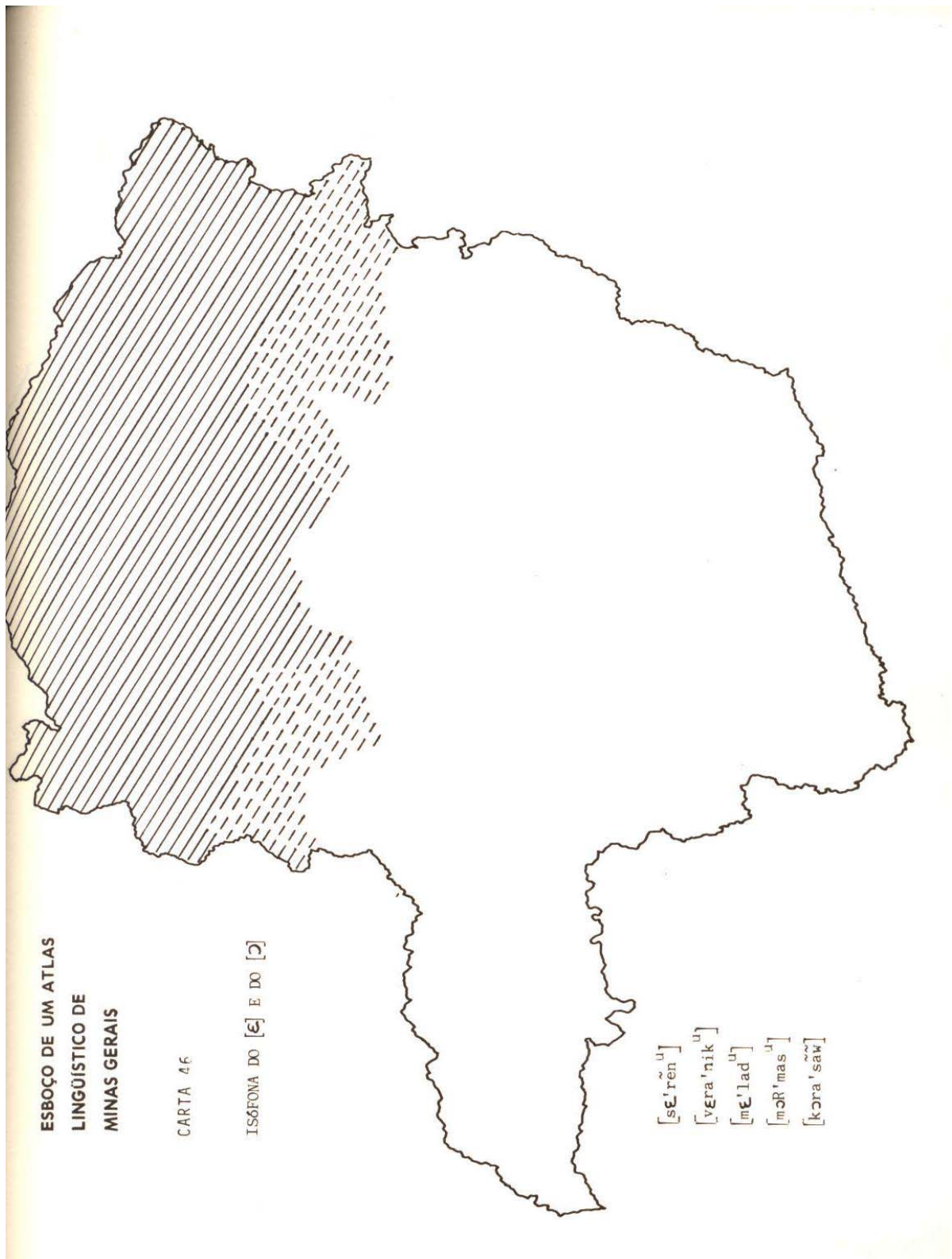
Nesta seção, explicitaremos como se deu a coleta de dados. Aspectos relacionados à escolha dos informantes, das cidades-alvo da coleta, bem como, dos critérios para constituição do *corpus* a partir dos dados coletados serão devidamente explicitados.

A coleta de dados obedeceu a alguns critérios básicos, embora não houvesse, em princípio, preocupação com a quantificação dos dados, uma vez que a coleta seria apenas para ilustrar uma situação de variação lingüística apresentada no EALMG, conforme se pode observar na carta (1).

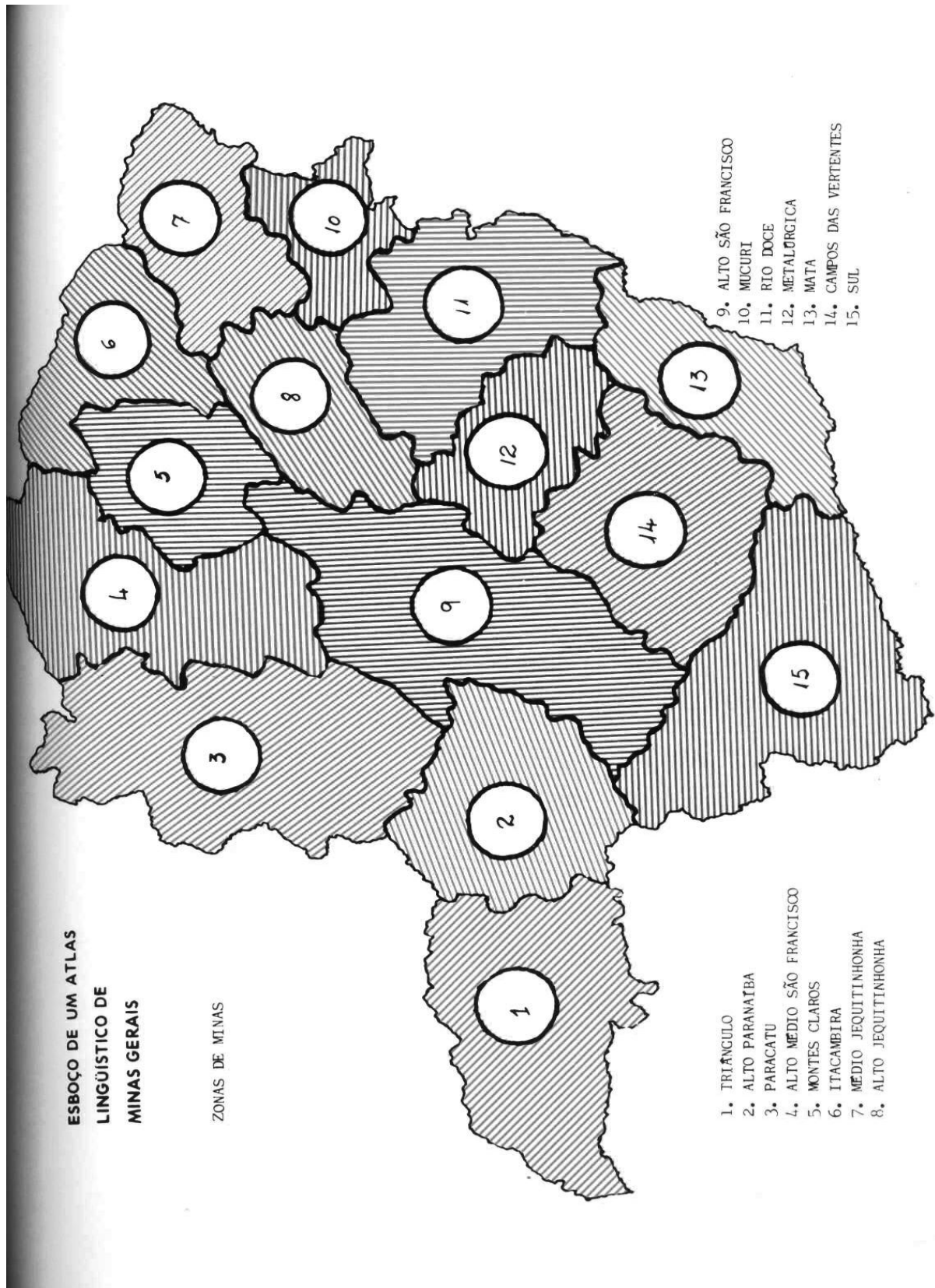
Para a coleta, foram, pois, selecionadas seis cidades, sendo três para cada uma das regiões pesquisadas. No Norte de Minas, foram coletados dados nas seguintes cidades: Bocaiúva, Montes Claros e Mirabela, que correspondem à região 5 da carta (2). No Sul de Minas, as cidades de Bom Sucesso, Lavras e Três Corações foram as cidades-alvo da coleta.

A localização dessas três últimas cidades no referido mapa corresponde às regiões 14 e 15. A coleta de dados na região Sul ocorreu primeiro, entre os dias 29 de junho e 1 de julho do ano de 2005. Já no Norte de Minas, a coleta se deu nos dias 26 e 27 de setembro desse mesmo ano.

Carta 1 - Isófona de [ɛ] e de [ɔ] em Minas Gerais<sup>2</sup>.



<sup>2</sup> Extraído de RIBEIRO et al. (1977)

Carta 2 – Divisão das Zonas de Minas Gerais<sup>3</sup>

<sup>3</sup> Extraído de RIBEIRO et al. (1977)

Em relação aos informantes, os únicos fatores de seleção foram a escolaridade e a faixa etária. Além disso, eles deveriam ter nascido na cidade-alvo da coleta e não poderiam ter se ausentado desta por mais de um ano. Com referência à escolaridade, exigiu-se que o informante tivesse concluído, ao menos, o ensino fundamental (8.<sup>a</sup> série). Por sua vez, no tocante às faixas etárias, o informante deveria enquadrar-se em uma das seguintes faixas etárias: entre 20 e 39 anos, ou acima de 40 anos de idade. Para cada região, doze informantes, sendo quatro por cidade, participaram das gravações. Daqueles quatro, dois deveriam estar dispostos na primeira faixa etária e dois, na segunda. Como mencionado, anteriormente, a coleta não tinha a preocupação de posterior quantificação de dados. Estes seriam dispostos apenas para ilustrar e demonstrar que a variação das vogais médias orais em posição pretônica fazia-se presente.

Foi solicitado aos informantes que lessem dois textos, intercalados por um teste, que consistia em dizer os nomes das figuras que lhes iam sendo exibidas<sup>4</sup>. As gravações duraram, em média, quatorze minutos para cada informante. Os dados da região Sul foram gravados com taxa de frequência de 22050 Hz, em fita do tipo DAT. Os dados da região Norte foram gravados em aparelho digital, obedecendo à mesma taxa de frequência.

Antes de qualquer análise, todos os dados foram ouvidos por três pessoas ligadas à área da fonética e da fonologia. Foram realizados testes de percepção antes da transcrição fonética da vogal pretônica como se encontra disposto no apêndice.

Durante a análise dos dados, verificou-se que a variação não se observava em todas as vogais médias em posição pretônica, mas apenas em alguns contextos devidamente delimitados e descritos mais adiante, no capítulo 3. Dada a variedade e quantidade dos dados

---

<sup>4</sup> Os textos e figuras utilizados na coleta estão disponibilizados no Apêndice 6 desta dissertação.

coletados<sup>5</sup> (aproximadamente 5200) houve a necessidade de um recorte. Assim, palavras que se enquadrassem em alguma das situações abaixo descritas foram excluídas do *corpus*:

- dada a sua estrutura particular, constituída por radical, vogal temática e desinência, os verbos foram excluídos;
- pretônica /e/ em início de palavra, cuja sílaba não tenha *onset* e seja fechada pelo arquifonema /S/. Esse contexto favorece quase que totalmente o alçamento de /e/ para [i], conforme Bisol (1981), não necessitando, por conseguinte, ser analisado;
- formas derivadas com os sufixos –mente, -inh, -zinh e –íssim, uma vez que essas formas conservam o timbre aberto ou fechado do radical.

Ex.: sinc[ɛ]ro ~ sinc[ɛ]ramente; conc[o]rrido ~ conc[o]rridíssimo

Restaram, precisamente, 3055 dados, com os quais foi realizada a devida quantificação, utilizando-se o programa GOLDVARB 2001 para melhor determinar os ambientes que favoreciam a presença de uma ou de outra vogal, além, é claro, de como se verificava a redução vocálica.

Uma vez descrito o processo de constituição do *corpus* para esta discussão, encerramos este capítulo. No próximo capítulo, o referencial teórico que embasa esta pesquisa será devidamente explanado.

---

<sup>5</sup> Embora se tenha feito a opção por trabalhar apenas com os nomes, também os verbos estão listados nos apêndices 2 e 3.

## **1.5 Sumário**

Neste capítulo, foram apresentados elementos básicos relacionados estabelecimento de objetivos para empreendimento da pesquisa e das análises, bem como de parâmetros importantes que necessitariam da devida observação para uma análise mais segura do objeto dessa discussão. Assim, foram apresentados objetivos, aspectos da dialetologia, do inventário fonológico do PB e, finalmente, a metodologia empregada na coleta de dados.

## CAPÍTULO 2 - DISCUSSÕES TEÓRICAS

Neste capítulo, discussões acerca do modelo teórico serão apresentadas. Na primeira seção, serão feitas algumas considerações acerca da utilização de teorias formais para explicar fenômenos de variação lingüística. Em seguida, será realizada uma explanação geral da TO clássica. Posteriormente, justificaremos a escolha pela TO a partir de algumas observações de outros autores. Finalmente, serão relacionadas propostas de aplicação da TO à variação.

### 2.1 Considerações acerca da aplicação de teorias formais a fenômenos de variação

Como se sabe, o estudo das línguas apresenta uma dicotomia importante, desde Saussure (1922) e o conceito de *langue* e *parole*, passando pelas reflexões do gerativismo de Chomsky (1965) sobre ‘competência’ e ‘desempenho’ até os dias atuais, quando ainda se verifica a prevalência dessa separação.

Em cada um dos lados dessa divisão, situam-se os dois grandes campos de discussão da Lingüística, ou seja, aquilo que denominamos Teoria Lingüística Formal junto da *langue*, da ‘competência’, e a Teoria da Variação e Mudança Lingüísticas, que englobaria a sociolingüística e a dialetologia, por exemplo, próxima à *parole*, ao ‘desempenho’.

O primeiro elemento dessa dicotomia, ou seja, a teoria lingüística formal ocupa-se, conforme Kager (1999, p. 1) em “lançar luz sobre a base de princípios que é comum a todas as línguas”. Seria algo como tentar estabelecer ou observar os fenômenos lingüísticos, apontar regularidades através das línguas do mundo e determinar, a partir disso, procedimentos de análise comuns a todas elas.

Já a Teoria da Variação e Mudança Lingüísticas apresenta como objeto de estudo primeiro o uso social da língua. Conforme Chambers (1995, p. 11), é tarefa desse ramo



lingüístico, “o estudo das relações entre a língua e a sociedade com o objetivo de entender a estrutura da língua”.

A dicotomia entre *langue* e *parole*, ‘competência’ e ‘desempenho’ tem sido amplamente discutida atualmente. Sobre ela, Guy (1997) observa que:

Como uma distinção lógica, a oposição não é necessariamente problemática: há, por um lado, o sistema e, por outro, o ‘output’ do sistema. Mas, eu acredito que a dicotomia básica tem se tornado problemática por duas razões: primeiro, em função de como isso tem sido usado no desenvolvimento da teoria lingüística e, segundo, em função das suposições adicionais que se têm tornado anexas a ela. A distinção tem, em vários momentos, sido usada com fins vantajosos. (...) Contudo, a dicotomia tem sido também tomada para propostas teóricas infelizes (...): ela tem se tornado um obstáculo ao progresso de certas idéias do campo (lingüístico). (GUY, 1997: p. 125-126)

Isso se dá pelo fato de que a utilização dos dados empíricos é desprezada como algo que se refere somente à *parole*, ao ‘desempenho’, não devendo ser tratada pela teoria lingüística como algo que seja relevante, ao menos como subsídio às reflexões. Aliás, não todos os dados são desprezados. São colocados de lado apenas aqueles que não são passíveis de comprovação pela teoria. Conforme Guy (1997), essa é uma das barreiras:

Um dos obstáculos surge quando a distinção é usada para desvalorizar a fonte mais rica de evidências sobre a língua, que são a vasta produção e os discursos dos falantes. Uma vez que os dados de uso da língua devem vir, por definição, via desempenho, eles são geralmente vistos como não necessariamente relevantes para o desenvolvimento da teoria lingüística, que é definida como tratamento da competência. Nesse caminho, indícios que deveriam ser levados em conta como argumentos teóricos, são tratados com suspeição e, quando os dados contradizem uma teoria, são desprezados potencialmente como um ‘fenômeno de desempenho’. Isso coloca a teoria sobre uma base perigosamente não-empírica. (GUY, 1997: p. 126)

Ainda sobre isso, ele também coloca que:

A segunda consequência infeliz da dicotomia de *langue* e *parole* é uma circunscrição drástica dos horizontes do campo (lingüístico). Quando a teoria lingüística declara-se responsável somente pela *langue*, pela ‘competência’, deixa o vasto território da *parole*/desempenho inexplorado. A relação entre os modelos teóricos do dia e as performances dos falantes reais é indefinida e não-investigada e, realmente, não importante para muitos teóricos. Essa posição é usualmente cercada por retratações: Saussure sugere que uma lingüística da *parole* poderia ser desenvolvida, e Chomsky

concorda que pode haver fenômenos interessantes ocorrendo no desempenho. Mas ambos deixam claro que o negócio real da teoria lingüística é *langue/competência*, e que a relação entre o que é a teoria e o que acontece quando as pessoas usam a língua não é algo com o qual o seu empreendimento esteja preocupado. (GUY, 1997: p. 126)

Como se verifica, torna-se necessário buscar um ponto em que as produções dos falantes possam ser devidamente contempladas por uma teoria de modo a explicitar com o maior número de dados, quais os caminhos que um falante pode, e não necessariamente deve, percorrer para se expressar dentro de uma língua, tornando, assim, menos rígida a fronteira entre os dois grandes ramos da lingüística.

A utilização dos dados para a construção e afirmação de uma teoria lingüística é, conforme Hinskens et al. (1997, p. 2) “um tanto antiga e, claro, é parte da proliferação de disciplinas lingüísticas originadas como uma reação contra a suposição da invariância, uma importante ferramenta metodológica da principal corrente da lingüística teórica”.

Por outro lado, a importância da teoria lingüística para a explicação de fenômenos de variação é também fundamental:

A variação é um ato da fala, mas a fala é uma manifestação física e comportamental da estrutura representada cognitivamente e, como tal, não pode ser completamente entendida sem referência à estrutura lingüística que a ela subjaz. (CLEMENTS & HERZ, 1995: p. 2; apud HINSKENS et al., 1997: p. 15)

Buscar unir esses dois grandes campos é uma das ocupações desta dissertação. De que modo? Pela análise da variação dialetal em função dos pressupostos de uma teoria formal.

Todos os tipos de variação podem ser altamente relevantes para o estudo da gramática. (...) O ‘continuum’ dos dialetos geográficos confirma repetidamente a naturalidade da variação gradual. Algumas vezes, as diferenças entre dialetos vizinhos também podem nos dar uma idéia detalhada do tipo de diferenças categoriais que existem dentro de quadro estruturais. (...) A plausibilidade de uma análise proposta a partir de um dado fenômeno em um dialeto pode ser testada contra o caminho que é implementado na gramática de um dialeto relacionado. (HINSKENS et al., 1997: p. 22)

Conforme Liberman (1994), alguns dos alvos de uma teoria fonológica que busque explicar variação, devem ser os seguintes:

**O lócus da variação:** por que a variação ocorre em alguns ambientes, mas não em outros?(...) **Os graus de variação:** por que as alternâncias fonológicas são obrigatórias algumas vezes, mas em outras são opcionais? (LIBERMAN, 1994; apud ANTTILA, 2000: p. 6-9)

A TO parece-nos uma teoria capaz de realizar a tarefa de unir competência e desempenho, langue e parole, respondendo ainda às questões que se colocam em relação à variação, dado o seu mecanismo voltado para a produção e o seu poder explicativo baseado em restrições. Assim, buscaremos, mais a frente, fornecer elementos que ajudem a esclarecer o porquê da escolha por essa teoria para descrever e explicar os fenômenos que serão apresentados no capítulo 3 desta. Antes, porém, faz-se necessária uma explanação dessa teoria.

## **2.2. A Teoria da Otimalidade Clássica: explanação geral**

O objetivo desta seção será apresentar os pressupostos básicos da TO clássica, explicitando cada um dos elementos que compõe a sua estrutura. Buscaremos, ainda, relacioná-los, a cada uma das propriedades básicas que compõem os mecanismos da teoria. Kager (1999) estabelece, da seguinte forma, as onze propriedades que abaixo arrolamos:

- 1.<sup>a</sup> Universalidade:** restrições são universais;
- 2.<sup>a</sup> Violabilidade:** restrições são violáveis, mas a violação deve ser mínima;

- 3.<sup>a</sup> **Otimidade:** um *output* é ‘ótimo’ quando ele incorre nas violações menos sérias do conjunto de restrições, levando em conta o ranqueamento hierárquico destas;
- 4.<sup>a</sup> **Dominação:** a restrição mais altamente ranqueada<sup>6</sup> de um par de restrições conflitantes toma precedência sobre aquela ranqueada em posição mais baixa;
- 5.<sup>a</sup> **Falácia de Perfeição:** nenhuma forma de *output* é capaz de satisfazer todas as restrições;
- 6.<sup>a</sup> **Riqueza da Base:** nenhuma restrição é mantida no nível das formas subjacentes;
- 7.<sup>a</sup> **Liberdade de Análise:** qualquer quantidade de estruturas pode ser postulada;
- 8.<sup>a</sup> **Transitividade de Ranqueamento:** Se  $C_1 \gg C_2$  e  $C_2 \gg C_3$ , então  $C_1 \gg C_3$ <sup>7</sup>;
- 9.<sup>a</sup> **Economia:** opções excluídas são disponibilizadas somente para evitar violações de restrições mais altamente ranqueadas e podem, somente, ser excluídas minimamente;
- 10.<sup>a</sup> **Dominação Estrita:** a violação de restrições mais altamente ranqueadas não pode ser compensada pela satisfação de restrições ranqueadas em posição mais baixa;
- 11.<sup>a</sup> **Paralelismo:** todas as restrições pertencentes a algum tipo de estrutura interagem em uma hierarquia simples.

---

<sup>6</sup> Em relação à terminologia, a expressão ‘restrição mais alta’ poderá ser utilizada em lugar de ‘restrição mais altamente ranqueada’ ou ‘restrição melhor ranqueada’, assim como ‘restrição mais baixa’ em lugar de ‘restrição ranqueada em posição mais baixa’ ou ‘restrição ranqueada em posição pior’.

<sup>7</sup> O símbolo  $\gg$  significa que a restrição à esquerda ‘domina’ a restrição à direita. Assim, devemos ler: se  $C_1$  **domina**  $C_2$  e  $C_2$  **domina**  $C_3$ , então  $C_1$  **domina**  $C_3$ .

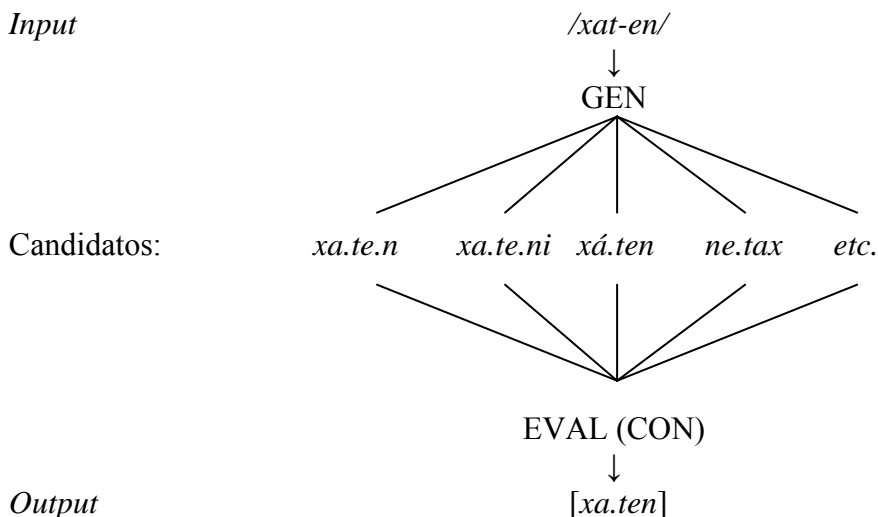
Apresentadas as onze propriedades, vejamos de que maneira elas atuam em cada um dos componentes do mecanismo da TO. Antes, porém, observemos o funcionamento desse mecanismo.

### 2.2.1. Mecanismo Geral

Conforme McCarthy (2002, p. 3), “a primeira ação da TO é comparativa: o output atual é o membro ótimo de um conjunto de formas candidatas a output”.

A maneira pela qual um candidato vem a ser escolhido como a forma ótima é o que determina o mecanismo geral da TO, que é apresentado a seguir, conforme esquema adaptado de Archangeli (1997, p. 14). Nesse esquema, temos uma visão geral de como o falante determinaria a escolha por um determinado candidato, baseado em uma avaliação. Ou seja, a partir de um *input*, o gerador GEN geraria um conjunto de candidatos a *output*. Tais candidatos seriam, então, avaliados por EVAL, com base num conjunto de restrições (CON) devidamente hierarquizadas, consoante a determinação de uma língua específica. A partir da avaliação seria explicitada a forma de *output*, ou seja, a forma ótima:

**Diagrama 1 – Mecanismo geral da TO**



O componente da teoria que realiza a formalização é o *tableau*. O *tableau* é um quadro onde se encontram representados o *input*, os candidatos a *output*, as restrições e a hierarquia estabelecida entre elas, além das violações às restrições. É nele que se realiza a comparação dos candidatos e se verifica a escolha da forma ótima. Apresentamos abaixo um exemplo de *tableau*:

**Tableau 1 -  $C_1 \gg C_2 \gg C_3$**

<i>Input</i>	$C_1$	$C_2$	$C_3$
☞ Cand <sub>1</sub>			*
Cand <sub>2</sub>	*!		
Cand <sub>3</sub>		*!	

No *tableau* (1), a forma de *input* encontra-se na linha superior da coluna mais à esquerda. Os candidatos em competição ocupam as três linhas abaixo, na mesma coluna. As restrições encontram-se devidamente hierarquizadas nas três colunas subseqüentes na linha superior. Nas linhas restantes, estão relacionadas as violações das restrições cometidas por cada um dos candidatos. O candidato ótimo é aquele apontado com o símbolo ☞. As violações são representadas pelos asteriscos e aquelas consideradas violações fatais são ilustradas com o ponto de exclamação. Por enquanto, em linhas gerais, assim poderíamos explicar o funcionamento dos mecanismos da TO. Contudo, várias perguntas se apresentam:

- ✓ Como se determina o input?
- ✓ De que maneira são gerados os candidatos?
- ✓ O que são restrições?
- ✓ De que maneira essas restrições são hierarquizadas?
- ✓ É possível que a avaliação determine mais de uma forma ótima?

Essas são apenas algumas questões que já se colocam, dentre as várias que ainda serão devidamente elucidadas ao longo deste capítulo. Buscaremos, a partir de então,

apresentar cada um dos elementos que compõem a estrutura da teoria e que integram o *tableau*, assim como, a maneira de determinar sua melhor argumentação.

### 2.2.2 Sobre as Restrições

Devido à sua importância, haja vista que elas se constituem como o cerne da teoria, ressaltaremos primeiramente os aspectos mais relevantes, bem como as propriedades das restrições no âmbito da TO.

Antes de qualquer coisa, é importante ter em mente o fato de que as restrições são universais. Essa é a sua primeira propriedade essencial: a ‘Universalidade’. Conforme Prince & Smolensky (1993, p. 2), “a Gramática Universal consiste amplamente de um conjunto de restrições sobre a boa-formação representacional, através da qual as gramáticas individuais são construídas”. Ainda sobre essa propriedade, KAGER (1999) pondera que:

Todas as restrições são parte das gramáticas de todas as línguas naturais. Isso não quer dizer que toda restrição será igualmente ativa em todas as línguas. Devido ao ranqueamento de restrições para uma língua específica, uma restrição que nunca é violada em uma língua pode ser violada, mas ainda ser ativa em uma segunda língua, e ser totalmente inativa em uma terceira língua. (KAGER, 1999: p, 11)

Observe que além da universalidade, ele toca numa outra propriedade essencial da TO que se encontra diretamente relacionada às restrições, denominada ‘Violabilidade’. Essa propriedade reza que “as restrições são violáveis, mas a violação deve ser mínima”. Isso tem a ver com as noções de ranqueamento que observaremos mais adiante, quando estivermos discutindo o componente EVAL. Por agora, é interessante saber que uma restrição não é violada sem nenhuma motivação. O que motiva a violação de uma restrição é a posição que ela ocupa no ranqueamento estabelecido para uma língua específica. Assim, uma restrição

ranqueada numa posição mais baixa poderá vir a ser violada em detrimento de se evitar a violação de outra restrição melhor ranqueada ou ranqueada na posição mais alta do *tableau*.

Isso se dá em função de outra propriedade que interage com a violabilidade, ou seja, a ‘Dominação’. Essa propriedade, conforme já dissemos, preceitua que “a restrição mais altamente ranqueada de um par de restrições conflitantes toma precedência sobre aquela ranqueada em posição mais baixa”. Podemos, assim, dizer que a ‘Dominação’ é a motivação da ‘Violabilidade’. Para que melhor possamos visualizar o que temos discutido até aqui, em relação às restrições, observemos novamente o *tableau* (1), reproduzido em (2):

**Tableau 2 -  $C_1 \gg C_2 \gg C_3$**

<i>Input</i>	$C_1$	$C_2$	$C_3$
☞ $Cand_1$			*
$Cand_2$	*!		
$Cand_3$		*!	

$C_1$  é a restrição mais alta do ranqueamento. Uma violação a ela, no caso da língua hipoteticamente representada pelo *tableau*, constitui-se em violação fatal. Observe que a violação de  $C_3$ , por sua vez, é perfeitamente aceitável, uma vez que está ranqueada em posição mais baixa e, por isso, tolera a violação. Conforme Archangeli (1997):

A violação de restrições é tolerada em um contexto muito limitado. Uma restrição pode ser violada sucessivamente somente para satisfazer uma restrição mais alta. (...) Declarada de uma maneira positiva ou negativa, qualquer restrição pode terminar sendo violada em alguma língua: o potencial de violação é um resultado da posição de uma restrição em uma hierarquia específica da língua, em vez de uma propriedade da própria restrição. (ARCHANGELI, 1997: p, 15)

Uma vez apresentadas as propriedades das restrições, passemos a discutir os tipos de restrição existentes: fidelidade e marcação.



### 2.2.2.1 Restrições de fidelidade

As chamadas ‘restrições de fidelidade’ surgem numa primeira abordagem a partir do modelo PARSE/FILL e depois são reformuladas pela Teoria da Correspondência<sup>8</sup>. Essas restrições têm como função a preservação no *output* do item lexical estabelecido no *input*, levando em consideração cada um desses dois componentes. Kager (1999), por exemplo, define da seguinte maneira o papel das restrições de fidelidade:

De um ponto de vista funcional, restrições de fidelidade protegem os itens lexicais de uma língua contra o poder ‘erosivo’ das restrições de marcação, e assim servem a duas funções comunicativas principais. Primeira, elas preservam contrastes lexicais, fazendo o possível para que as línguas tenham conjuntos de itens lexicais formalmente distintos com o intuito de expressar diferentes significados. (...) Segunda, pela limitação da distância entre input e output, as restrições de fidelidade restringem a variabilidade da forma de itens lexicais. (...) Em resumo, a função global da fidelidade é reforçar a forma fonológica de formas lexicais no output, com um tipo de neutralidade limitando a distância entre outputs e suas formas básicas. (KAGER, 1999: p. 10)

As restrições de fidelidade, quando ranqueadas acima das de marcação, evitam a ocorrência dos processos fonológicos. É importante lembrar que quem é ou não fiel é o candidato a *output*. McCarthy (2002, p. 14) pondera que “um candidato é infiel sempre que sua relação de correspondência associada descreve qualquer coisa diferente de um mapeamento de preservação da estrutura e de ordem que é um para um”.

Antes de passarmos à próxima seção para tratarmos das restrições de marcação, vejamos algumas das restrições de fidelidade<sup>9</sup> mais utilizadas, a partir da Teoria da Correspondência:

<sup>8</sup> MCCARTHY & PRINCE (1995).

<sup>9</sup> Extraídas de: MCCARTHY, J. .1999. The Correspondence Theory of Faithfulness. In.: \_\_\_\_\_. *Introductory OT on CD-ROM*. Version 1.0. GLSA. Amherst.

- ✓ MAX: proíbe o apagamento de segmentos;
- ✓ DEP: proíbe a inserção (epêntese) de segmentos;
- ✓ LINEARITY: proíbe metátese;
- ✓ I-CONTIG: proíbe o apagamento de elementos internos à seqüência do *input*;
- ✓ O-CONTIG: mantém a contigüidade da seqüência no *output*, não permitindo a inserção de segmentos;
- ✓ UNIFORMITY: nenhum elemento de *output* tem mais de um correspondente no *input* (não permite coalescência);
- ✓ INTEGRITY: nenhum elemento do *input* pode ter mais de um correspondente no *output*;
- ✓ IDENT (F): segmentos correspondentes têm valores idênticos para o traço F.

### 2.2.2.2 Restrições de marcação

As restrições de marcação, diferentemente das restrições de fidelidade, que analisam quão fiel o *output* se mantém em relação ao *input*, fazem exigências ao *output* para que este, conforme Kager (1999) satisfaça determinados critérios de boa-formação estrutural.

McCarthy (2002) apresenta uma definição clara acerca desse tipo de restrições.

Para ele:

Restrições de marcação avaliam estruturas de output. O sintagma ‘restrição de marcação’ é um termo que se refere a alguma restrição que determina marcas de violação a um candidato baseado somente em sua estrutura de output, sem levar em consideração a sua similaridade ao input. Um candidato é marcado por ou com relação àquela restrição se ele recebe ao menos uma marca de violação dela. (McCARTHY, 2002: p. 14)

É interessante observar que as restrições de marcação mais altamente ranqueadas apresentam o percurso do não-marcado na língua.

Uma relação importante que deve ser observada entre restrições de fidelidade e de marcação é que se tivermos uma restrição de fidelidade dominando uma restrição de marcação, isso determina uma opção pela preservação da estrutura que vem do *input*. Ao contrário, se uma restrição de marcação domina uma restrição de fidelidade, temos o ambiente propício para a ocorrência de processos fonológicos. Numa configuração, por exemplo, em que ONSET >> MAX, DEP e o *input* seja, hipoteticamente, ‘*ataka*’, um dos caminhos possíveis para satisfazer a restrição mais alta, ou seja, ONSET, será apagar o primeiro segmento ‘*a*’, ficando o *output* ‘*taka*’ e violando MAX. O processo fonológico observado foi o *apagamento*. Também poderíamos inserir uma consoante ‘*p*’ e, desse modo, satisfazer ONSET, mas violar DEP. Nesse caso, teríamos uma *epêntese* e o *output* ‘*pataka*’. Se, por outro lado, tivéssemos MAX, DEP >> ONSET, nada aconteceria. O *output* seria ‘*ataka*’.

Feitas as devidas colocações acerca das restrições, passemos agora às seções seguintes que apresentarão, um a um, os outros constituintes do mecanismo da TO.

### 2.2.3 A Otimização do Léxico e o *Input*

De acordo como os pressupostos da TO, todos os *inputs* são determinados por um vocabulário fornecido pela Gramática Universal, para a representação de um língua. O *input* é a estrutura subjacente de uma forma de superfície.

Sobre essa questão, a propriedade que atua nesse âmbito da teoria, dentre aquelas que anteriormente listamos, é a da ‘Riqueza da Base’, na qual, conforme Prince & Smolensky (1993), se verifica que:

(...) todos os inputs são possíveis em todas as línguas, regularidades distribucionais e de inventário seguem pelo caminho de que o conjunto de inputs é determinado por um conjunto de outputs fixado pela gramática, através do ranqueamento das restrições de uma língua específica. (PRINCE & SMOLENSKY: 1993, p. 209)

Assim, para que um *input* seja estabelecido, é necessário considerar a sua relação com o *output*, que é a realização fonética da língua e a relação deste, por sua vez, com as restrições que compõem a gramática daquela língua particular. Desse modo, é possível restringir o conjunto de *inputs*, ou seja, otimizar o léxico. Prince & Smolensky (1993) assim determinam a ‘Otimização do Léxico’:

Suponha que vários inputs diferentes  $I_1, I_2, \dots, I_n$  quando analisados por uma gramática  $G$  permite a correspondência com outputs  $O_1, O_2, \dots, O_n$ , que são realizados com a mesma forma fonética  $\phi$  - esses inputs são todos foneticamente equivalentes com relação a  $G$ . Agora, um desses outputs deve ser o mais harmônico, em virtude de incorrer nas violações de marca mais significantes: suponha que esta forma ótima é rotulada  $O_k$ . Então o aprendiz escolheria, como a forma subjacente para  $\phi$ , o input  $I_k$ . (PRINCE & SMOLENSKY, 1993: p. 9)

Harrison & Kaun (2000) demonstram a relação entre Riqueza da Base e Otimização do Léxico. Segundo eles:

Assume-se que o espaço do input é para ser infinito, assim, irrestrito. O léxico, pelo contrário, é assumido como sendo finito. A construção de representações lexicais de um aprendiz é guiada pela Otimização do Léxico (PRINCE & SMOLENSKY, 1993), que favorece enormemente inputs completamente especificados. Assume-se que um falante escolherá o mapeamento input-output mais harmônico. (HARRISON & KAUN, 2000: p. 2)

Em resumo, devem ser observados na escolha, o mapeamento *input-output* mais harmônico e o candidato mais especificado. Desse modo, o léxico é otimizado, tornando-se possível preencher o espaço do *input*.

#### 2.2.4 O Gerador (GEN) e os Candidatos a *Output*

A propriedade que atua no âmbito de GEN é a ‘Liberdade da Análise’. Essa propriedade, conforme Kager (1999), confere a GEN a possibilidade de gerar livremente qualquer candidato a *output* concebível a partir de um dado *input*. A única restrição a isso é que os candidatos devem ser elementos lícitos do vocabulário universal de representações lingüísticas.

GEN é um mecanismo universal, uma vez que todas as formas de candidato emitidas por ele a partir de um dado *input* são as mesmas em todas as línguas. Por isso, McCarthy (2002) chama a atenção para o fato de que ele deve fornecer uma quantidade de candidatos suficiente para que contemplem cada uma dos caminhos em que as línguas podem se diferenciar.

GEN estabelece ainda uma relação de dependência em relação ao *input*. Todos os candidatos por ele gerados carregam traços do *input* e apresentam diferenças em relação a ele. Archangeli (1997, p. 15) afirma que “GEN é realmente criativo, sendo capaz de acrescentar, apagar e rearranjar coisas sem restrição. Uma vez que não há restrição, o conjunto de candidatos criados por GEN para algum dado *input* é infinito”.

McCarthy (2002, p. 8) estabelece, em resumo, que “o gerador de candidatos universais (GEN) tem precisamente duas funções: construir formas de candidatos a *output* (...), e especificar uma relação entre o *input* e as formas de candidatos a *output*”.

#### 2.2.5 O Avaliador (EVAL) e o Conjunto de Restrições (CON)

Para Archangeli (1997, p. 15), “EVAL está no coração da Teoria da Otimalidade”. Essa é uma afirmação que nos ajuda a identificar o papel crucial desempenhado pelo

Avaliador dentro da teoria. É nesse dispositivo que o conjunto de restrições (CON) se estabelece e é utilizado por EVAL para selecionar o candidato ótimo dentre os vários candidatos a *output* fornecidos por GEN. Kager (1999) reforça o papel desempenhado por EVAL. Segundo ele:

O Avaliador (EVAL) é indubitavelmente o componente central da gramática uma vez que ele tem a responsabilidade de dar conta de todas as regularidades de forma de superfície. Embora algum candidato a output possa ser postulado por GEN, o papel crucial de EVAL é determinar a ‘harmonia’ de outputs com relação a um dado ranqueamento de restrições. (KAGER, 1999: p. 20)

Além de EVAL, é importante estabelecer a função de CON. Este componente contém, na verdade, todo o conjunto de restrições universais, que se apresentam devidamente hierarquizadas, conforme uma língua particular, para que EVAL possa determinar, a partir dos candidatos a *output*, qual o candidato mais harmônico e, por conseguinte, o candidato ótimo. Isso é demonstrado pelo diagrama<sup>10</sup> (2).

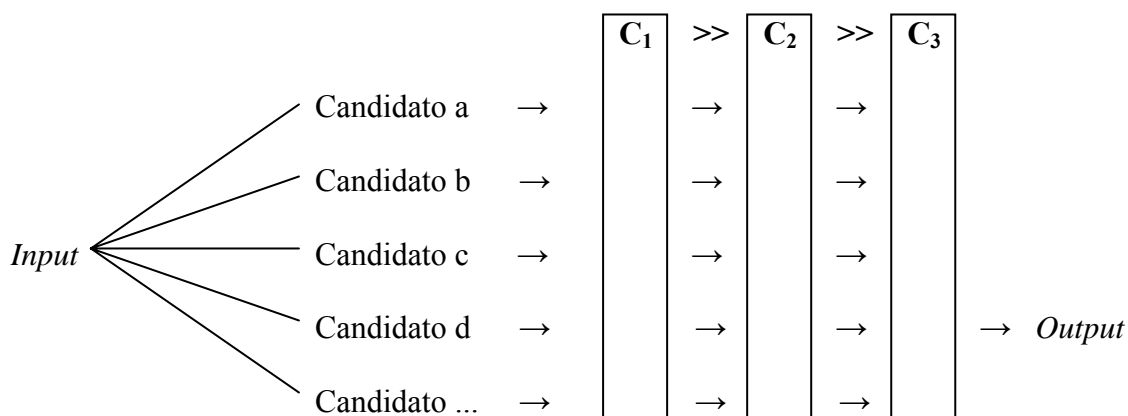
Observe que os candidatos serão avaliados por todas as restrições, conforme o ranqueamento que, nesse caso, já está organizado, com  $C_1 \gg C_2 \gg C_3$ . Como a restrição mais alta é  $C_1$ , ela avaliará, primeiramente, todos os candidatos. Posteriormente, esse papel caberá a  $C_2$  e, finalmente, a  $C_3$ . Após a avaliação por todas as restrições, é fornecido o candidato que melhor satisfaz a avaliação, ou seja, a forma de *output*.

Algumas propriedades interferem diretamente no componente EVAL. A primeira delas é a ‘Transitividade do Ranqueamento’. Essa propriedade postula que uma restrição que domine outra restrição que esteja ordenada<sup>11</sup> em posição inferior domina igualmente todas aquelas as quais estejam ranqueadas abaixo desta última. Conforme o diagrama em (2), se é verificado que  $C_1 \gg C_2$  e  $C_2 \gg C_3$ , então  $C_1 \gg C_3$ .

<sup>10</sup> Extraído de KAGER (1999, p. 22).

<sup>11</sup> Novamente, em relação à terminologia, ordenamento, ranqueamento, hierarquia são postulado em TO como tendo a mesma significação.

Diagrama 2 – Atuação de EVAL



Para se chegar ao candidato mais harmônico, algumas restrições serão violadas. Em relação às violações que vão sendo observadas, é importante observar uma outra propriedade que se apresenta: ‘Economia’. Ao estabelecer que “opções excluídas são disponibilizadas somente para evitar violações de restrições mais altamente ranqueadas e somente podem ser excluídas minimamente”, essa propriedade explicita a função de restrições que ficam mais abaixo na hierarquia estabelecida em CON. Para que as restrições mais altas não sejam violadas, violam-se, preferencialmente, restrições mais baixas que não impedirão que o candidato ótimo se estabeleça. C<sub>3</sub>, por exemplo, do diagrama (2) é uma restrição que não representa o caminho observado de fato na língua, uma vez que se posiciona bem abaixo na hierarquia. Essa opção excluída serve à propriedade da economia, evitando que uma restrição melhor ranqueada seja violada.

Podemos observar, ainda, no âmbito de EVAL, a atuação de duas outras propriedades: ‘Dominação Estrita’ e ‘Paralelismo’. A ‘Dominação Estrita’ institui que “a violação de restrições mais altamente ranqueadas não pode ser compensada pela satisfação de restrições ranqueadas em posição mais baixa”. Em termos práticos, podemos observar isso a partir do *tableau* (3), a seguir:

**Tableau 3 -  $C_1 \gg C_2 \gg C_3$** 

<i>Input</i>	$C_1$	$C_2$	$C_3$
☞ Cand <sub>1</sub>			****
Cand <sub>2</sub>	*!		
Cand <sub>3</sub>		*!	

O fato de  $C_3$ , por exemplo, apresentar um número de violações maior que  $C_1$  e que  $C_2$  não faz com que Cand<sub>1</sub> deixe de ser apontado como o melhor candidato. Na verdade, o que importa é a posição ocupada pela restrição que incorre em violação, não o número de violações. Contudo, o número de violações pode vir a ser considerado caso os candidatos apresentem violações às mesmas restrições. Assim, conforme o *tableau* (4):

**Tableau 4 -  $C_1 \gg C_2 \gg C_3$** 

<i>Input</i>	$C_1$	$C_2$	$C_3$
☞ Cand <sub>1</sub>		**	
Cand <sub>2</sub>	*!		
Cand <sub>3</sub>		***!	

Como é possível verificar, tanto Cand<sub>1</sub> quanto Cand<sub>3</sub> apresentam violações à mesma restrição  $C_2$ . Porém, Cand<sub>1</sub> viola duas vezes, enquanto Cand<sub>3</sub> viola três. Assim, Cand<sub>1</sub> é considerado o candidato ótimo por ter violado menos vezes  $C_2$ . O que desempatou a disputa entre os candidatos foi a terceira violação de  $C_2$  cometida por Cand<sub>3</sub>, devidamente marcada com ‘!’, que representa a violação fatal.

Uma vez apresentada a terceira propriedade encontrada em EVAL, passemos a tratar do ‘Paralelismo’, que dispõe sobre a necessidade de interação em uma hierarquia simples de todas as restrições pertencentes a algum tipo de estrutura. Isso quer dizer que, todas as restrições devem ser ranqueadas, ou seja, deve ser conferida a cada uma das restrições, uma posição no ranqueamento em relação a todas as outras restrições. É aqui que se verifica a interação das restrições de marcação e de fidelidade para a determinação do sistema de uma língua.



Na próxima seção, apresentaremos algumas observações relacionadas ao candidato ótimo.

### 2.2.6 O Candidato Ótimo

Descritos cada um dos elementos que compõem a TO, cumpre-nos, finalmente, apresentar o produto da análise, ou seja, o ‘candidato ótimo’. O candidato ótimo é aquele que, gerado a partir do *input*, melhor satisfaz o conjunto de restrições devidamente ordenadas, após avaliação de EVAL.

De acordo com a penúltima propriedade, a da ‘Otimalidade’, diz-se que “um *output* é ‘ótimo’ quando ele incorre nas violações menos sérias do conjunto de restrições, levando em conta o ranqueamento hierárquico destas”.

Como se verifica nessa propriedade, não se espera que o ‘candidato ótimo’ não incorra em nenhuma violação. Aliás, a última propriedade, a ‘Falácia da Perfeição’, estabelece que “nenhuma forma de *output* é capaz de satisfazer a todas as restrições”. Essa é uma característica importante para a teoria.

Em relação à TO clássica, um e somente um pode ser o candidato ótimo. Isso criaria um problema para a análise que aqui se faz. Contudo, novas abordagens possibilitariam contemplar a variação e serão devidamente apresentadas mais adiante.

Até aqui, buscou-se explicitar a função de cada um dos elementos componentes da TO. Em seções subseqüentes a esta, serão também enfocados o *tableau*, a construção de sua argumentação e os aspectos que determinam a utilização da TO.

### 2.2.7 Construindo a Argumentação do *Tableau*<sup>12</sup>

Na seção 2.2.1, o *tableau* foi rapidamente apresentado para que os exemplos que viessem posteriormente fossem inteligíveis. Nesta seção, buscaremos demonstrar de forma mais detida esse mecanismo de exposição, onde se reúnem a descrição e a explicação do funcionamento das línguas específicas.

Em termos de tipologia, verifica-se a existência de dois tipos de *tableaux*: o ‘*tableau* de dados’ e o ‘*tableau* comparativo’. O primeiro é mais conhecido, dada a sua maior utilização em trabalhos acadêmicos, livros, artigos. É, por assim dizer, aquele que apresenta os candidatos a *output* e analisa cada um deles. Já o *tableau* comparativo busca estabelecer comparações entre o candidato ótimo e os outros competidores, a fim de construir a melhor argumentação. O ‘*tableau* de dados’ é mais global que o ‘*tableau* comparativo’, dada a especificidade deste. Exemplos dos dois tipos de *tableaux* são apresentados em (5) e (6):

**Tableau 5 - Tableau de dados**

	C <sub>1</sub>	C <sub>2</sub>	C <sub>3</sub>
a	*		***
b	*	*!	**
c	**!	*	***

**Tableau 6 - Tableau comparativo**

	C <sub>1</sub>	C <sub>2</sub>	C <sub>3</sub>
a ~ b		W	L
a ~ c	W	W	

Como podemos observar, o *tableau* comparativo explicita a relação do candidato ótimo com as restrições na disputa com os outros candidatos. O símbolo ~ representa a competição entre os candidatos. Assim, ‘a ~ b’ é o mesmo que dizer ‘a compete com b’. A letra ‘W’ indica que a restrição favorece o candidato à esquerda da relação ‘a ~ b’, ou seja,

<sup>12</sup> Os exemplos apresentados nessa seção foram extraídos de Prince (2002), bem como os postulados teóricos.

não violou, ou violou menos vezes, aquela restrição que seu oponente à direita. Já a letra L indica a restrição desfavorece esse mesmo candidato na disputa com seu oponente.

Observemos o primeiro par de competidores no *tableau* (6). Em relação à restrição  $C_1$ , verifica-se que não há favorecimento para algum candidato. Pensando de outra forma, ou nenhum dos dois candidatos violou a referida restrição, ou incorreram no mesmo número de violações, possibilidade esta comprovada pelo *tableau* (5). Com referência à restrição  $C_2$ , o candidato ‘a’ vence o candidato ‘b’, uma vez que, de acordo com o *tableau* (5), não incorreu em qualquer violação, enquanto ‘b’ viola  $C_2$  uma vez. Essa é a restrição que estabelece o candidato ‘a’ como mais harmônico na comparação com ‘b’, haja vista que é mais altamente ranqueada que  $C_3$ , onde o candidato ‘a’ perde para ‘b’.

Para uma exposição correta no *tableau* de dados, alguns passos devem ser observados. Assim, é importante que a construção da argumentação seja realizada antes no *tableau* comparativo. Esse tipo de *tableau*, conforme Prince (2002), tem funções importantes:

Porque o ‘tableau comparativo’ identifica e representa de maneira exata aqueles elementos que figuram na lógica dos argumentos do ranqueamento, ele fornece as bases para se entender qualquer análise teórica de otimalidade. Como uma estrutura de dados, o *tableau* comparativo possibilita apresentar e avaliar as reivindicações do ranqueamento; para descobrir redundâncias, conseqüências não-óbvias e contradições em conjuntos de argumentos de ranqueamento; para realizar o rebaixamento de restrições no ranqueamento; e para determinar eficientemente o status universal sub-ótimo. Por causa disso, o *tableau* comparativo suporta o tipo de análise que determina como as restrições interagem para produzir os diversos efeitos que emergem da gramática. (PRINCE, 2002: p. 3)

A questão que ora se coloca vincula-se à construção da argumentação no *tableau* comparativo. Primeiramente, deve-se ter em mente qual o candidato a ser considerado como *ótimo*. Esse candidato é a forma fonética existente na língua, dado que já temos. O importante, então, é determinar como funciona a gramática da língua para que a forma ótima seja aquela. Assim, sabemos de antemão qual candidato deve ser o que melhor satisfaz as restrições. Esse candidato será comparado com os outros a partir de um conjunto de restrições ainda não

ranqueadas para que se observe em quais ele vence, em quais ele perde e em quais há empate.

Observemos, pois, o *tableau* (7):

**Tableau 7 - Tableau comparativo<sup>13</sup> a ~ b**

	C <sub>1</sub>	C <sub>2</sub>	C <sub>3</sub>	C <sub>4</sub>	C <sub>5</sub>	C <sub>6</sub>	C <sub>7</sub>
a ~ b		L	W		W	L	L

Conforme se verifica, o candidato que desejamos que seja o ótimo, ou seja, o candidato 'a', é favorecido nas restrições C<sub>3</sub> e C<sub>5</sub>, desfavorecido nas restrições C<sub>2</sub>, C<sub>6</sub> e C<sub>7</sub>, e empata<sup>14</sup> com o candidato 'b' nas restrições C<sub>1</sub> e C<sub>4</sub>. Se quisermos que 'a' seja escolhido como o '*output* ótimo', devemos estabelecer um ranqueamento em que, obrigatoriamente, ou C<sub>3</sub>, ou C<sub>5</sub>, ou ambas as restrições dominem C<sub>2</sub>, C<sub>6</sub>, e C<sub>7</sub>. As restrições em branco não entram na avaliação comparativa e, por isso, podem ser ignoradas. Basicamente é o que deve ser observado. Contudo, existem mais algumas condições a serem obedecidas.

Prince (2002) argumenta que:

Além da vitória, fácil de identificar, o conhecimento das 'derrotas' é essencial para o argumento do ranqueamento. Além disso, o conhecimento de todas as vitórias e derrotas locais é necessário para se determinar o alcance dos ranqueamentos compatíveis com os dados. (PRINCE, 2002: p. 3)

Para construir a argumentação, tomemos, primeiramente, um *tableau* de dados, como em (8):

**Tableau 8 - C<sub>1</sub>, C<sub>2</sub>, C<sub>3</sub>, C<sub>4</sub>**

	C <sub>1</sub>	C <sub>2</sub>	C <sub>3</sub>	C <sub>4</sub>
z	*	*	*	
a	*		**	
b		*	*	*
c	**	**		

<sup>13</sup> As linhas pontilhadas entre as colunas de restrições indicam que não existe dominância de uma restrição sobre a outra.

<sup>14</sup> Quando dizemos que há empate, é o mesmo que dizer que a restrição não distingue os dois candidatos.

Digamos que o candidato que deve ser considerado como ‘ótimo’ ao final da análise é ‘z’. Assim, a relação de competição se dará entre ‘z’ e cada um dos outros candidatos. Observemos o *tableau* (9) que demonstra a comparação entre ‘z’ e seus oponentes, a partir do *tableau* de dados em (8):

**Tableau 9 -  $C_1, C_2, C_3, C_4$ .**

	$C_1$	$C_2$	$C_3$	$C_4$
$z \sim a$		L	W	
$z \sim b$	L			W
$z \sim c$	W	W	L	

Para que a argumentação seja devidamente construída, um algoritmo denominado ‘*Recursive Constraint Demotion*’ (RCD) deve ser considerado. De acordo com Prince (2002, p. 21-23), devemos, primeiramente, separar as restrições que possuem, em sua coluna, apenas W e outras células em branco. Nesse caso, apenas a restrição  $C_4$ , onde se observa um W marcado com um tachado duplo, satisfaz essa condição:

**Tableau 10 -  $C_1, C_2, C_3, C_4$ .**

	$C_1$	$C_2$	$C_3$	$C_4$
$z \sim a$		L	W	
$z \sim b$	L			<del>W</del>
$z \sim c$	W	W	L	

Nessa restrição, ninguém é mais favorecido do que ‘z’. Por isso, ela deve ser colocada na primeira posição do ranqueamento. Assim, em princípio, já sabemos que  $C_4 \gg \{C_1, C_2, C_3\}$ . Uma vez que o W da restrição  $C_4$  encontra-se na linha  $z \sim b$ , essa linha é suprimida, dada a vitória de ‘z’ sobre ‘b’ pelo ranqueamento da restrição  $C_4$  na primeira posição do *tableau* e observa-se, novamente a coluna onde haja W livre:

**Tableau 11 -  $C_4 \gg C_1, C_2, C_3$**

	$C_4$	$C_1$	$C_2$	$C_3$
$z \sim a$			L	W
$z \sim b$	W	L		
$z \sim c$		<del>W</del>	W	L

A coluna onde se verifica um W livre é a da restrição  $C_1$ , que deve ser ranqueada logo abaixo de  $C_4$ . Novamente, como o W livre encontrava-se na linha de disputa entre ‘z’ e ‘c’, essa linha deve ser eliminada.

**Tableau 12 -  $C_4 \gg C_1 \gg C_2, C_3$**

	$C_4$	$C_1$	$C_2$	$C_3$
$z \sim a$			L	<del>W</del>
$z \sim b$	W	L		
$z \sim c$		W	W	L

Finalmente, observa-se que  $C_3$  apresenta W livre e, por isso, deve ser ranqueada acima de  $C_2$ , garantindo, assim, que ‘z’ prevaleça sobre todos os outros candidatos. Desse modo, o ranqueamento a ser aplicado é  $C_4 \gg C_1 \gg C_2 \gg C_3$ . Esse ordenamento das restrições permitirá a ‘z’ ser estabelecido como o candidato ótimo.

Passando novamente para o *tableau* de dados, poderemos comprovar devidamente a escolha de ‘z’:

**Tableau 13 -  $C_4 \gg C_1 \gg C_2 \gg C_3$**

	$C_4$	$C_1$	$C_3$	$C_2$
$\varphi$ z		*	*	*
a		*	**!	
b	*!		*	*
c		**!		**

Como se pode ver pelo exemplo, é a correta argumentação do *tableau* que permite a escolha do candidato que pode ser encontrado na forma fonética de uma língua específica. Assim, essa argumentação será devidamente observada, embora, não necessariamente explicitada, como o foi aqui, nos *tableaux* que contemplarão as análises no cap. 3 desta dissertação. Encerra-se aqui a explanação acerca da Teoria da Otimalidade em um modelo clássico.

Passaremos, a seguir, a justificar a escolha pela TO como referencial teórico para nossas análises. Posteriormente, apresentaremos algumas propostas dentro desse modelo para aplicação à variação lingüística.

### **2.3 Sobre a utilização da Teoria da Otimalidade**

Como já discutido no início do capítulo, vem-se verificando a necessidade da união da competência ao desempenho, uma vez que a variação lingüística em uma língua é algo perfeitamente observável, assim como regularidades entre as línguas do mundo. Verifica-se, também, que dentro da variação, podem-se perceber configurações que explicitam regularidade, o que permitiria a utilização das teorias formais para explicá-las. Esse é um dos motivos que explicam a escolha da TO como teoria formal a ser aplicada a fenômenos de variação lingüística.

É sabido que muito, ainda, se discute a aplicação de teorias baseadas em universais lingüísticos a esses fenômenos. Entretanto, a TO tem sido objeto de reflexão dos próprios lingüistas que se ocupam da variação e mudança lingüísticas, em função de seu poder explicativo e das alternativas ao modelo clássico que permitem a abordagem de fenômenos de variação lingüística. De acordo com Guy (1997):

Como um grande número de estudiosos têm notado, a hierarquia de restrições postulada na TO possibilita uma explicitação da variação, uma vez que não impõe quaisquer limitações de princípios sobre que ordens seqüenciais as várias restrições podem adotar; realmente, a teoria atribui explicitamente diferenças entre línguas através de diferentes ordenamentos do inventário de restrições universais. Se isso é possível para diferentes línguas, por que não seria para diferentes dialetos regionais, dialetos sociais, diferenças estilísticas, ou variabilidade na fala individual? (GUY, 1997: p. 136)

Conforme poderá ser verificado mais adiante, algumas propostas calcadas na TO têm buscado estabelecer formas de aplicação da teoria à variação lingüística e essas possibilidades interessam sobremaneira a este trabalho. Com referência a essas propostas, essencialmente ao ordenamento parcial de restrições, que veremos mais adiante, Guy (1997) observa que:

Essas abordagens marcam um significativo ingresso no tratamento teórico da variação, em que se empenham (os estudiosos) na busca de descobertas quantitativas e de oferecer explicações de regularidades não-categoriais no uso da língua. Esse é um passo muito importante para a reconciliação de competência e desempenho e para o afastamento do mal-emprego dessa distinção (...). (GUY, 1997: p. 138)

O fato de ser uma teoria pautada pelos pressupostos da teoria lingüística aliado à possibilidade de descrição e explicação de fenômenos de variação ajudou a determinar a escolha pela TO como pressuposto teórico para a análise da variação encontrada nos dialetos das regiões sul e norte de Minas Gerais.

Reconhece-se que é um caminho ainda incipiente, tortuoso, repleto de percalços e elementos de contradição. Contudo, tentativas para tal reconciliação têm sido realizadas e têm mostrado uma evolução interessante.

De maneira bastante sucinta, apresentamos alguns motivos para a utilização da TO. Tais motivos ficarão mais claros à medida que forem sendo discutidas as propostas de aplicação da teoria à variação lingüística. Assim, na próxima seção, serão relacionados os modelos que se colocam como alternativas para explicar tal fenômeno.

## **2.4 Sobre a Teoria da Otimalidade e a Variação Lingüística**

A TO clássica, como pôde ser observado no início deste capítulo, baseada numa gramática estabelecida a partir de um conjunto de restrições universais hierarquicamente



ordenadas, busca a explicitação de um único candidato ótimo. Ou, ainda, tomando por base o *output*, a forma fonética observada na produção, a TO procura estabelecer a gramática daquela língua. Podemos dizer que a TO clássica volta-se para a produção, para o desempenho do falante da língua. Observa-se, porém, uma preocupação dessa teoria em discutir mais o funcionamento do idioma do que as realizações desse idioma em suas formas variadas, uma vez que pressupõe a existência de um único candidato ótimo.

Em princípio, seria necessário dizer que cada variante lingüística, ou seja, que a presença de [ɛ] e [ɔ] em posição pretônica em determinados contextos do dialeto da região Norte de Minas Gerais em contraposição à [e] e [o] em ambiente análogo da região Sul do referido estado, determinaria dois outputs diferentes. Se adotarmos a teoria em seu entendimento mais restrito, apontaremos dois idiomas distintos, haja vista o fato de que teremos, em princípio, dois ordenamentos diferentes, um para cada output. Isso se tornaria um problema, uma vez que não temos línguas diversas, nesse caso, apenas, dialetos de uma mesma língua.

Por outro lado, como obter, depois de estabelecido um ordenamento total de restrições, mais de um candidato ótimo para satisfazer aquilo que se verifica na variação?

É sabido que a variação lingüística constitui-se, desde o cerne da TO, como um problema, ou melhor, como elemento que poderia transtornar a base de sustentação da teoria. Por isso, julgamos que tal fenômeno deve receber a devida atenção para que se possa explicá-lo, em bases teóricas, da maneira mais adequada.

As discussões tomaram lugar e, logo, alguns modelos apresentaram-se como boas alternativas para o tratamento da questão. Assim, no próximo item será resumidamente apresentado cada um desses modelos, sendo que as propostas de Anttila & Cho (1998), e de Coetzee (2005) serão aqui destacadas e aplicadas ao corpus constituído para a análise que aqui se faz. Essas propostas serão expostas mais detidamente adiante.

### **2.4.1 Modelos da Teoria da Otimidade aplicados a fenômenos de variação**

Vários são os trabalhos realizados, a partir da TO, que fazem referência ao tratamento de fenômenos de variação lingüística. Nesta seção, faremos uma rápida abordagem de cada um dos principais modelos. Posteriormente, apresentaremos uma discussão mais detida a respeito de quatro desses modelos que serão diretamente aplicados neste trabalho. Cada uma das propostas busca estabelecer uma aproximação entre os fenômenos de variação interdialeto e intradialeto e a TO, de forma a evitar que princípios essenciais da teoria sejam feridos, ou, ao menos, sejam, tais e quais as restrições, violados minimamente.

Apresentaremos, pois, a partir de agora, quatro possibilidades de tratamento dos fenômenos de variação a partir de propostas variacionistas da teoria que são: ‘gramáticas de ranqueamento contínuo’ de Boersma & Hayes (1999); ‘modelo dos ranqueamentos múltiplos’ de Anttila & Cho (1998); ‘modelo de ranqueamento dos candidatos’ de Coetzee (2005); e a recente proposta de abordagem da variação desenvolvida por ‘Lee & Oliveira (2006)’.

#### **2.4.1.1 A proposta de Boersma & Hayes (1999)**

O modelo de ‘gramáticas de ranqueamento contínuo’, trabalhado essencialmente por Boersma & Hayes (1999), pressupõe que cada restrição tem um ‘valor de ranqueamento fixo’ ao longo de uma escala de número real, onde os valores mais altos correspondem às restrições mais altamente ranqueadas. Conforme a descrição de Anttila (2000):

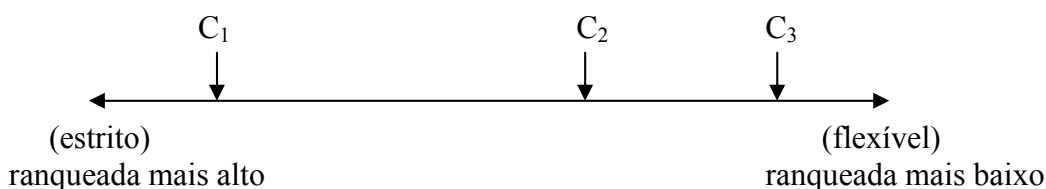
Para descrever a variação, o modelo introduz a ‘Avaliação do Candidato Estocástico’. (...) propõe que, na avaliação do tempo, (isto é, no momento da fala),

um valor aleatório positivo ou negativo é temporariamente adicionado para o valor de ranqueamento de cada restrição. O valor do ranqueamento atual resultante é chamado de ‘Ponto de Seleção’. Como os pontos de seleção variarão em torno do valor de ranqueamento fixo de avaliação para avaliação, as restrições começam a agir como se eles fossem associados com alcances de valores, em vez de pontos. Isso significa que o alcance da restrição pode se sobrepor a diferentes níveis. (ANTTILA, 2000: p. 31)

É no espaço comum de sobreposição entre duas restrições que se dá a variação.

Passamos, pois, a demonstrar como a base dessa proposta. Observemos o diagrama (3)<sup>15</sup>:

**Diagrama 3 - Ranqueamento categórico ao longo de uma escala contínua**

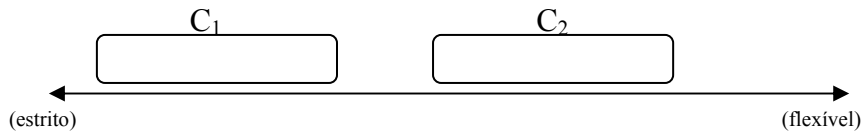
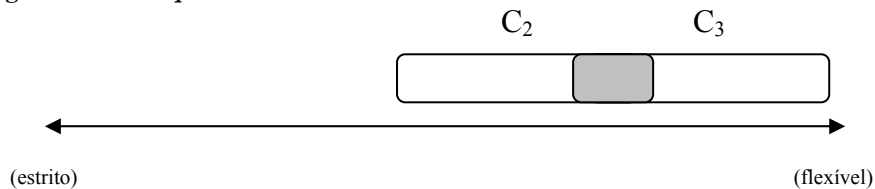


Essa escala de ranqueamento categórico mostra que  $C_1 \gg C_2 \gg C_3$ . Conforme a proposta de avaliação estocástica, em vez de pontos simples, tal qual se demonstra na escala (3), onde a dominação é estrita, as restrições ocupariam aquilo que poderíamos denominar de ‘valores de abrangência’. Conforme Boersma & Hayes (1999):

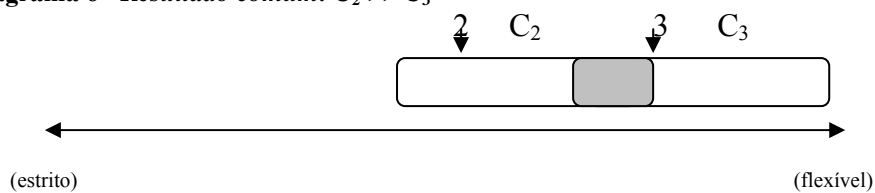
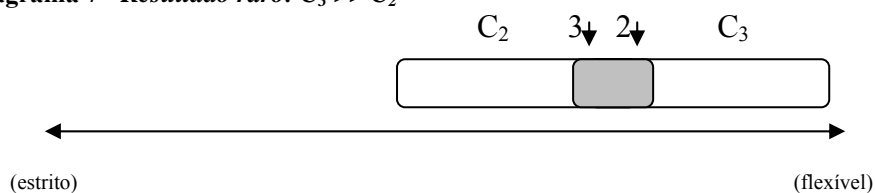
A escala de ranqueamento contínuo torna-se mais significativa quando as diferenças na distância têm conseqüências observáveis, por exemplo, se a curta distância entre C2 e C3 em (1) nos diz que o ranqueamento relativo desse par de restrições é menos fixo que aquele de C1 e C2. Nós sugerimos que no processo da fala (isto é, no tempo de avaliação, quanto os candidatos no tableau têm de ser avaliados para determinar um vencedor), a posição de cada restrição é temporariamente perturbada por um valor aleatório positivo ou negativo. Desse modo, as restrições agem como se elas estivessem associadas com valores de abrangência. Chamaremos o valor usado na avaliação de ‘ponto de seleção’. O valor mais permanentemente associado com as restrições, isto é, o centro da abrangência, será chamado de ‘valor de ranqueamento’. (BOERSMA & HAYES, 1999, p. 3)

Observemos como isso ocorre através dos diagramas (4) e (5), a seguir:

<sup>15</sup> Os diagramas que se seguem em relação a essa proposta foram adaptados de Boersma & Hayes (1999).

**Diagrama 4 - Ranqueamento categórico com abrangência****Diagrama 5 - Ranqueamento Livre**

No diagrama (4), não se observa sobreposição da ‘área de abrangência’ das restrições, assim, o ranqueamento é absolutamente estrito, ou seja,  $C_1 \gg C_2$ . Já em (5), as áreas de abrangência das duas restrições apresentam um espaço de interseção, representado pelo sombreamento. Se os pontos de seleção das duas restrições estiverem localizados fora da área de abrangência, ou localizados nessa área de maneira que  $C_2$  fique mais à esquerda de  $C_3$ , a dominância de  $C_2$  sobre  $C_3$  poderá ser devidamente verificada, conforme o diagrama (6). Por outro lado, caso as duas restrições encontrem-se na área de abrangência, sendo que  $C_3$  esteja mais à esquerda de  $C_2$ , então  $C_3 \gg C_2$ , como em (7):

**Diagrama 6 - Resultado comum:  $C_2 \gg C_3$** **Diagrama 7 - Resultado raro:  $C_3 \gg C_2$** 

Essa sobreposição é que pode determinar a variação, onde os dois ranqueamentos distintos, que podem ser produzidos nessas condições, determinam diferentes vencedores dentre aqueles candidatos fornecidos por GEN, a partir de um único *input*.

Embora se estabeleça como uma das melhores abordagens relacionadas à variação lingüística, a proposta de Boersma & Hayes (1999) não será aplicada a essa discussão por demandar um número maior de dados que aquele de que dispomos.

O *corpus* aqui utilizado será analisado sob três perspectivas. Primeiramente, o enfoque estará relacionado à TO clássica, já devidamente apresentada no primeiro capítulo desta. Posteriormente, serão elaboradas análises dentro das propostas variacionistas de Anttila & Cho (1998), de Coetzee (2005), a serem adequadamente explicitadas nas próximas seções.

Espera-se, assim, além de observar as possibilidades de discussão da questão da variação, expor as virtudes e dificuldades de cada uma delas, a exemplo do que já foi feito com aquelas propostas já descartadas nesta seção.

#### **2.4.1.2 A proposta de Anttila & Cho (1998)**

Anttila (1997) foi o primeiro a propor um modelo que enfocasse a variação sob as bases da TO. No artigo ‘*Deriving Variation from Grammar*’, caracterizado por ele como “uma tentativa de reconciliar a variação com a fonologia gerativa”, é lançada a primeira tentativa de aplicação de sua proposta. Após esse primeiro trabalho, já no ano seguinte, o artigo ‘*Variation and Change in Optimality Theory*’, escrito conjuntamente com Cho, apresenta uma discussão acerca de um fenômeno de variação e, ora, passamos a explicitá-la.

Em Anttila & Cho (1998), verificou-se a necessidade de se postular uma teoria que seja capaz de conectar fenômenos invariáveis e variáveis. Propõe-se, por isso, a partir da

TO, a utilização de ranqueamentos parciais para dar conta da variação, o que vem a resultar em múltiplos *tableaux*. Segundo os autores, são quatro as propriedades que determinam a gramática teórica da TO. Essas propriedades relacionam-se diretamente àquelas listadas na seção 1.2.3. São essas propriedades:

- a) Irreflexibilidade: nenhuma restrição pode ser ranqueada abaixo ou acima de si própria.
- b) Assimetria: se a restrição x é ranqueada acima da restrição y, ela não pode ser ranqueada abaixo de y;
- c) Transitividade: se x é ranqueada acima de y e y é ranqueada acima de z, então x é ranqueada acima de z.
- d) Conectividade: toda restrição é ranqueada com relação a todas as outras restrições.

De acordo com a proposta do ordenamento parcial, as gramáticas das línguas não estariam conectadas, abolindo, dessa maneira, a propriedade (d). Isso permitiria acomodar de maneira confortável a variação existente entre os dialetos em estudo.

Seriam conseqüências teóricas da hipótese de ordenamento parcial:

Primeiro, o conjunto de gramáticas possíveis inclui tanto sistemas invariáveis quanto variáveis. (...) Segundo, a teoria do ordenamento parcial acomoda tanto os julgamentos categoriais, quanto as preferências, sem abolir a distinção entre gramaticalidade e agramaticalidade. (ANTILLA & CHO, 1998: p. 39)

Para construir-se um *tableau* a partir de um ordenamento parcial, deve-se primeiro estabelecer um ranqueamento total. Iriam sendo removidas uma a uma, então, as hierarquias, até ser possível contemplar devidamente a variação.

A partir das observações feitas pelos autores a partir de três restrições, \*CODA, ONSET e FAITH, procuraremos demonstrar de que maneira essas restrições podem interagir de maneira a dar conta de fenômenos de variação.

Nas análises de Anttila & Cho (1998), verificou-se, a partir do fenômeno de variação do r-Ø no inglês, que as restrições supracitadas constituíam-se como essenciais para explicá-lo. Resumindo as observações<sup>16</sup> acerca do fenômeno, detectou-se o seguinte:

- a) apagamento de ‘r’ antes de consoante (*Home<r><sup>17</sup> left.*);
- b) inserção de ‘r’ entre vogais heterossilábicas adjacentes (*Wanda[r] arrived.*);
- c) sem apagamento antes de vogal (*Homer arrived.*);
- d) sem inserção antes de consoante (*Wanda left.*).

De acordo com Anttila & Cho (1998, p. 33) “a generalização intuitiva é a de que /r/ é favorecido antes de vogais, mas desfavorecido antes de consoantes”.

Verificou-se a existência de três sistemas invariantes, A, B e C, relacionados às variáveis acima descritas.

**Tabela 6 – Sistemas invariantes**

	(a)	(b)	(c)	(d)
<b>A</b>	Wanda left	Homer left	Wanda arrived	Homer arrived
<b>B</b>	Wanda left	Home<r> left	Wanda arrived	Homer arrived
<b>C</b>	Wanda left	Home<r> left	Wanda[r] arrived	Homer arrived

<sup>16</sup> Os exemplos apresentados nesta seção, bem como os *tableaux*, foram extraídos de ANTILA & CHO (1998).

<sup>17</sup> <r> = apagamento, [r] = inserção.

Onde há apagamento de ‘r’ antes de consoante, verifica-se que a restrição \*CODA (sílabas não devem ter *coda*), está ativa. Em casos de inserção de ‘r’ entre vogais heterossilábicas adjacentes, a restrição que age é ONSET (sílabas devem ter *onset*). E, finalmente, quando nada ocorre, observa-se que FAITH (não apague, não insira) interfere.

No dialeto A, FAITH apresenta-se como a restrição mais importante. No dialeto B, \*CODA parece ser a restrição mais alta. Já no dialeto C, FAITH fica submetido a \*CODA e ONSET. A diferença entre os três sistemas está na posição relativa ocupada por FAITH, uma vez que é certo que \*CODA sempre domina ONSET. Senão, vejamos:

**Tableau 14 – Dialeto A**

Dialeto A	FAITH	*CODA	ONSET
(a) ☞ Wanda left			
Wanda[r] left	*!	*	
(b) ☞ Homer left		*	
Homer<r> left	*!		
(c) ☞ Wanda arrived			*
Wanda[r] arrived	*!		
(d) ☞ Homer arrived			
Homer<r> arrived	*!		*

**Tableau 15 – Dialeto B**

Dialeto B	*CODA	FAITH	ONSET
(a) ☞ Wanda left			
Wanda[r] left	*!	*	
(b) Homer left	*!		
☞ Homer<r> left		*	
(c) ☞ Wanda arrived			*
Wanda[r] arrived		*!	
(d) ☞ Homer arrived			
Homer<r> arrived		*!	*

**Tableau 16 – Dialeto C**

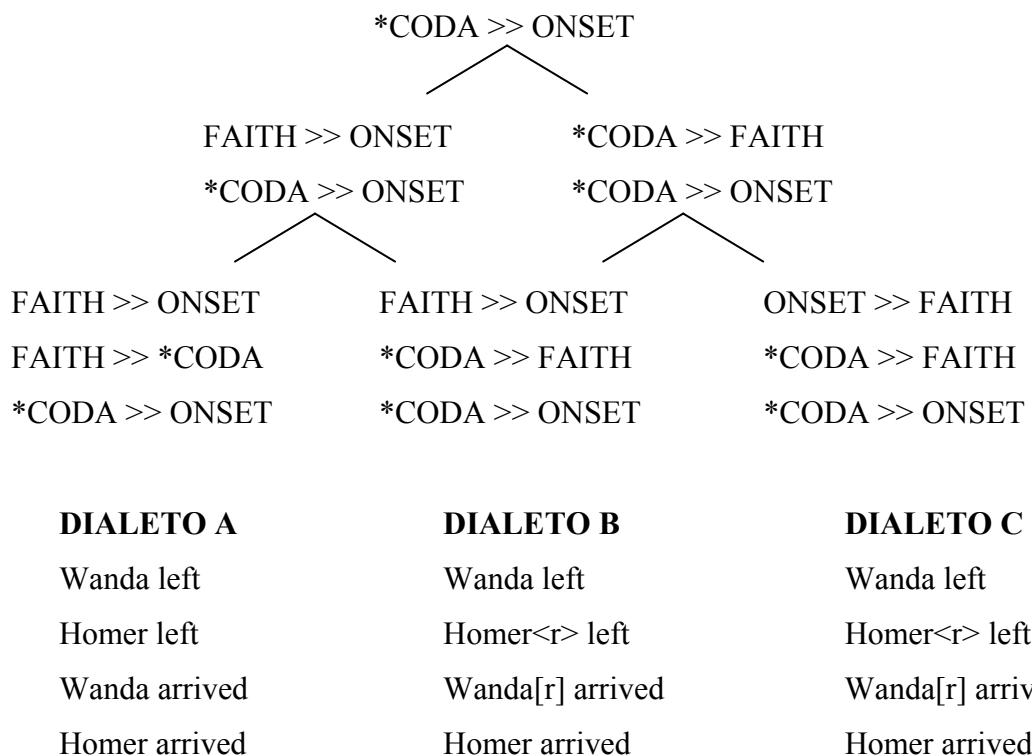
Dialeto C	*CODA	ONSET	FAITH
(a) ☞ Wanda left			
Wanda[r] left	*!		*
(b) Homer left	*!		
☞ Homer<r> left			*
(c) Wanda arrived		*!	
☞ Wanda[r] arrived			*
(d) ☞ Homer arrived			
Homer<r> arrived		*!	*



Realmente, através dos três *tableaux*, é possível verificar que \*CODA sempre domina ONSET. Essa é uma generalização que é possível fazer: \*CODA >> ONSET. A partir dessa generalização, constrói-se um sistema capaz de explicitar as relações existentes e conter as três gramáticas. A árvore (8) representa essa possibilidade.

Nessa árvore, existem três níveis. O nível superior é a raiz, os nós constituem nível intermediário, e o terceiro nível é constituído por folhas. As três folhas da árvore referem-se aos sistemas invariantes, ou seja, aos dialetos A, B e C. Os nós constituem as gramáticas em variação, alimentando os dialetos. Já a raiz constitui-se como membro essencial tanto dos nós, quanto das folhas. Isso pode ser observado em cada um dos *tableaux* apresentados nesta seção.

**Diagrama 8 - Árvore gramatical**



Conforme Anttila & Cho (1998), é a seguinte a proposta de interpretação para as gramáticas parcialmente ordenadas:

- a) Um candidato é previsto pela gramática sse ele vence em algum *tableau*.
- b) Se um candidato vence em  $n$  *tableaux* e  $t$  é o número total de *tableaux*, então a probabilidade de ocorrência desse candidato é determinada por  $n/t$ .

Em resumo, são observadas por Anttila & Cho (1998), as seguintes conseqüências teóricas da hipótese de ordenamento parcial:

1. O conjunto de gramáticas possíveis inclui tanto sistemas invariáveis quanto variáveis.
2. A teoria de ordenamento parcial acomoda tanto os julgamentos categoriais, quanto as preferências, sem abolir a distinção entre gramaticalidade e agramaticalidade. Na medida em que a utilização de estatística reflete restrições gramaticais, tais como sonoridade, acento e estrutura silábica, elas refletem competência e seriam explicadas pela teoria de competência, que nos permite fazer ordenamentos parciais.

Feita a explanação da proposta de Anttila & Cho (1998), apresentaremos, no próximo subitem, uma análise de Lee & Oliveira (2003), baseada nessa proposta, sobre a variação das vogais médias pretônicas no PB, mesmo objeto desta dissertação.

#### **2.4.1.2.1 A análise de Lee & Oliveira (2003) sobre a variação das vogais médias pretônicas no PB.**

Uma aplicação bastante interessante do modelo de *tableaux* múltiplos de Anttila & Cho (1998) é apresentada por Lee & Oliveira (2003) num artigo que discute alguns dialetos

do PB. Nessa abordagem, Lee & Oliveira (2003) tomam como objeto de análise o comportamento das vogais pretônicas nos dialetos de Salvador, Belo Horizonte, Fortaleza e de São Paulo e debatem a variação inter- e intradialetal no PB.

Primeiramente, os autores discutem a tipologia da neutralização vocálica na literatura da TO, à qual é tratada como fidelidade posicional, de acordo com McCarthy (1999)<sup>18</sup> e Beckman (1997)<sup>19</sup>, assumindo a tipologia de contraste de altura em relação ao acento, proposta por McCarthy (1999):

**Tabela 7 - Tipologia de Contraste de Altura**

<b>Ranking</b>	<b>Interpretation</b>	<b>Example</b>
*MID >> IDENT <sub>STR</sub> (HEIGHT), IDENT(HEIGHT)	No mid vowels anywhere.	Arabic
IDENT <sub>STR</sub> (HEIGHT) >> *MID >> IDENT(HEIGHT)	Mid vowels only in stressed syllables.	Russian, Nancowry
IDENT <sub>STR</sub> (HEIGHT), IDENT(HEIGHT) >> *MID	Mid vowels in stressed and unstressed syllables.	Spanish

(Extracted from McCarthy, 1999)<sup>20</sup>

A partir de uma adaptação para o PB, que possui contraste fonêmico entre vogais médias-altas e vogais médias-baixas na sílaba tônica, propuseram duas restrições:

- \*[-ATR, -LOW, -Hi], ou \*ε/ɔ, para explicar a neutralização recorrente nos dialetos do Centro-Sul do Brasil;
- \*[+ATR, -LOW, -Hi], ou \*e/o, para explicar a neutralização recorrente nos dialetos do Norte do Brasil.

Assim, como a primeira preocupação era manter o contraste fonêmico na sílaba tônica, propuseram a seguinte hierarquia de restrições:

<sup>18</sup> *apud* Lee & Oliveira (2003).

<sup>19</sup> *Idem.*

<sup>20</sup> *Ibidem.*

**Tableau 17 - IDENT<sub>STR</sub>(HEIGHT/ATR) >> \*ε/ɔ >> IDENT(HEIGHT) >> IDENT(ATR)<sup>21</sup>**

ɔ	IDENT <sub>STR</sub> (HEIGHT/ATR)	*ε/ɔ	IDENT(HEIGHT)	IDENT(ATR)
a. ɔ		*		
b. u	*!		*	
c. o	*!			*

**IDENT<sub>STR</sub>(HEIGHT/ATR):** Os traços [altura] e [ATR] devem ser preservados na posição tônica.

**\*ε/ɔ:** Vogais médias-baixas não são permitidas.

**IDENT(HEIGHT):** O traço [altura] deve ser preservado.

**IDENT(ATR):** O traço [ATR] deve ser preservado.

A restrição de fidelidade posicional IDENT<sub>STR</sub>(HEIGHT/ATR) preserva o contraste fonêmico na sílaba tônica e, por isso, deve sempre estar ranqueada acima das demais restrições.

Amparados por dados de informantes, bem como de outros trabalhos, os autores procuraram apresentar uma análise baseada em restrições que ajudam a explicar os diversos processos fonológicos que atuam na pauta pretônica em diferentes variedades dialetais estudadas.

Lee & Oliveira (2003) verificam, por exemplo, através dos dados de Jales (SP), “que nesse dialeto paulista, como de resto nos demais dialetos do sul do Brasil, as vogais pretônicas médias são neutralizadas, obrigatoriamente, em [e]/[o], não sendo permitida a neutralização com timbre aberto nem seu alçamento para vogal alta”.

#### **Relação 1 - Dados de Jales (SP)**

- a) repolho, remédio, cerveja, relógio, menino ( [e], \*[E], \*[i] )
- b) fofoca, comércio, comida, coragem, cozinha ( [o], \*[O], \*[u] )

<sup>21</sup> Os *tableaux* que se seguem nesta seção foram extraídos de Lee & Olivera (2003).

Uma vez que os processos de harmonia vocálica e de redução vocálica não atuam nesse dialeto, Lee & Oliveira (2003) apresentam a seguinte hierarquia de restrições para descrever e explicar a tendência do PB na variedade do Centro-Sul, em relação às pretônicas:

**Tableau 18 - \* $\epsilon/\text{ɔ}$  >> IDENT(HEIGHT) >> IDENT (ATR) >> \*MID**

/ $\epsilon$ /	* $\epsilon/\text{ɔ}$	IDENT(HEIGHT)	IDENT (ATR)	*MID
a. e			*	*
b. $\epsilon$	*!			*
c. i		*!		

beleza => belezã

\*MID: Vogais médias não são permitidas.

Conforme os autores, a dominância da restrição de marcação que proíbe as vogais médias-baixas na posição pretônica sobre as restrições de fidelidade, que preserva altura e traços[ATR] do *input*, explica a neutralização<sup>22</sup> recorrente nesse dialeto, a qual determina o destino final das vogais médias pretônicas: Neutralização >> Fidelidade >> Redução.

Conforme os autores, as alternâncias de vogais médias pretônicas podem ser resumidas através da seguinte tabela<sup>23</sup>:

**Tabela 8 – Alternância de vogais médias do PB**

	Paulista	Mineiro	Alagoas, Ceará	Baiano
Marcação	* $\epsilon/\text{ɔ}$	* $\epsilon/\text{ɔ}$	*e/o	*e/o
Harm. Vocálica (AGREE)	N/A	Aplica	Aplica	N/A
Red. Vocálica *MID	N/A	Aplica (parcial)	Aplica	Aplica
Variação	N/A	S (gatilho: redução, neutralização)	S (gatilho: redução)	??
	Neutralização >> Fidelidade >> Redução >> Harmonia	Harmonia >> Neutralização >> Redução >> Fidelidade	Harmonia >> Neutralização >> Redução >> Fidelidade	Neutralização >> Redução >> Fidelidade >> Harmonia

<sup>22</sup> Contudo, conforme a seqüência de nossa dissertação, poderemos identificar que não é a neutralização o processo relevante nessa região, mas sim, a fidelidade.

<sup>23</sup> Extraída de Lee & Oliveira (2003).

### 2.4.1.3 A proposta de Coetzee (2005)

No ano de 2004, Coetzee defende uma tese que discute o papel dos candidatos considerados perdedores a partir da análise de EVAL. Pela TO clássica e mesmo no modelo de Anttila & Cho (1998), o papel desempenhado por EVAL restringe-se apenas a dizer qual é o candidato ótimo, omitindo qualquer classificação entre os demais candidatos, excluindo-os do processo. Ora, se o ‘avaliador’ realiza uma análise capaz de estabelecer o melhor candidato a partir de restrições devidamente hierarquizadas, nada impede que o faça com os demais candidatos, classificando-os, devidamente, conforme o seguimento do exame de EVAL. Essa proposta de ordenar os candidatos visa apresentar uma possibilidade de análise de fenômenos de variação à luz da TO.

Em 2005, Coetzee realiza uma discussão a respeito disso no artigo “*Variation as Accessing ‘Non-Optimal’ Candidates – A Rank-Ordering Model of EVAL*”, onde busca apresentar as considerações observadas na tese. Essa discussão é o que passaremos a expor.

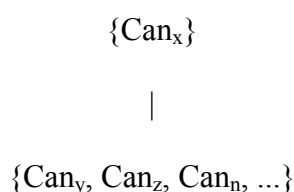
No início de seu artigo, Coetzee (2005, p. 1) observa que “toda a literatura sobre variação concorda que esta não é aleatória. Entre outras coisas, ela é influenciada pela gramática”. Procurar explicar a regularidade existente na variação é um dos trabalhos do lingüista e a TO pode ser um caminho interessante para isso, pois, sua gramática gera vários candidatos. Tudo o que precisa ser feito é permitir que mais de um dos candidatos já gerados sejam observados como *outputs* possíveis para uma determinada língua. Contudo, como veremos, ele não vai contra nenhum princípio da teoria para tornar isso possível.

Segundo ele, em primeiro lugar, é necessário observar as seguintes intuições relacionadas à variação:

- **Varição intra-contextual:** a variante mais freqüente é a variante mais bem-formada;
- **Varição através de contexto:** um processo variável aplica-se mais em um contexto onde sua não-aplicação é mais marcada.

Essas duas intuições relacionam-se diretamente ao papel desempenhado por EVAL no mecanismo da TO. Como se verificou no primeiro capítulo desta dissertação, esse componente, a partir de um conjunto de restrições devidamente ordenadas, selecionava, dentre um conjunto de candidatos a *output*, aquele que melhor satisfizesse tal conjunto. Uma vez escolhido o candidato ótimo, os demais candidatos eram relegados, deixados de lado. O papel de EVAL limitava-se, pois, à análise de todos os candidatos e à apresentação daquele que se mostrava o candidato ótimo. O diagrama (9)<sup>24</sup> ilustra bem essa situação:

**Diagrama 9 - Visão clássica: 2 níveis**

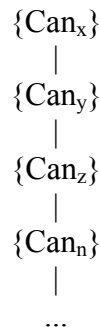


Como se pode verificar pelo diagrama, na visão clássica, EVAL apenas seleciona o melhor candidato, o candidato ótimo. Pela proposta de Coetzee (2005), EVAL passa a “trabalhar mais”, por assim dizer. Observemos, pois, o diagrama (10)<sup>25</sup>:

<sup>24</sup> Extraído de COETZEE (2005, p. 4)

<sup>25</sup> Idem.

**Diagrama 10 - Alternativa: ordenamento completo dos candidatos**



Como se pode verificar, a análise de EVAL deixa de se limitar a apresentar apenas o candidato ótimo e passa a ordenar todos os candidatos a *output* desde aquele mais bem formado até o menos bem formado. A noção de boa-formação relaciona-se diretamente àquelas duas intuições que o autor destacou como essenciais, ou seja, a ‘frequência relativa’ e a ‘variação através do contexto’. Ora, se a variante mais freqüente é a variante mais bem formada, então o candidato ótimo é, também, aquele mais freqüente. Conseqüentemente, a segunda variante mais freqüente corresponde ao segundo melhor candidato e, assim, sucessivamente.

Em relação à segunda intuição, que se refere à aplicação através de contexto, observa-se, também, que a frequência será maior ou menor conforme a marcação. Onde uma variante for mais marcada, sua ocorrência será menor e, portanto, não será considerada por EVAL, o melhor *output*. Por outro lado, se for a menos marcada, apresentará uma frequência maior e será escolhida como sendo o *output* ótimo.

Obviamente, não basta apenas observar a frequência para determinar o ordenamento dos candidatos, mas também e essencialmente, um conjunto de restrições devidamente hierarquizado que seja capaz de explicar as escolhas de EVAL. De acordo com Coetzee (2005):



- (i) EVAL impõe um ordenamento harmônico a todo o conjunto de candidatos, o que permite determinar o melhor candidato (variante mais freqüente), o segundo melhor candidato (segunda variante mais freqüente), etc.;
- (ii) EVAL pode comparar candidatos que sejam relacionados entre si através de um input compartilhado. Isso nos permite comparar a não-aplicação a candidatos de inputs diferentes e, portanto, explicar a freqüência diferente com a qual um processo pela qual um processo variável se aplica em contextos diferentes. (COETZEE, 2005: p, 1)

Com o intuito de melhor explicitar sua proposta, o autor utiliza-se do exemplo do comportamento das vogais em sílabas átonas no Português de Faial (doravante PF) para demonstrar o funcionamento do modelo defendido por ele<sup>26</sup>. Passamos, por conseguinte, a expor as considerações que apresentou.

Coetzee (2005) afirma que:

Vogais com sonoridade mais baixa são menos marcadas em sílabas não acentuadas que vogais com sonoridade mais alta. A redução vocálica, portanto, substitui, geralmente, as vogais do input por vogais de sonoridade mais baixa. (COETZEE, 2005: p. 2)

No Português Europeu (doravante PE), por exemplo, as vogais /o, ɔ/ ou se tornam [u], ou são apagadas em sílabas átonas.

Conforme a descrição de SILVA (1997) *apud* Coetzee (2005), de dados obtidos do dialeto de Faial, quando /o, ɔ/ se encontram na posição átona final da palavra prosódica, essas vogais são apagadas em 69% dos casos e, em 31%, são reduzidas para [u]. O exemplo apresentado é o do verbo ‘forçar’. Na primeira pessoa do singular no presente do indicativo ‘forço’, verifica-se que a variante mais bem formada é [ 'fɔrs# ] e a segunda variante mais bem formada é [ 'fɔrsũ# ]. Assim, em termos de boa-formação, [ 'fɔrs# ] > [ 'fɔrsũ# ] > [ 'fɔrsõ# ]. De acordo com Coetzee (2005):

<sup>26</sup> Todos os *tableaux* que se seguem nessa seção foram extraídos de COETZEE (2005).

PF tem um nível de tolerância de boa-formação. Se a boa-formação de um candidato cai abaixo desse nível, ele não será selecionado tipicamente como output. Contudo, se a boa-formação de dois candidatos está acima desse nível, ambos serão considerados gramaticais e serão considerados como outputs. Mesmo assim, esses candidatos não serão igualmente bem-formados, pois, o mais bem-formado será a variante mais freqüente. (COETZEE, 2005: p. 2)

Já em relação a outras sílabas átonas na palavra prosódica, a freqüência é invertida: em 86% dos casos, verifica-se redução, contra 14% de apagamento. Coetzee (2005) propõe, pois, duas análises para o PF. A primeira, em relação à variação intra-contextual, observando o comportamento da vogal média somente no contexto de final de palavra prosódica, ou, somente no contexto de outras sílabas átonas. A segunda análise relaciona-se à variação inter-contextual, ou seja, verifica-se qual variante é mais bem-formada conforme a freqüência em que ocorre nas sílabas átonas como um todo.

Para que não tenhamos que nos deter de forma excessiva em todo o processo descrito pelo autor, observemos o *tableau* (19) a seguir, onde se verifica o trabalho realizado por EVAL para ordenar os candidatos em conformidade com a sua boa-formação.

**Tableau 19** - /o/ → [ ũ > Ø > ǔ ]

\*σ̃/mid: não permite sílaba cujo pico seja vogal média breve.

MAX: não permite apagamento.

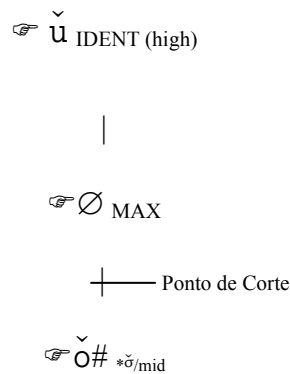
IDENT (high): exige que o traço alto seja preservado.

	/o/	*σ̃/mid	MAX	IDENT (high)
3	ǔ	*!		
1	ũ			*
2	Ø		*	

Como se pode observar, EVAL, baseado num conjunto de restrições devidamente ordenadas, foi capaz de classificar os candidatos devidamente, estabelecendo desde o mais bem-formado até aquele menos bem-formado. No *tableau* acima, verifica-se a presença de uma linha mais reforçada entre as duas restrições mais altas da hierarquia. Essa linha é chamada por Coetzee de ‘*cut-off point*’, ou, ponto de corte. Esse ponto de corte ajuda a determinar onde pode ocorrer a variação. Assim, candidatos que violam restrições

posicionadas abaixo do ponto de corte, como ocorre com os candidatos 2 e 1, são admitidos como *outputs* possíveis. Já aqueles outros candidatos que violam restrições acima desse ponto, como é o caso do candidato 3, são excluídos, ou seja, não podem ser considerados *outputs* possíveis. Verifica-se, pois, que a variação ocorre abaixo do ponto de corte, conforme o diagrama (11):

**Diagrama 11 - Output de EVAL**



Com relação ao ponto de corte, Coetzee (2005) faz duas observações importantes, que se relacionam ao *conservadorismo do ranqueamento* e ao *fenômeno categorial*. Com referência ao primeiro desses elementos, o autor sugere que “todas as restrições devam ser colocadas acima do ponto de corte, a menos que algumas desfavoreçam a boa-formação das variantes”. No tocante ao *fenômeno categorial*, Coetzee (2005, p. 7) considera que:

(...) quando todos os candidatos são desfavorecidos por restrições ranqueadas acima do corte, não se tem escolha, a não ser escolher um candidato desfavorecido por tais restrições. Contudo, somente o melhor candidato será selecionado. (COETZEE, 2005: p. 7)

Feitas essas observações, verifiquemos, agora, como explicitar o que ocorre com os candidatos quando a vogal encontra-se em final de palavra prosódica. Para que o candidato mais freqüente, ou seja, aquele que apresenta apagamento da vogal final seja escolhido como o melhor, faz-se necessária a inclusão de uma nova restrição abaixo do ponto de corte. A

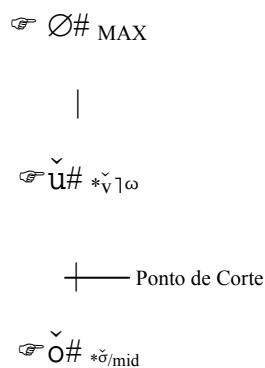
restrição  $*\check{v} \uparrow \omega$ . Essa restrição estabelece que ‘não são permitidas vogais em uma sílaba átona em final de palavra prosódica’. Observemos o *tableau* (20):

**Tableau 20** -  $/\check{o}\#/ \rightarrow [\check{u}\# > \check{O}\# > \check{o}\#]$

$/\check{o}\#/$	$*\check{\sigma}/\text{mid}$	$*\check{v} \uparrow \omega$	MAX	IDENT (high)
3 $\check{o}\#$	*!	*		
2 $\check{u}\#$		*		*
1 $\check{O}\#$			*	

Como se pode ver, a presença da restrição  $*\check{v} \uparrow \omega$  modifica o ordenamento dos candidatos, estabelecendo um candidato mais bem-formado diferente daquele do *tableau* (20). O novo ordenamento pode ser observado no diagrama abaixo:

**Diagrama 12** - *Output* de EVAL



Resta-nos, finalmente, demonstrar a relação de marcação existente na variação inter-contextual. Para fazer suas observações, Coetzee (2005) utiliza as mesmas restrições de (20).

**Tableau 21**

	$*\check{\sigma}/\text{mid}$	$*\check{v} \uparrow \omega$	MAX	IDENT (high)
2 $/\check{o}\#/ \rightarrow [\check{u}\#]$		*		*
1 $/\check{o}\#/ \rightarrow [\check{u}]$				*

Pelo *tableau* (21), o autor demonstra que o não-apagamento da vogal em final de palavra prosódica é mais marcado que em outra sílaba átona.

Como se pode verificar, essa proposta apresenta uma possibilidade bastante interessante para a abordagem de fenômenos variacionistas dentro da TO. Um aspecto que chama a atenção relaciona-se ao fato de não ocorrer nenhuma violação aos princípios básicos da teoria. Passemos, enfim, ao último modelo variacionista a ser aplicado aos dados com os quais trabalharemos.

#### **2.4.1.4 A proposta de Lee & Oliveira (2006a; 2006b)**

Esta abordagem trata das questões que se interpõem numa análise lingüística ao se discutirem a percepção e a produção e, por isso, é uma abordagem fundamental para as análises que pretendemos desenvolver. Conforme Lee & Oliveira (2006), “a variação lingüística tem sido, reconhecidamente, um incômodo para a esmagadora maioria das teorias lingüísticas”. Por isso, eles apresentam o percurso percorrido pela lingüística desde os modelos neogramáticos até as abordagens variacionistas da TO, incluindo-se aquelas por nós apresentadas, antes de proporem um modelo de abordagem.

Para não nos alongarmos excessivamente, busquemos ir diretamente ao ponto em que a proposta de Lee & Oliveira (2006a; 2006b) é essencial para esta análise, ou seja, responder uma pergunta que, com certeza, irá se interpor durante o andamento das discussões: “se os falantes de uma língua X não falam do mesmo modo, como é que eles se entendem?” Esse é a questão que se estabelece quando se faz uma análise de variação dialetal. Para os autores, algumas das formas estabelecidas para se responder a essa pergunta são as seguintes:

Uma maneira de se fazer isso é estabelecer uma relação biunívoca entre conteúdo e expressão, ou seja, é dizer que a expressão só pode ser na forma x (e as formas y, z e w são consideradas aberrações, desvios, erros, ou qualquer outra coisa). É basicamente isso que fazem os gramáticos prescritivistas/normativistas, que estabelecem uma única forma para a expressão. Esta é uma visão muito curiosa, pois não qualifica ninguém como falante de uma língua (já que ninguém fala o tempo todo na forma prescrita). Talvez seja uma solução interessante para as línguas mortas, mas não tem nada a ver com as línguas vivas. Outra ‘solução’ seria a de dizer que é sempre possível estabelecer uma relação biunívoca entre conteúdo e expressão para os vários dialetos de uma língua. Essa solução, embora menos ruim que a anterior, também não se qualifica, pela inexistência pura e simples de dialetos homogêneos. Na verdade, ela só desloca a ‘solução’ de um sistema superordenado (a língua) para um (ou mais) sistema(s) subordinado(s) (os dialetos). Uma terceira ‘solução’ (na verdade, a mais utilizada pela lingüística moderna) consiste em se lidar com sistemas abstratos (langue/competence) e se deixar de lado os dados reais (parole/performance). (LEE & OLIVEIRA, 2006a: p.14)

Dada a insuficiência dos sistemas supracitados, Lee & Oliveira (2006) apresentam uma proposta que visa resolver esse problema adaptando o mecanismo oferecido pela TO. Tal proposta discute a abordagem baseada na percepção e na produção, podendo, dessa forma contemplar devidamente a variação. Para eles, a variação seria determinada na percepção, que teria a função de “avaliar os contrastes máximos e identificar/categorizar os processos fonológicos”:

No caso da variação lingüística, os falantes selecionam individualmente uma, dentre as formas fornecidas pela variação, como forma subjacente; e esta seleção depende de itens lexicais específicos. Isso significa que cada indivíduo pode ter um input diferente para palavras em variação, conforme a Difusão Lexical<sup>27</sup>. Sendo este o caso, esse modelo abre um caminho para se lidar com a variação sonora pela atribuição à comunidade e, por conseqüência, à percepção individual. Ao mesmo tempo, o modelo impede a variação individual pela autorização individual da seleção do input de diferentes palavras e pela restrição de FIDELIDADE mais altamente ranqueada na produção individual. (LEE & OLIVEIRA, 2006a: p. 6)

A partir dessas observações, os autores apresentam exemplos que se relacionam aos dados com os quais estaremos trabalhando nos capítulos 3 e 4 desta dissertação. A partir da falta de contraste fonêmico nas posições átonas entre e, o ~ i, u ~ ε, ∅, os autores buscam

---

<sup>27</sup> A Difusão Lexical, conforme Lee & Oliveira (2006), “prevê que, nos casos de uma mudança lingüística, e da variação que a precede, o léxico seja atingido progressivamente”. Assim, os sons migram de uma classe Y para uma classe X, porém não de uma forma abrupta, uma vez que a mudança pode ocorrer para um falante, mas não para outro.

embasar a sua proposta. Conforme suas colocações, nessas posições, as vogais a, i, u no *input* sempre são mapeadas no *output*, o que demonstra que em relação a elas, a fidelidade sempre é o fator determinante. Assim, as restrições IDENT[+HIGH], IDENT[+LOW] e IDENT[αBACK] nunca são dominadas. Além dessas, a restrição IDENT<sub>STR</sub>[HEIGHT, ATR], empregada na proposta de Lee & Oliveira (2003), que determina a preservação do contraste fonêmico na sílaba tônica, também deve ser mantida na posição mais alta do ordenamento.

Para explicar adequadamente as suas proposições, Lee & Oliveira (2006) utilizam o item lexical ‘moderno’, que apresenta a possibilidade de ocorrência das três situações o ~ u ~ ɔ na sílaba pretônica. Assim, teríamos m[o]derno, m[u]derno e m[ɔ]derno figurando como alternâncias no PB. Antes, porém, de aplicar a proposta aos candidatos a *output*, convém apresentar alguns elementos que a embasam.

No modelo de *tableau* utilizado pelos autores, identificamos semelhanças, tanto com a proposta de Anttila & Cho (1998), quanto com a proposta de Coetzee (2005). O ponto de corte, estabelecido por este como um elemento que garante a inviolabilidade das restrições à sua esquerda, ou melhor, que estabelece que os candidatos que violarem restrições à esquerda dele serão excluídos da listagem de *outputs* possíveis, permanece com essa função. A diferença em relação ao modelo de Coetzee (2005) é a adoção, para a gramática de percepção, que é onde se observa a variação, de um ranqueamento desprovido de dominação, parecido com a proposta de *tableaux* múltiplos de Anttila & Cho (1998) do lado direito do ‘ponto de corte’. Senão, vejamos:

**Tableau 22 – Gramática de Percepção<sup>28</sup>**

	IDENT <sub>STR</sub> [HEIGHT, ATR] [+HIGH] IDENT [α BACK]	IDENT [+LOW] IDENT	AGREE	*Mid	IDENT[HEIGHT]	IDENT [ATR]
☞ a. modéfnu			*	*		
☞ b. mɔdéfnu				*		*
☞ c. mudéfnu			*		*	

<sup>28</sup> Extraído de Lee & Oliveira (2006).

Observe que, na gramática de percepção, todos os três candidatos foram contemplados como ótimos. Isso se deve à ausência de ordenamento estrito entre as restrições que se encontram à direita do ponto de corte.

Já na gramática de produção, há ordenamento estrito, mas só em relação à dominação das restrições de fidelidade sobre as restrições de marcação. Os *inputs*, contudo, variam. Uma vez que o falante seleciona uma das formas variantes da gramática de percepção como *input* e ordena as restrições de fidelidade acima das restrições de marcação, o *output* será sempre igual ao *input*. Vejamos:

**Tableau 23<sup>29</sup> – Gramática de Produção 1**

/modéfinu/	IDENT <sub>STR</sub> [HEIGHT, ATR] IDENT [+HIGH] IDENT [+Low] IDENT [α BACK]	IDENT[HEIGHT]	IDENT [ATR]	AGREE	*MID
a. mudéfinu		*!		*	
☞ b. modéfinu				*	*
c. modéfinu			*!		*

**Tableau 24 – Gramática de Produção 2**

/mudéfinu/	IDENT <sub>STR</sub> [HEIGHT, ATR] IDENT [+HIGH] IDENT [+Low] IDENT [α BACK]	IDENT[HEIGHT]	IDENT [ATR]	AGREE	*MID
☞ a. mudéfinu				*	
b. modéfinu		*!		*	*
c. modéfinu		*!	*		*

**Tableau 25 – Gramática de Produção 3**

/modéfinu/	IDENT <sub>STR</sub> [HEIGHT, ATR] IDENT [+HIGH] IDENT [+Low] IDENT [α BACK]	IDENT[HEIGHT]	IDENT [ATR]	AGREE	*MID
a. mudéfinu		*!	*	*	
b. modéfinu			*!	*	*
☞ c. modéfinu					*

Conforme a proposta desses autores, a gramática de produção só admite um *output* ótimo, aquele que satisfaz as restrições de fidelidade ranqueadas acima das restrições

<sup>29</sup> Este e os outros dois *tableaux* que se seguem também foram extraídos de Lee & Oliveira (2006).



de marcação. Já a gramática de percepção admite todos aqueles que violam as restrições à direita do ‘ponto de corte’, haja vista a ausência de dominação estrita nessa fase.

Esse modelo nos parece bem adequado e flexível para lidar com os fenômenos ligados à variação.

No próximo capítulo, serão discutidos os dados que compõe o *corpus* deste trabalho. No capítulo 4, buscaremos analisar os dialetos das regiões Sul e Norte de Minas a partir das três últimas propostas discutidas aqui, além, é claro, do modelo clássico da teoria.

## **2.5 Sumário**

Neste capítulo, foi apresentado e discutido o referencial teórico que norteará as análises que faremos no capítulo 4. Foram discutidas a TO clássica, bem como algumas alternativas a esse modelo para tratar da variação lingüística. Além disso, foram relacionadas justificativas para a escolha dessa teoria para aplicação aos dados da pesquisa.

## CAPÍTULO 3 - ANÁLISE DOS DADOS

Pretende-se, neste capítulo, fazer uma explanação geral dos dados obtidos através das coletas realizadas nas regiões Sul e Norte de Minas Gerais. Além disso, uma reflexão acerca dos contextos de aplicação das variantes também será apresentada.

### 3.1 Apresentando os dados

A partir desta seção, os dados que constituem o corpus<sup>30</sup> da presente dissertação passam a ser discutidos e analisados. Buscaremos também, aqui, observar os fenômenos fonológicos que se interpõem em cada possibilidade: redução vocálica, harmonia vocálica e neutralização. Alguns desses dados serão devidamente arrolados e agrupados conforme as possibilidades de ocorrência de cada variante.

Essa primeira divisão é necessária para que os contextos possam ser devidamente observados e detalhados a fim de, posteriormente, apresentar a descrição desses ambientes que favorecem uma ou outra variante em cada um dos dialetos.

Antes, porém de se realizar a divisão dos grupos, é necessário tecer um comentário acerca daquilo que os dados mostram em termos estatísticos. Comparando-se a região norte à região sul, observa-se que as vogais médias-altas têm um nível de ocorrência absolutamente superior nos dois dialetos em relação às vogais médias-baixas. Senão, vejamos:

---

<sup>30</sup> Os dados estão devidamente listados nos apêndices 1 e 2. O número de ocorrências de cada variante encontra-se no apêndice 3.

**Tabela 9 - Ocorrência de vogal média em sílaba pretônica:**

	<b>Região Sul</b>	<b>Região Norte</b>
[ɛ, ɔ]	1,5%	13,5%
[e, o]	98,5%	86,5%

Apesar de uma ocorrência de vogais médias-altas muito maior, verifica-se que as vogais médias-baixas mostram-se muito mais presentes na região norte, haja vista o índice de 13,5% contra apenas 1,5% na região sul. Tal diferença aponta para uma variação realmente passível de observação entre as duas regiões. Deve-se, pois, ressaltar que, a partir de uma análise binomial pelo GOLDVARB 2001, essa variação é dada por contextos bem delimitados, onde os itens sofrem um distanciamento ainda maior.

Feita essa observação, apresentamos os fatores que foram observados para a divisão dos grupos de análise e, em seguida, os itens que se enquadram nessa descrição. Num primeiro momento, essa divisão será realizada em quatro grandes grupos:

- Palavras que só permitem vogais médias-altas nos dois dialetos;
- Palavras que permitem vogais médias-altas e vogais alçadas nos dois dialetos;
- Palavras em que se observa a variação de vogais médias-baixas e vogais médias-altas nos dialetos em questão;
- Palavras que possibilitam a presença de vogais médias-altas, vogais médias-baixas e vogais alçadas.

**Relação 2 - Ocorrência exclusiva de vogais médias-altas**

v <u>o</u> cê	ir <u>o</u> nia	co <u>m</u> endador	fid <u>e</u> lidade
prof <u>e</u> ssora	cre <u>t</u> ino	so <u>c</u> orro	no <u>g</u> ueira
ce <u>b</u> ola	inte <u>r</u> esse	se <u>n</u> ador	go <u>z</u> ador

**Relação 3 - Ocorrência tanto de vogal média-alta, quanto de alçamento nos dialetos**

de <u>s</u> pedida	g <u>o</u> vernador	co <u>m</u> igo	de <u>s</u> estino
g <u>o</u> ri <u>l</u> a	co <u>r</u> uja	co <u>e</u> lho	ape <u>l</u> ido
me <u>d</u> ida	de <u>m</u> ais		

**Relação 4 - Variação vogal média-alta / vogal média-baixa na região norte de Minas:**

ino <u>c</u> ente	jo <u>r</u> nal	re <u>a</u> ção	mo <u>m</u> ento
co <u>l</u> ar	re <u>a</u> lidade	co <u>r</u> ação	hipo <u>p</u> ótamo
carro <u>s</u> sel	re <u>l</u> ógio	pre <u>s</u> entes	er <u>r</u> adas
me <u>t</u> ade	ve <u>l</u> órios	ve <u>l</u> ados	fre <u>q</u> uência
import <u>a</u> nte			

**Relação 5 - Ocorrência de vogais médias-altas, vogais médias-baixas e vogais alçadas:**

bo <u>n</u> eco	de <u>p</u> ressa	mo <u>e</u> da
-----------------	-------------------	----------------

Uma vez listadas algumas das palavras que contemplam cada uma das possibilidades, buscaremos distribuí-las conforme sua ocorrência nos dialetos em estudo e estabelecer os contextos de ocorrência de cada uma das variantes.

**3.2 Sobre as vogais médias pretônicas no dialeto do Sul de Minas**

Em relação à região Sul, os dados apontam para um sistema uniforme naquilo que tange a escolha entre vogal média-baixa e vogal média-alta. Verificou-se, através das análises que, em posição pretônica, as vogais médias realizam-se essencialmente como médias-altas,

ou seja [ɛ] e [ɔ]. Senão, relembremos a tabela de ocorrência de cada uma das variantes na região Sul:

**Tabela 10 – Recorrência de vogais médias na região Sul de Minas Gerais**

<b>Vogais médias</b>	<b>Posição pretônica</b>
[ɛ, ɔ]	1,5%
[e, o]	98,5%

Como se pode verificar, não há discussão. O falante da região Sul de Minas sempre optará pela vogal média-alta em detrimento da vogal média-baixa.

Mas o sistema não é tão uniforme quando o assunto em questão é o alçamento das vogais médias. Vejamos alguns dos dados de que dispomos em relação a esse aspecto para ilustrar a argumentação que irá se seguir:

despedida	governador	comigo	destino
gorila	coruja	coelho	apelido
medida	demais		

Poderíamos, a princípio, baseados em dados como ‘g[o]rila’ ~ ‘g[u]rila’, ‘m[e]dida’ ~ ‘m[i]dida’, ‘c[o]ruja’ ~ ‘c[u]ruja’, ‘ap[e]lido’ ~ ‘ap[i]lido’, argumentar que o alçamento vocálico se dá em função de um processo de harmonia vocálica, através do qual uma vogal média assimila o traço [+alto] da vogal alta da sílaba subsequente. Seria uma possibilidade? Sim, caso não tivéssemos outros dados como ‘g[o]vernador’ ~ ‘g[u]vernador’, ‘c[o]elho’ ~ ‘c[u]elho’, ‘d[e]mais’ ~ ‘d[i]mais’, que não se enquadram no processo de harmonia vocálica. Tais dados sugerem que o processo que determina o alçamento é o de

redução vocálica, já apresentado no capítulo 1. Eis a questão que se apresenta: qual processo fonológico interfere, de fato, no alçamento das vogais médias na região Sul de Minas: harmonia ou redução vocálica? Antes de nos decidirmos, vejamos os índices quantitativos:

**Tabela 11 - Incidência de casos de harmonia vocálica e de redução vocálica na região Sul de Minas:**

	Total de contextos	Itens alçados	% de alçamentos
Contexto para alçamento por harmonia vocálica	51	32	62,75%
Contexto para redução vocálica	142	19	13,4%

É importante observar, em relação à incidência de alçamentos em contextos favoráveis à harmonia e à redução vocálicas, que não se verificou a quantidade absoluta de itens que alçaram, haja vista que a determinação dessa quantidade ficou prejudicada pela coleta de dados, baseada na leitura de textos pelos informantes. Por isso, achamos que seria válido identificar todos os itens que apresentaram alçamento em algum momento, independentemente do número de repetições. Acreditamos que, desse modo, torna-se, possível verificar quais itens são realmente passíveis de alçamento e quais não são.

Numa primeira análise, seria natural que postulássemos que o processo de harmonia vocálica apresenta números muito mais consistentes do que a redução vocálica. Contudo, é importante lembrar que também os índices de harmonia iriam se somar àqueles de redução, caso o processo a ser considerado fosse este último. E, por quê? Simplesmente porque a redução vocálica é estabelecida a partir de uma redução de proeminência de uma vogal média. Ora, mesmo nos casos que seriam estabelecidos pela harmonia, verifica-se a redução da proeminência da vogal média, ou não?

Desse modo, baseados nesses apontamentos, assumimos que o processo que estabelece o alçamento de vogais médias na região Sul de Minas é a redução vocálica. Ou seja, vogais /e/ e /o/ tornam-se, respectivamente /i/ e /u/ através da redução vocálica.

É essencial, contudo, ressaltar, que há muitas exceções à regra, pois este é um processo que não se estabeleceu de maneira definitiva e, por conseguinte, não atingiu a todos os itens.

Assim, em relação a esta variedade dialetal, todas as palavras arroladas no item anterior, mesmo aquelas passíveis de ocorrência de média-baixa, apresentam-se com [e, o] em posição pretônica e, em algumas situações, com [i, u].

Em relação à pretônica, pode-se dizer que interfere, essencialmente um processo fonológico em relação à variedade lingüística da região sul, sendo este, a redução vocálica.

### **3.3 Sobre as vogais médias pretônicas no dialeto do Norte de Minas**

Em relação à variedade dialetal do Norte de Minas, verificou-se pela observação dos dados que, naquilo que tange às vogais médias em posição pretônica, o sistema é um pouco mais complexo que aquele da região Sul. Embora haja a neutralização, processo fonológico através do qual as vogais médias perdem o contraste em sílabas átonas, observa-se a presença tanto de vogal média-baixa, quanto de vogal média-alta e, ainda, de redução vocálica na pauta pretônica. Assim, os quatro grupos relacionados na seção 3.1 são atestados na fala do habitante dessa região.

Entretanto, a presença de [ɛ, ɔ], embora ainda constatada, parece já não se fazer tão marcante quanto à época da confecção do EALMG. Por conseguinte, existem contextos

que favorecem a presença dessa variante na sílaba átona em questão, mas não garantem uma produção uniforme dessas vogais pelos falantes. Um fator que chancela tal produção, sem qualquer sombra de dúvida é a presença de vogal média-baixa em posição tônica. Nessa circunstância, há uma produção maior de [ɛ, ɔ] em sílaba pretônica do que de [e, o]:

**Tabela 12 - Ocorrência de vogal média em sílaba pretônica quando a tônica é [ɛ, ɔ]**

	<b>Região Sul</b>	<b>Região Norte</b>
[ɛ, ɔ]	7%	59%
[e, o]	93%	41%

O peso relativo desse contexto em função da ocorrência de vogais médias-baixas em posição pretônica é de 0,755, mostrando-se realmente significativo. Alguns outros fatores também favorecem a presença de [ɛ, ɔ] e serão cuidadosamente descritos. Diríamos que, nesse caso, sim, é o processo de harmonia vocálica que interfere em favor da vogal média-baixa, uma vez que há a assimilação do traço [ATR] da sílaba tônica. Interessantemente, essa assimilação pode ser verificada apenas entre vogais médias, ou seja, se a vogal média na sílaba tônica tem o traço [+ATR], a pretônica média assimilará esse traço. Porém, se o traço na sílaba tônica for [-ATR], a pretônica média também o assimilará.

Outro aspecto comum aos dois dialetos é a presença do processo de redução vocálica. Assim como na região Sul, a variedade dialetal do Norte de Minas também apresenta esse processo fonológico na pauta pretônica nos mesmos itens apresentados na seção anterior.

Antes, porém, do aprofundamento no contexto de ocorrência, vale lembrar, conforme Marusso (2003, p. 187), que “no que diz respeito às vogais pretônicas, existe ainda



grande variação idioletal. Isto é, mesmo pertencendo ao mesmo dialeto, diferentes falantes podem ter diferentes realizações para diferentes itens lexicais”.

Em função disso, muitas vezes fica prejudicada a tentativa de se estabelecer regras que abarquem todos os itens. Contudo, é possível apresentar contextos que favoreçam uma ou outra variante, com maior ou menor ocorrência.

### **3.4 Descrevendo os contextos de ocorrência**

Nesta seção, buscaremos descrever os contextos de ocorrência de cada uma das variantes, a partir da observação dos dados e da quantificação através do programa GOLDVARB 2001. A descrição partirá daquele item que tem uma ocorrência mais geral, antes de chegarmos às particularidades dos contextos.

#### **3.4.1 Sobre a vogal média-alta**

Iniciemos pelas vogais médias-altas, que são aquelas que apresentam o maior nível de ocorrência. É possível encontrar a vogal média-alta em todos os itens na região Sul e na maioria das palavras da região Norte em posição pretônica.

Uma ressalva que aqui se deve novamente fazer é que, como a coleta se deu através de leitura de textos e testes, um estilo mais formal foi adotado pelo informante o que, por conseguinte, parece ter reduzido o índice de alçamento vocálico de alguns itens. Contudo,

não poderíamos dizer que isso também influenciou a baixa ocorrência de vogais médias-baixas<sup>31</sup>.

Esperava-se, de início, que a incidência desse tipo de vogais na região fosse algo próximo daquela de vogais médias-altas na região Sul, mas não foi o que se observou. A partir da descrição dos contextos, veremos que a recorrência desse tipo de vogais é maior em alguns deles. Verificou-se que, mesmo naqueles contextos onde há o favorecimento de vogais médias-baixas na região Norte, a vogal média-alta fez-se presente. Portanto, parece haver uma tendência à utilização desta em detrimento daquela em posição pretônica.

Assim, poderíamos argumentar que a escolha pela vogal média-alta é algo que se estabelece como primeira opção nos dois dialetos. No dialeto da região norte, porém, em determinados ambientes fonológicos, há uma preferência pela vogal média-baixa, sendo que há variação intradialetal entre  $\varepsilon/\circ \sim e/o$  nestes contextos.

### 3.4.2 Algumas intuições acerca da ocorrência de $[\varepsilon, \circ]$ em posição pretônica

A variante vogal média-baixa foi submetida ao GOLDVARB 2001 em comparação com a vogal média-alta. Verificou-se que os seguintes contextos favorecem a presença de vogal  $[\varepsilon, \circ]$  no dialeto do Norte de Minas<sup>32</sup>:

- i. O fato de a sílaba tônica ser também média-baixa<sup>33</sup>.

Ex.: hip $[\circ]$ pótamo, r $[\varepsilon]$ lógio, carr $[\circ]$ ssel, v $[\varepsilon]$ lório.

<sup>31</sup> É importante ressaltar que, embora não tenham sido gravadas, ocorreram conversas informais entre o pesquisador e os informantes e, mesmo nessas situações, não se verificou superioridade da vogal média-baixa em relação à vogal média-alta em outros contextos que não fossem aquele já apresentado, em que interfere a harmonia vocálica.

<sup>32</sup> As observações descritas são amparadas pelos resultados da região Norte obtidos através do GOLDVARB 2001 e disponibilizados no apêndice 5.

<sup>33</sup> Contudo, se a pretônica encontrar-se em sílaba inicial sem onset e com coda ‘s’ e for /e/, como é o caso de ‘escritório’, a vogal esperada, no caso do primeiro contexto descrito, será ‘i’, nesse caso, conforme Bisol (1981, p. 33), “a elevação de /e/ antes de /N/ e /S/ parece um fato consagrado”. Por tal razão, não há motivos para analisar aqui essa situação.

- ii. O fato de a vogal da sílaba subsequente à da vogal média ser baixa favorece [ɛ, ɔ] em posição pretônica.

Ex.: r[ɛ]alidade, r[ɛ]ação, v[ɛ]lados, c[ɔ]ração.

- iii. Caso a sílaba pretônica seja fechada pelo arquifonema /R/, a vogal média que constitui o pico silábico tende a ser média-baixa.

Ex.: j[ɔ]rnal, imp[ɔ]rtante, gov[ɛ]rnador, c[ɛ]rteza.

- iv. Sílaba tônica constituída com /eN/ ou /oN/ favorece a presença de vogal pretônica média-baixa.<sup>34</sup>

Ex.: fr[ɛ]qüência, pr[ɛ]sentes, m[ɔ]mento, in[ɔ]cente.

Uma vez descritos os contextos de ocorrência possível de [ɛ, ɔ], cabe-nos, pois, baseados em análises quantitativas, discutir os processos fonológicos que interferem em uma ou noutra situação. Já adiantamos que a alternância entre vogal média-baixa e vogal média-alta nos contextos supracitados se dá, essencialmente, por dois processos: harmonia e neutralização vocálicas. O que pertence a um e o que pertence a outro é o que discutiremos a partir de então.

Antes de qualquer outra coisa, apresentemos a recorrência observada em cada um dos contextos para as vogais médias:

**Tabela 13 - Ocorrência de vogais médias-altas e médias-baixas com vogal média-baixa na sílaba tônica**

Região Norte			
[e,o]		[ɛ,ɔ]	
51	41%	73	59%

<sup>34</sup> Embora esta situação não possa ser apreendida da análise do GOLDVARB 2001, uma vez que não havia como ser quantificada, ela pode ser perfeitamente comprovada pelos dados da pesquisa. Além disso, Cristóvão Silva (1999, p. 84) já descreve essa situação, não necessariamente em relação a um dialeto da região norte de Minas. Segundo ela, “uma vogal média baixa [ɛ, ɔ] ocorre em posição pretônica quando em posição tônica ocorre uma vogal nasal que na ortografia é marcada por ‘em/em’ ou ‘om/on’”.

Tal situação já havia sido apresentada anteriormente: quando existe uma vogal média-baixa na sílaba tônica, espera-se que a vogal média na sílaba pretônica seja também média-baixa. Nesse caso, o processo fonológico que atua é o de harmonia vocálica. Ou seja, a vogal média da sílaba pretônica assimila o traço [-ATR] da sílaba tônica, tornando-se vogal média-baixa.

**Tabela 14 - Ocorrência de vogais médias-altas e médias-baixas com vogal baixa na sílaba subsequente**

Região Norte			
[e,o]		[ɛ,ɔ]	
448	87%	67	13%

Com base nos dados apresentados acima, verificamos que não há grande recorrência de vogal média-baixa nesse contexto, mas há; diferentemente, da região Sul de Minas, onde não se verifica tal recorrência. Uma vez que isso também estabelece uma variação entre as duas regiões, torna-se necessário determinar o processo fonológico que atua nesse contexto. Além disso, é estabelecido pelo GOLDVARB 2001 um peso relativo de 0,695 para esse ambiente, o que demonstra a relevância desse ambiente em relação à presença de vogal média-baixa. Poderíamos postular que há, também aqui, uma assimilação do traço [-ATR] da vogal baixa pela vogal média. Contudo, tal argumentação não se estabelece com a mesma contundência daquela anterior. Assim, dada a sua baixa recorrência, argumentamos em favor da neutralização, que parece se verificar de forma menos consistente que a harmonia. Senão, vejamos os outros dois contextos de ocorrência desse processo:

**Tabela 15 - Ocorrência de vogais médias-altas e médias-baixas em sílaba fechada pelo arquifonema /R/**

Região Norte			
[e,o]		[ɛ,ɔ]	
101	78%	28	22%

**Tabela 16 - Ocorrência de vogais médias-altas e médias-baixas com sílaba tônica constituída de /eN/, /oN/**

Região Norte			
[e,o]		[ɛ,ɔ]	
119	79%	31	21%

Como se pode observar, os índices são um pouco superiores àquele em que o ambiente fonológico conta com uma vogal baixa na sílaba subsequente. Nestes ambientes, verifica-se, também, a presença de vogal média-baixa, a qual é determinada pela neutralização vocálica em favor dessas vogais. Ressalte-se, contudo, que a neutralização não tem estabelecido, nesse dialeto, supremacia da vogal média-baixa em relação à vogal média-alta. Verifica-se a presença desse processo, diferentemente da região Sul de Minas, mas ele não determina domínio das vogais médias-baixas sobre as vogais médias-altas, apesar de determinar variação entre as duas regiões estudadas.

Uma vez discutidos os contextos em que se verifica a vogal média-baixa, assim como os processos fonológicos que atuam no estabelecimento desta, passaremos a discutir o alçamento vocálica, em sílaba pretônica, na região Norte de Minas.

### **3.4.3 Observações acerca do alçamento vocálico nos dialetos**

Sem que nos delonguemos mais acerca das discussões relacionadas ao alçamento de vogais, postulamos, também no caso da região Norte de Minas Gerais, que o processo que interfere em tal situação, a exemplo daquilo que acontece em relação à região Sul de Minas, é a redução vocálica. Sustentamos tal posição pelo fato de a recorrência ser bastante aproximada a daquela da referida região.

Antes, porém de passarmos à aplicação da teoria aos dados discutidos, torna-se importante fazer referência a uma situação encontrada apenas na região Norte de Minas Gerais, ou seja, a possibilidade de ocorrência de três *outputs*. Tal possibilidade é demonstrada pelos dados abaixo relacionados:

[e, o]	[ɛ, ɔ]	[i, u]
m[o]eda	m [ɔ]eda	m[u]eda
b[o]neco	b[ɔ]neco	b[u]neco
d[e]pressa	d[ɛ]pressa	d[i]pressa

Como se verifica, três situações corroboram para as escolhas que o falante fará: na primeira coluna, o falante opta pela manutenção da estrutura presente no *input*, o que determina a opção pela fidelidade; na segunda coluna, o falante opta pela harmonia vocálica, através da assimilação do traço [-ATR] da vogal média-baixa da sílaba tônica; na terceira coluna, o falante opta pelo alçamento da vogal média para vogal alta, através do processo de redução vocálica.

Essa situação, como veremos mais tarde, acaba por se constituir como um problema de difícil resolução para a TO.

Uma vez descritos todos os contextos que nos pareceram relevantes para a ocorrência de uma ou outra variante, buscaremos, no próximo capítulo, aplicar essas observações às análises com a TO.

### **3.5 Sumário**

Neste capítulo, foram explicitadas as ocorrências das variantes nos dialetos das regiões Sul e Norte de Minas Gerais. Posteriormente, foram descritos os contextos de aplicação de cada uma como preparação para aplicação da teoria.

## CAPÍTULO 4 - APLICAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, as descrições anteriormente levantadas serão relacionadas, a partir de então à TO. As abordagens seguirão a seguinte seqüência: região sul conforme a TO clássica, região norte conforme a TO clássica, variação conforme Anttila & Cho (1998) e variação conforme Coetzee (2005). Espera-se através da aplicação da teoria, apresentar uma explicação plausível para as escolhas que os falantes fazem na utilização de uma ou outra variante. Ao final, utilizaremos a proposta de Lee & Oliveira (2006) como uma possibilidade de análise da variação.

Ressaltamos que as discussões serão pautadas, essencialmente, por aqueles dados que apresentam um nível maior de variação, conforme discutidos no capítulo 3.

### 4.1 Abordagem conforme a TO clássica

Esta abordagem constituir-se-á como uma primeira tentativa de explicação e de explicitação dos fatores que impedem a utilização da vertente clássica da teoria para explicar fenômenos de variação. Sabemos que EVAL poderá permitir, de acordo com a TO clássica, a saída de apenas um candidato ótimo. Por isso, esperamos discutir cada situação que se for interpondo à análise para que se demonstre a dificuldade dessa vertente de explicar fenômenos de variação. Nesta seção, buscaremos estabelecer os ranqueamentos possíveis, como tentativa de explicar todas as possibilidades de *output* nos dois dialetos. Uma dificuldade que provavelmente encontraremos e que já adiantamos relaciona-se ao fato de que, conforme as observações feitas em relação aos dados, mais de um *output* poderá ser observado em alguns contextos.



Na região Sul, por exemplo, naquelas situações que permitirem o alçamento da vogal média, observaremos que tanto a vogal alta quanto a vogal média-alta serão possíveis. Já na região Norte, além dessa perspectiva, a possibilidade de ocorrência de vogal média-alta e vogal média-baixa em contextos que favorecem a vogal média-baixa também será atestada.

Assim, iniciemos pela abordagem dos dados da região Sul de Minas Gerais conforme a TO clássica.

#### **4.1.1 Abordagem dos dados da região Sul de Minas Gerais**

Neste primeiro instante do presente capítulo, apresentaremos uma análise pautada pelos pressupostos da TO clássica. Desse modo, esperamos discutir as limitações que essa vertente central da teoria acaba impondo no tratamento das questões de variação, em função de sua rigidez.

Escolhemos, pois, iniciar essa análise a partir dos dados da região Sul dada a maior uniformidade destes em relação àqueles do norte de Minas. É importante ressaltar que, para a TO clássica, não existem dialetos: uma vez que as restrições estejam hierarquizadas de maneira diferente, ou ainda, que as restrições variem em função da especificidade de cada um deles, teremos línguas, e não dialetos, diferentes. Iniciemos, pois, essa análise com a língua do Sul de Minas<sup>35</sup>.

Como se pôde verificar nos dois capítulos anteriores, os dados da região Sul de Minas guardam uma semelhança bastante aproximada em relação aos dados de Jales (SP), analisados por Lee & Oliveira (2003). Nestes, observou-se a predominância irrestrita, em posição pretônica, das vogais médias-altas sobre as vogais médias-baixas. Dessa forma, dada

---

<sup>35</sup> Esperando trabalhar em conformidade com essa configuração da TO, preferiu-se, nesse momento, utilizar um parâmetro mais adequado a ela. Assim sendo, o termo dialeto fica abolido, nessa e na próxima seção, tendo em vista seu não reconhecimento pela TO clássica.

a predominância na região Sul de Minas das vogais médias-altas nessa mesma posição e, acreditando, inicialmente, que as restrições utilizadas por Lee & Oliveira (2003), que foram baseadas no tratamento da neutralização através da fidelidade posicional, proposto por McCarthy (1999) e Beckman (1997), encaixam-se adequadamente no modelo que ora buscamos interpretar, iremos nos apropriar delas numa primeira tentativa de descrever e explicar a “preferência” dos falantes do Sul de Minas pela vogal média-alta em posição pretônica.

Relembrando as discussões apresentadas por Lee & Oliveira (2003) em torno desses aspectos, vimos que os autores discutem, primeiramente, a necessidade da utilização da restrição IDENT<sub>STR</sub>(HEIGHT/ATR), que determina que os traços [altura] e [ATR] devem ser preservados na sílaba tônica, ordenada acima de todas as demais. Além dessa, apropriamos, também, das restrições IDENT [α BACK], IDENT [+LOW] e IDENT [+HIGH], propostas por Lee & Oliveira (2006) como forma de garantir nas sílabas átonas a preservação de [a], [i] e [u], além de evitar que uma vogal posterior se torne anterior e vice-versa. As demais restrições apresentadas como essenciais para a análise dos dados de Jales (SP) são as seguintes:

\*[-ATR, -Low, -Hi], ou simplesmente \*ε/ɔ: Vogais médias-baixas não são permitidas.  
 IDENT (HEIGHT): O traço [altura] deve ser preservado.  
 IDENT [ATR]: O traço [ATR] deve ser preservado.

Contudo, uma pergunta se interpõe nesse primeiro instante de nossa análise: a neutralização é um processo realmente fundamental ou a variação que procuramos determinar não se encontra embasada por esse processo? Ocorre que, no início de nosso trabalho, argumentávamos que a neutralização das vogais médias que se verifica em posição pretônica seria diferente nas regiões Norte e Sul de Minas. Nesta, a neutralização ocorreria em favor da vogal média-alta, enquanto que naquela, a neutralização favoreceria a vogal média-baixa.

Porém, de acordo com as descrições realizadas no capítulo anterior, referentes ao dialeto do Sul de Minas, não se observou a produção de vogal média-baixa na posição pretônica em momento algum da coleta dos dados. Por que, então, devemos utilizar um *input* com vogal média-baixa? Se um *input* com as vogais  $\epsilon/\text{ɔ}$  não é algo atestado na região Sul, como argumentar que existe neutralização nessa região? Além disso, caso utilizemos um *input* com vogal média-alta, teremos o mesmo resultado. Através da otimização do léxico, verifica-se que o *output* ótimo encontrado independe da presença de vogal média-baixa ou média-alta no *input*.

Por isso, julgamos inválido argumentar em favor da neutralização nessa região, estabelecendo um primeiro ponto de desencontro entre a análise que ora se inicia e aquela realizada por Lee & Oliveira (2003). Observe que o fato de utilizarmos *inputs* com vogal média-alta não traz nenhum prejuízo em relação à determinação do *output*:

**Tableau 26 -  $*\epsilon/\text{ɔ} \gg \text{IDENT}(\text{HEIGHT}) \gg \text{IDENT}[\text{ATR}]$**

r/e/lógio	$*\epsilon/\text{ɔ}$	IDENT(HEIGHT)	IDENT [ATR]
☞ a. r[e]lógio			
b. r[ $\epsilon$ ]lógio			*!
c. r[i]lógio		*!	

**Tableau 27 -  $*\epsilon/\text{ɔ} \gg \text{IDENT}(\text{HEIGHT}) \gg \text{IDENT}[\text{ATR}]$**

hip/o/pótamo	$*\epsilon/\text{ɔ}$	IDENT(HEIGHT)	IDENT [ATR]
☞ a. hip[o]pótamo			
b. hip[ $\text{ɔ}$ ]pótamo			*!
c. hip[u]pótamo		*!	

Um aspecto que devemos observar já nessa primeira parte da análise é que, uma vez que não há como argumentar em favor da neutralização, a restrição  $*\epsilon/\text{ɔ}$  acaba perdendo a razão de existir, tornando-se desnecessária e não modificando em nada o resultado. Assim,

substituiremos tal restrição por \*MID, haja vista a recorrência de redução vocálica na região Sul, conforme descrito no capítulo 3. Vejamos, pois, como se estabelece o *tableaux*:

**Tableau 28 - \*MID >> IDENT(HEIGHT) >> IDENT [ATR]**

r/e/lógio	*MID	IDENT(HEIGHT)	IDENT [ATR]
☺ a. r[e]lógio	*!		
b. r[ɛ]lógio	*!		*
☞ c. r[i]lógio		*	

**Tableau 29 \*MID >> IDENT(HEIGHT) >> IDENT [ATR]**

hip/o/pótamo	*MID	IDENT(HEIGHT)	IDENT [ATR]
☺ a. hip[o]pótamo	*!		
b. hip[ɔ]pótamo	*!		*
☞ c. hip[u]pótamo		*	

A simples alteração da restrição, porém, causa um problema para a determinação do candidato ótimo, haja vista que o *output* estabelecido pelos *tableaux* (28) e (29) acima não correspondem àquilo que de fato é atestado na língua. O símbolo ☺ indica qual é, de fato, o candidato esperado.

Assim, a partir de um *input* constituído de vogal média-alta, devemos ranquear as restrições de fidelidade acima da restrição de marcação \*MID. Além disso, uma vez que a preservação da estrutura se estabelece a partir das duas restrições de fidelidade, não há motivo para estabelecer relação de dominância estrita entre elas. Assim, teremos os seguintes ranqueamentos para explicar a presença de [e] e [o] na região sul de Minas:

**Tableau 30 - IDENT(HEIGHT), IDENT [ATR] >> \*MID**

r/e/lógio	IDENT(HEIGHT)	IDENT [ATR]	*MID
☞ a. r[e]lógio			*
b. r[ɛ]lógio		*!	*
c. r[i]lógio	*!		

**Tableau 31 - IDENT(HEIGHT) , IDENT [ATR] >> \*MID**

hip/o/pótamo	IDENT(HEIGHT)	IDENT [ATR]	*MID
☞ a. hip[o]pótamo			*
b. hip[ɔ]pótamo		*!	*
c. hip[u]pótamo	*!		

Como se verifica, o fato de, nesse caso, o falante optar por um ranqueamento com restrições de fidelidade dominando uma restrição de marcação em nada altera na determinação do *output*. Essa escolha demonstra que o falante opta pelas vogais médias-altas na região sul de Minas, preservando a estrutura estabelecida no *input*.

Há, porém, uma situação que cria uma dificuldade para a TO clássica, ou seja, casos em que existe a possibilidade de mais de um candidato ótimo, tais como: *c[o]ruja ~ c[u]ruja*; *g[o]rila ~ g[u]rila*; *ap[e]lido ~ ap[i]lido*; *b[o]neco ~ b[u]neco*; *d[e]pressa ~ d[i]pressa*; *m[o]eda ~ m[u]eda*; *c[o]elho ~ c[u]elho*.

Conforme as análises apresentadas no capítulo 3, as vogais médias-altas são alçadas por um processo de redução vocálica e, assim, apresentam a configuração do *output* com vogal alta. Todavia, como dissemos, há a possibilidade de mais de um *output* na produção do falante e isso não é previsto pela TO clássica. Como fazer em relação a essa situação? Para contemplarmos os candidatos constituídos de vogal média-alta, ou seja, demonstrando a preservação da estrutura do *input*, teremos de manter as restrições de fidelidade dominando a restrição de marcação, conforme ocorre no *tableau* (32):

**Tableau 32 - IDENT(HEIGHT) , IDENT [ATR] >> \*MID**

c/o/elho	IDENT(HEIGHT)	IDENT [ATR]	*MID
☞ a. c[o]elho			*
b. c[ɔ]elho		*!	*
c. c[u]elho	*!		

Contudo, se quisermos contemplar a possibilidade de redução vocálica, a restrição de marcação deverá dominar as restrições de fidelidade, para demonstrar a aplicação do processo fonológico. Assim, teremos um *tableau* como em (33):

Tableau 33 - \*MID &gt;&gt; IDENT(HEIGHT), IDENT [ATR]

c/o/elho	*MID	IDENT(HEIGHT)	IDENT [ATR]
a. c[o]elho	*!		
b. c[ɔ]elho	*!		*
☞ c. c[u]elho		*	

Através desse ranqueamento, explicamos o processo de redução vocálica atestado na região Sul de Minas Gerais. Porém, conforme já colocamos, estabelecemos um grande problema para a vertente clássica da TO, ou seja, a dificuldade em tratar o alçamento de vogal média através da redução vocálica. Tudo porque acabamos por estabelecer a possibilidade de mais de um candidato ótimo, além de necessitarmos de alternância do ordenamento das restrições no *ranking*.

Como se não bastasse, há uma segunda situação que também se revela como insolúvel para a TO clássica: caso postulamos a utilização de mais de um ranqueamento, determinaremos a presença de mais de uma língua, uma vez que as línguas iriam se estabelecer através dessas alternâncias de *ranking*. Como explicar isso?

Para finalizar, um terceiro problema: caso utilizemos o ranqueamento proposto acima para explicar a redução vocálica, como fazer nos casos em que não se permite a redução, como ocorre, por exemplo, com itens como ‘c[e]bola’ e ‘r[e]lógio’. Nesses exemplos, apenas um *output* é possível. Como resolver isso? Os dados demonstram que, dependendo do item, o falante ou preserva a estrutura, utilizando vogais médias-altas, ou aplica a redução vocálica, passando a fazer uso da vogal alta. Dependendo do item, ele apenas preserva a estrutura.

Como dissemos antes, essa situação cria um problema para a vertente clássica da teoria, pois, para que seja possível a saída de mais de um candidato ótimo, teríamos que eliminar a situação de dominação estrita verificada entre a restrição de marcação e as restrições de fidelidade. Tal eliminação, todavia, não condiz com uma propriedade básica da

vertente que estamos aplicando aos dados, a da conectividade<sup>36</sup>, e isso poderia invalidar este procedimento de análise. Lembramos que Anttila & Cho (1998) levantam a possibilidade de que essa propriedade não seja de fato observada nas línguas e, assim, lançam mão de ranqueamentos múltiplos para explicarem fenômenos de variação, como este ocorrido na região sul de Minas. A aplicação dos ranqueamentos múltiplos será observada na seção 4.3.1, quando discutiremos esses mesmos dados à luz de abordagens variacionistas da TO.

Por hora, discutindo os dados a partir da TO clássica, podemos apresentar uma tendência dos falantes em relação aos contextos que se apresentam e, assim, dizer: os falantes da região Sul de Minas tendem a manter a estrutura estabelecida no *input* e, no caso de alguns itens, alçar a vogal média através da aplicação da redução vocálica.

Com base nessa afirmação, poderíamos dizer que o falante normalmente optará por um ranqueamento em que IDENT(HEIGHT), IDENT [ATR] >> \*MID. Todavia, há casos em que \*MID >> IDENT(HEIGHT), IDENT [ATR], ou seja, nos casos em que a redução vocálica se estabelecer.

Isso, porém, fere a TO clássica em pontos que são considerados como essenciais à sua sustentação e, desse modo, impede a concretização da análise através dessa vertente, uma vez que ela não apresenta respostas satisfatórias aos dados. A TO clássica é capaz de apresentar explicações para os dados em questão apenas de modo parcial. Quando ocorre uma variação intradialetal, em que fidelidade e redução vocálica se misturam, produzindo mais de um candidato ótimo, a utilização de tal vertente torna-se inviável.

Assim sendo, passemos à análise da região Norte a partir dessa mesma vertente.

---

<sup>36</sup> De acordo com a discussão contida na seção 2.4.1.1, a propriedade da conectividade determina que toda restrição deva ser ranqueada com relação a todas as outras restrições.

#### 4.1.2 Abordagem dos dados da região norte conforme a TO clássica

Uma vez realizada a abordagem dos dados da região Sul a partir da vertente clássica da Teoria da Otimalidade, iniciemos o mesmo procedimento em relação aos dados da região Norte.

Conforme discutido na seção 3.4.2, a análise dos dados da região Norte aponta para um sistema bastante variável em posição pretônica, apresentando contextos limitados de ocorrência de vogal média-baixa.

Um aspecto que também chama a atenção e que determina uma proximidade grande em relação ao Sul de Minas refere-se ao alçamento das vogais médias, que também se estabelece também através da redução vocálica. Uma vez que o processo é o mesmo, isso sugeriria a possibilidade de iniciarmos a análise da região Norte pelo mesmo ranqueamento da região Sul.

**Tableau 34 - IDENT(HEIGHT), IDENT [ATR] >> \*MID**

c/e/bola	IDENT(HEIGHT)	IDENT [ATR]	*MID
☞ a. c[e]bola			*
b. c[ɛ]bola		*!	*
c. c[i]bola	*!		

Como se verifica em relação ao *tableau* (34), o falante da região Norte opta pela utilização da vogal média-alta, ou seja, pela manutenção da estrutura nos contextos em que não se aplica nenhum processo fonológico, como é o caso do item ‘cebola’. Já em itens como ‘coruja’, ou ‘coelho’, nos quais é possível observar a presença também de vogal alta, através da redução vocálica, haveria uma inversão no ordenamento das restrições para demonstrar esse processo, a exemplo do ocorrido na região Sul de Minas, mas que também estabeleceria um grande problema para a TO clássica, que é o fato de haver mais de um *output* possível para um mesmo *input*, além da modificação na dominância das restrições:



**Tableau 35 - \*MID >> IDENT(HEIGHT), IDENT [ATR]**

c/o/elho	*MID	IDENT(HEIGHT)	IDENT [ATR]
a. c[o]elho	*!		
b. c[ɔ]elho	*!		*
c. c[u]elho		*	

Como se verifica, esse tipo de variação entre vogal média-alta e vogal alta que se estabelece também na região norte de Minas, está devidamente contemplada pelos dois primeiros *tableaux* apresentados nessa seção, embora isso vá contra a TO clássica, haja vista a necessidade de se alterar o ranqueamento.

Ressaltamos, que, apesar de haver essa semelhança em relação à região Sul, não será bastante discutir os dados da região Norte tomando como base apenas essas restrições. Assim, tanto a redução quanto a preservação serão discutidas a partir das restrições que necessariamente irão se incorporar a esse ordenamento inicial da região sul.

Passemos, agora, à tentativa de demonstrar a outra possibilidade de *output* observada na região norte: a vogal média-baixa, responsável pela determinação de variação entre as regiões sul e norte de Minas. O estabelecimento dessa vogal se dá, na região norte, de duas formas: neutralização e harmonia vocálicas.

Convém iniciarmos a análise pela harmonia vocálica, uma vez que este processo somente se estabelece se houver um contexto para sua aplicação. Mas, antes, julgamos necessário esclarecer uma situação que será fundamental em relação à região Norte.

Ocorre que, nessa região, dada a variedade de processos fonológicos que se realizam – harmonia, neutralização e redução vocálicas – torna-se essencial o desmembramento de \*MID, a exemplo de Lee (2006), em \*e/o e \*ɛ/ɔ, uma vez que estas constituem-se, individualmente, como subconjuntos de \*MID no PB. Assim, uma vez que necessitaremos demonstrar a neutralização na região Norte, é de suma importância que \*MID

encontre-se desmembrada. Feito esse esclarecimento, prossigamos com a discussão acerca da harmonia vocálica.

A partir do ranqueamento inicialmente estabelecido para a região Norte, vemos, ora, a necessidade de incorporar a restrição AGREE, que determina a **assimilação do traço [ATR] pela vogal média na sílaba pretônica sempre que houver vogal média na sílaba tônica**. A questão que se coloca é: em que posição do ranqueamento deverá entrar tal restrição para ilustrar tal ocorrência?

Um primeiro aspecto a se considerar é que tal restrição funciona tanto em favor da vogal média-baixa em posição pretônica, quando na sílaba tônica tivermos também vogal média-baixa, quanto em favor de vogal média-alta pretônica, quando na tônica verificarmos vogal-média alta. Assim, a restrição poderá servir para determinar uma mudança de vogal média-alta para vogal média baixa em posição pretônica, ou, então, ajudar a preservar a estrutura.

Se ordenarmos tal restrição abaixo de IDENT [ATR], nada acontecerá. Assim, a relação mais adequada seria AGREE >> IDENT [ATR]. Já em relação à restrição IDENT (HEIGHT), esta deverá ser ordenada juntamente com AGREE, para evitar que o candidato com vogal alta seja escolhido como ótimo.

Como dizíamos, dado o alto índice de recorrência da harmonia, inclusive maior que a preservação da estrutura (em relação à vogal média-baixa e responsável também pela preservação da estrutura em relação à vogal média-alta), utilizemos a restrição AGREE na parte mais alta de nosso ranqueamento para representar esse processo: AGREE, IDENT (HEIGHT) >> \*ε/ɔ, \*e/o, IDENT [ATR]<sup>37</sup>. Nessa análise, AGREE determina que **a vogal média na sílaba pretônica deva assimilar o traço [ATR] da vogal média na sílaba tônica**. Vejamos como isso se demonstra a partir de um *input* como 'r[e] 'l[ɔ]gio'.

<sup>37</sup> Apenas para reforçar, lembramos que as restrições IDENT<sub>STR</sub>(HEIGHT/ATR), Ident [α BACK], IDENT [+LOW] e IDENT [+HIGH] encontram-se ranqueadas acima de todas as demais.

**Tableau 36 – AGREE, IDENT (HEIGHT) >> \*ε/ɔ, \*e/o, IDENT [ATR]**

r[e] 'l[ɔ]gio	AGREE	IDENT(HEIGHT)	*ε/ɔ	*e/o	IDENT [ATR]
a. r[e]lógio	*!			*	
☞ b. r[ε]lógio			*		*
c. r[i]lógio		*!			

Como se verifica, o candidato ótimo é ‘r[ε]lógio’, uma vez que a vogal média pretônica do input assimila o traço [-ATR] da vogal média tônica, tornando-se, também, média-baixa. Além disso, o fato de a restrição IDENT (HEIGHT) posicionar-se na parte mais alta do ordenamento, juntamente com AGREE, impede que o candidato constituído de vogal alta seja escolhido como ótimo. Caso \*ε/ɔ fosse posicionado na parte mais alta, teríamos problemas para ter o candidato ‘b’ como ótimo.

Embora tenhamos conseguido explicar essa situação, surge outro problema quando o falante opta pela preservação da estrutura, que, nesse caso, tem recorrência menor que a harmonia, mas ainda assim é bastante recorrente. Nesse caso, será necessário que AGREE troque de posição com IDENT [ATR], passando esta para a posição mais alta do ranqueamento, enquanto aquela ficará na parte mais baixa. Isso, porém, a exemplo do que ocorreu com a região Sul de Minas Gerais, vai contra a TO clássica.

**Tableau 37 – IDENT(HEIGHT), IDENT [ATR] >> \*e/o, AGREE, \*ε/ɔ**

r[e] 'l[ɔ]gio	IDENT(HEIGHT)	IDENT [ATR]	*e/o	AGREE	*ε/ɔ
☞ a. r[e]lógio			*	*	
b. r[ε]lógio		*!			*
c. r[i]lógio	*!				

Observe que as restrições IDENT [ATR] e IDENT (HEIGHT) atuam evitando que os processos de harmonia e de redução vocálica se apliquem. Isso, todavia, estabelece dois sérios problemas, ou seja, além de alternar as posições de duas restrições no ordenamento, ainda permite que haja a saída de mais de um candidato ótimo, algo impossível para essa vertente clássica. Isso demonstra a inviabilidade dessa vertente para discutir os fenômenos de variação.

Por fim, discutamos o último processo que se aplica em relação à região Norte, ou seja, a neutralização vocálica. Em relação a ela, é necessário considerarmos a restrição *\*e/o* na porção mais alta do *tableau* e o rebaixamento de IDENT [ATR] para o lugar de *\*e/o*. Esta restrição determina o fenômeno de neutralização, em que vogais médias-altas tornam-se baixas naqueles contextos fonológicos já descritos. Assim, teríamos o seguinte ordenamento para ilustrar essa situação: IDENT (HEIGHT), *\*e/o* >> AGREE, IDENT [ATR], *\*ε/ɔ*. Vejamos como isso se aplica no *tableau* (38):

**Tableau 38 – IDENT (HEIGHT), *\*e/o* >> AGREE, IDENT [ATR], *\*ε/ɔ***

r/e/ação	IDENT(HEIGHT)	<i>*e/o</i>	AGREE	IDENT [ATR]	<i>*ε/ɔ</i>
a. r[e]ação		*!			
☞ b. r[ε]ação				*	*
c. r[i]ação	*!				

Mais uma vez, embora tenha sido devidamente contemplada a neutralização, é necessário observar que isso fere a TO clássica, o que acaba inviabilizando essa análise.

Baseados naquilo que vimos discutindo, observemos, ora, quais deverão ser as mudanças no ranqueamento para que possamos obter um candidato através do processo de redução vocálica. Assim, voltemos ao *input* ‘c/o/elho’, por exemplo.

**Tableau 39 - *\*e/o*, *\*ε/ɔ* >> AGREE, IDENT(HEIGHT), IDENT[ATR]**

c/o/elho	<i>*e/o</i>	<i>*ε/ɔ</i>	AGREE	IDENT(HEIGHT)	IDENT [ATR]
a. c[o]elho	*!				
b. c[ɔ]elho		*!	*		*
☞ c. c[u]elho				*	

Vejamos que as restrições *\*e/o* e *\*ε/ɔ* foram posicionadas na posição mais alta do ordenamento. É interessante observar que, quando juntas para determinar a redução vocálica, essas restrições podem ser substituídas por *\*MID*.

É importante ressaltar que, no caso do item ‘coelho’, a preservação da estrutura pode se dar através de dois ranqueamentos distintos: AGREE , IDENT (HEIGHT) >>\*ε/ɔ, \*e/o, IDENT [ATR] e IDENT(HEIGHT), IDENT[ATR] >> \*e/o, AGREE \*ε/ɔ. No primeiro caso, a preservação é determinada pela harmonia vocálica, uma vez que há assimilação do traço [+ATR] da vogal média da sílaba tônica pela vogal média da sílaba pretônica. No segundo ordenamento, as restrições IDENT (HEIGHT) e IDENT [ATR] garantem a prevalência da vogal média-alta na posição pretônica.

Todas as observações apresentadas até agora, porém, vão contra aquilo que prega a vertente clássica da TO. As análises, portanto, acabam perdendo o seu valor em função da possibilidade de ocorrência de mais de um candidato ótimo e da necessidade de alternância entre as restrições, ou seja, uma restrição que está ranqueada em posição mais baixa poderá necessitar passar a uma posição mais alta dependendo do processo que está se aplicando.

Enfim, a partir de tudo o que foi discutido, podemos depreender as seguintes observações:

- A TO clássica torna-se ineficiente para explicar fenômenos de variação em função da rigidez de seu formalismo;
- A restrição AGREE é essencial para explicar a harmonia vocálica, sendo que, em função de determinar assimilação do traço [ATR] da vogal média da sílaba tônica pelas vogais médias em posição pretônica, também pode ser utilizada para demonstrar a preservação da estrutura em um *input* como *c/o/elho*, por exemplo;
- As restrições de marcação \*e/o e \*ε/ɔ, quando posicionadas na parte mais alta do ordenamento, dominando todas as demais, são as responsáveis pela redução vocálica;

- Caso, porém, apenas a restrição \*e/o fique na posição mais alta, juntamente como IDENT (HEIGHT), teremos neutralização ao invés de redução;
- Finalmente, a preservação da estrutura se dará de forma irrestrita sempre que IDENT[ATR] e IDENT (HEIGHT) estiverem posicionadas na parte mais alta do ranqueamento.

Se nos basearmos no formalismo da teoria, seria de se esperar que utilizássemos apenas um ordenamento para determinar a aplicação dos processos.

Mas isso é impossível para a TO clássica: não há como explicar a realização de todos os processos fonológicos a partir de apenas um único ordenamento.

Assim, com base nas análises já estabelecidas, acreditamos que não há porque continuar a discutir os dados a partir da vertente clássica da TO. Concluimos que os dados não se enquadram no formalismo dessa vertente, uma vez que os mesmos relacionam-se à variação e, por conseguinte, não são passíveis de explicação através dela.

Dada, pois, a inoperância da vertente clássica da teoria em relação aos obstáculos apresentados e também em relação à possibilidade real de ocorrência de mais de um candidato ótimo, propomos retomar a discussão a partir da abordagem variacionista das saídas múltiplas, trabalhadas por Anttila & Cho (1998).

## **4.2 Abordagem variacionista**

A partir de agora, passaremos a discutir os dados e os ranqueamentos propostos tendo como base as abordagens variacionistas de Anttila & Cho (1998) e de Coetzee (2005). Esperamos poder explicar devidamente as preferências demonstradas pelos falantes em

relação à escolha por uma das vogais médias ou pelo alçamento. Assim, iniciaremos tal tentativa pela proposta dos *tableaux* múltiplos de Anttila e Cho (1998).

Com referência aos dados com os quais temos trabalhado, verifica-se a existência de variação em relação à utilização das vogais médias em posição pretônica pelos falantes das regiões Sul e Norte de Minas Gerais. Tal variação apresenta ocorrência tanto intradialetal, quanto interdialeletal. Na região Sul de Minas, por exemplo, mesmo onde ocorre o alçamento vocálico pelo processo de redução, manifestam-se as vogais médias-altas. Tal ocorrência não pode ser adequadamente descrita pela TO clássica sem determinar problemas naquilo que tange aos pressupostos básicos da teoria. Já na região Norte de Minas, situações se oferecem em que temos até três possibilidades de ocorrência, a saber: vogal média-alta, vogal média-baixa (através de harmonia vocálica ou de neutralização vocálica) e vogal alta (através de alçamento por redução vocálica). Dada essa variedade, as análises buscarão, primeiramente, discutir as variações intra-dialetais e, posteriormente, interdialetais.

#### **4.2.1 A variação conforme Anttila & Cho (1998)**

Iniciaremos, pois, discutindo o tratamento que pode ser oferecido pela proposta de Anttila & Cho (1998). Vale ressaltar que as restrições serão as mesmas utilizadas nas discussões preliminares com a vertente clássica da TO, mas a posição que elas ocuparão no ordenamento é que variará conforme a argumentação dos *tableaux* múltiplos. Tais diferenças entre os *tableaux* é que refletirá as alternâncias tanto intra- quanto interdialetalmente.

Apenas lembrando aquilo que faz parte da proposta de Anttila & Cho (1998)<sup>38</sup> e que reserva a possibilidade de explicação de fenômenos de variação pela TO, existem quatro propriedades que atuam diretamente para estabelecer as gramáticas das línguas. São elas:

---

<sup>38</sup> Tal proposta é discutida no item 2.4.1.1 deste trabalho.

- a) Irreflexibilidade: nenhuma restrição pode ser ranqueada abaixo ou acima de si própria.
- b) Assimetria: se a restrição  $x$  é ranqueada acima da restrição  $y$ , ela não pode ser ranqueada abaixo de  $y$ ;
- c) Transitividade: se  $x$  é ranqueada acima de  $y$  e  $y$  é ranqueada acima de  $z$ , então  $x$  é ranqueada acima de  $z$ .
- d) Conectividade: toda restrição é ranqueada com relação a todas as outras restrições.

De acordo com a proposta que aplicaremos aos dados a partir deste momento, a propriedade ‘d’ não ocorreria de fato, o que permitiria um ordenamento parcial, fazendo com que tenhamos mais de um *tableau* possível para uma mesma língua. Ora, se tivermos mais de um *tableau*, teremos mais de uma gramática e, por conseguinte, mais de um candidato ótimo. Isso nos ajudaria a explicar fenômenos de variação em que temos mais de um candidato ótimo.

#### 4.2.1.1 Variação intradialetal na região Sul de Minas Gerais

Tomemos, pois, o ranqueamento que ficou estabelecido para a região Sul de Minas, como o de maior ocorrência, para explicar as preferências do falante nessa região:

- IDENT [ATR], IDENT(HEIGHT) >> \*MID

Observe que nesse ordenamento, as restrições de fidelidade dominam a restrição de marcação \*MID. Se retirarmos a propriedade da conectividade, poderemos dizer, por exemplo, que não há relação de dominância entre \*MID e as restrições de fidelidade do tipo



IDENT. Isso seria muito importante para explicarmos o porquê da alternância quando se estabelece a variação entre vogais que alçam e vogais que não alçam.

Voltando aos dados, é possível, perceber que em todos os itens em que ocorreu o alçamento, alguns falantes optaram por não alçar a vogal média. O que fazer em relação a essa alternância? O caminho seria estabelecer duas relações de dominância a fim de ilustrar a variação que se estabelece na região Sul de Minas, ou seja:

- IDENT(HEIGHT), IDENT [ATR] >> \*MID
- \*MID >> IDENT(HEIGHT), IDENT [ATR]

É interessante observar que, uma vez que o alçamento é determinado por um processo de redução vocálica, essa diferença de ranqueamento só faz sentido com os itens que permitem a ocorrência de tal fenômeno:

**Tableau 40 - \*MID >> IDENT(HEIGHT), IDENT [ATR]**

c/o/ruja	*MID	IDENT [ATR]	IDENT (HEIGHT)
a. c[o]ruja	*!		
b. c[ɔ]ruja	*!	*	
☞ c. c[u]ruja			*

Observe que nesse *tableau*, a redução vocálica determina o alçamento da vogal média e, assim, o candidato ótimo para esse ranqueamento é c[u]ruja. Contudo, como já foi colocado, diante da possibilidade de ocorrência de vogal média-alta, poderíamos argumentar em favor da preservação da estrutura do *input* e, nesse caso, utilizar o outro ranqueamento para explicar essa situação:

**Tableau 41 - IDENT(HEIGHT), IDENT [ATR] >> \*MID**

c/o/ruja	IDENT[HEIGHT]	IDENT[ATR]	*MID
☞ a. c[o]ruja			*
b. c[ɔ]ruja		*!	*
c. c[u]ruja	*!		

Perceba que, no caso acima, o candidato escolhido foi c[o]ruja. Desse modo, estabelecemos a possibilidade de alternância entre os candidatos constituídos de [u] e [o], respectivamente, e postulamos que os ranqueamentos a serem utilizados para explicar a variação intradialetal na região sul de Minas Gerais devem ser exatamente aqueles apresentados nos *tableaux* desta seção.

Um problema que se estabelece em relação a essa região refere-se às situações em que viermos a observar apenas um candidato ótimo, constituído de vogal média-alta, como é o caso de ‘cebola’, por exemplo. Nessa situação, o único ordenamento a se aplicar seria aquele em que Fidelidade >> Redução. Observe essa situação no *tableau* (42):

**Tableau 42 - IDENT (HEIGHT), IDENT[ATR] >> \*MID**

c/e/bola	IDENT (HEIGHT)	IDENT[ATR]	*MID
☞ a. c[e]bola			*
b. c[ɛ]bola		*!	*
c. c[i]bola	*!		

Verificamos, assim, que a proposta de Anttila & Cho (1998) consegue, de maneira mais abrangente, descrever e explicar a variação existente em relação à utilização de vogal média-alta e de vogal alta na região sul de Minas.

Passemos, agora, a discutir a variação intradialetal verificada na região Norte de Minas Gerais, que apresenta um nível de complexidade ainda maior, haja vista que, em alguns casos, teremos a ocorrência de até três candidatos ótimos.

#### 4.2.1.2 Variação intradialetal na região Norte de Minas Gerais

Apenas para lembrar, verificou-se que, na região sul de Minas, a variação se estabelece intradialetalmente de duas maneiras muito interessantes. A primeira delas refere-se

à possibilidade de alçamento da vogal média através da redução vocálica. Contudo, os mesmos itens que permitiram a redução apresentam também vogal média-alta em sua constituição, o que determina a segunda possibilidade de ocorrência. Nesse caso, o falante nem sempre opta por alçar a vogal média, preferindo a preservação da estrutura. Por isso, durante a coleta, verificou-se a concorrência de itens como c[o]ruja~c[u]ruja; ap[e]lido~ap[i]lido, dentre outros.

Uma vez que, na região norte, temos a ocorrência de vogais médias-altas e vogais altas a partir de um mesmo item lexical, podemos postular que é necessária a utilização de dois ranqueamentos para explicitar tal situação, a exemplo do ocorrido na região sul de Minas e nas análises realizadas através da TO clássica para a própria região norte: IDENT(HEIGHT), IDENT[ATR] >> \*MID<sup>39</sup>, AGREE e \*MID >> AGREE, IDENT(HEIGHT), IDENT[ATR]. Observe que o primeiro demonstra a preferência do falante pelas vogais [e, o], indicando a preservação da estrutura através do domínio das restrições de fidelidade sobre \*MID. Já o segundo ranqueamento, estabelece a escolha pelas vogais altas [i, u], em função da redução vocálica que se estabelece através do domínio de \*MID sobre as restrições de fidelidade. Verifiquemos como isso se estabelece nos *tableaux* (43) e (44), que se seguem, a partir do *input* ‘c/o/ruja’:

**Tableau 43 – IDENT(HEIGHT), IDENT[ATR] >> \*MID, AGREE**

c/o/ruja	IDENT(HEIGHT)	IDENT [ATR]	*MID	AGREE
☞ a. c[o]ruja			*	
b. c[ɔ]ruja		*!	*	
c. c[u]ruja	*!			

**Tableau 44 – \*MID >> AGREE, IDENT(HEIGHT), IDENT[ATR]**

c/o/ruja	*MID	AGREE	IDENT(HEIGHT)	IDENT [ATR]
a. c[o]ruja	*!			
b. c[ɔ]ruja	*!			*
☞ c. c[u]ruja			*	

<sup>39</sup> Lembramos que a restrição \*MID foi desmembrada em \*e/o e \*ɛ/ɔ, na análise feita para a região através da TO clássica, para contemplar devidamente a neutralização. Optamos, contudo, por utilizar \*MID nos casos de redução vocálica em função de uma melhor visualização desse processo.

Observe que, em relação aos *tableaux* (43) e (44) os candidatos observados como *outputs* são exatamente os esperados. A mesma ocorrência se aplica a um *input* como ‘c/o/elho’. Observe a alternância de restrições nos dois *tableaux* que serão apresentados, determinando a variação entre [u] e [o], respectivamente:

**Tableau 45 – \*MID >> AGREE, IDENT(HEIGHT), IDENT[ATR]**

c/o/elho	*MID	AGREE	IDENT(HEIGHT)	IDENT [ATR]
a. c[o]elho	*!			
b. c[ɔ]elho	*!	*		*
☞ c. c[u]elho			*	

**Tableau 46 – IDENT(HEIGHT), IDENT[ATR] >> \*MID, AGREE**

c/o/elho	IDENT(HEIGHT)	IDENT [ATR]	*MID	AGREE
☞ a. c[o]elho			*	
b. c[ɔ]elho		*!	*	*
c. c[u]elho	*!			

Com base no primeiro ordenamento, o falante alça a vogal média da sílaba pretônica a partir de um processo de redução vocálica. Para tanto, a restrição \*MID é ranqueada acima das demais, determinando a dominância sobre as restrições de fidelidade que poderiam evitar a aplicação do processo fonológico em evidência.

Por outro lado, no *tableau* (46) ocorre exatamente o inverso, com as restrições de fidelidade dominando \*MID, de forma a evitar o alçamento e manter a prevalência de [o] sobre os demais candidatos.

Verifica-se, assim, a eficácia apresentada, até esse momento, pela proposta dos *tableaux* múltiplos que, dada a possibilidade de mais de um ranqueamento para explicar fenômenos de variação, acaba permitindo a explicitação da alternância entre vogal média-alta e vogal alta.

Instituímos, pois, os seguintes ranqueamentos para explicar a preservação da estrutura do *input*, composta de vogal média-alta na posição pretônica, e a redução vocálica, que determina uma mudança para vogal alta:

- IDENT(HEIGHT), IDENT[ATR] >> \*MID, AGREE;
- \*MID >> AGREE, IDENT(HEIGHT), IDENT[ATR].

O ordenamento IDENT(HEIGHT), IDENT[ATR] >> \*MID, AGREE também será utilizado em todas as situações de preservação de estrutura, uma vez que o domínio das restrições de fidelidade sobre as de marcação garante o mapeamento fiel entre *input* e *output*. Da mesma forma, a redução vocálica estabelece-se sempre através do domínio de \*MID sobre as restrições de fidelidade.

Como já colocamos, a proposta dos múltiplos ordenamentos nos permitiu explicar a variação existente entre o processo de redução vocálica, que estabelece um alçamento da vogal média-alta [e, o] para vogal alta [i, u] e a preservação da estrutura [i, u] na região norte de Minas, algo impossível pela vertente clássica da teoria. Contudo, as discussões não se resumem apenas a esses aspectos e, por isso, passaremos ora a observar como deverá ser modificado o ordenamento para que possamos contemplar a harmonia vocálica e a neutralização, processos que também se aplicam na região norte e que são determinantes para o estabelecimento da variação entre as duas regiões estudadas.

Iniciemos nossas análises pela ocorrência de vogal média-baixa [ɛ, ɔ] na região norte a partir da neutralização. Vejamos, pois, o que é necessário fazer isso se estabeleça adequadamente.

Primeiramente, é necessário desmembrar novamente a restrição \*MID em \*e/o e \*ɛ/ɔ, haja vista que a restrição \*e/o é fundamental para determinar a neutralização e, conseqüentemente, o estabelecimento da vogal média-baixa [ɛ, ɔ] no *output*. Utilizando, então, o ranqueamento estabelecido para a observação da vogal média alta como ponto de

partida para a discussão, vemos o desmembramento de \*MID: IDENT(HEIGHT), IDENT[ATR] >> \*e/o, AGREE, \*ε/ɔ. A partir desse ranqueamento, teríamos a preservação da estrutura, que, já discutida anteriormente, não carece de nova representação. Utilizaremos, pois, esse ranqueamento para demonstrar a necessidade de uma alteração na relação de dominação entre algumas restrições de modo a explicar a recorrência de [ε, ɔ] na região norte. O primeiro aspecto a ser observado em relação ao ordenamento supracitado é que a restrição responsável pela neutralização da vogal média-alta, ou seja, \*e/o, deve ser ranqueada na parte mais alta, de forma a garantir que o processo fonológico se estabeleça. Além disso, é necessário que tal restrição domine a restrição de fidelidade IDENT[ATR], haja vista que esta prejudicaria o estabelecimento da vogal média-baixa pela preservação do traço [ATR]. Já a restrição de fidelidade IDENT(HEIGHT) permanece dominando, juntamente com \*e/o, as demais restrições, de forma a evitar que a vogal alta se estabeleça. Teríamos, por conseguinte, o seguinte ordenamento para a legitimação da vogal média-baixa através do processo fonológico da neutralização na região norte de Minas Gerais: IDENT (HEIGHT), \*e/o >> AGREE, IDENT [ATR], \*ε/ɔ. Senão, vejamos:

**Tableau 47 – IDENT (HEIGHT), \*e/o >> AGREE, IDENT [ATR], \*ε/ɔ**

r/e/ação	IDENT(HEIGHT)	*e/o	AGREE	IDENT [ATR]	*ε/ɔ
r[e]ação		*!			
☞ r[ε]ação				*	*
r[i]ação	*!				
fr/e/quência	IDENT(HEIGHT)	*e/o	AGREE	IDENT [ATR]	*ε/ɔ
fr[e]quência		*!			
☞ fr[ε]quência			*	*	*
fr[i]quência	*!				
c/e/rteza	IDENT(HEIGHT)	*e/o	AGREE	IDENT [ATR]	*ε/ɔ
c[e]rteza		*!			
☞ c[ε]rteza			*	*	*
c[i]rteza	*!				

Observe que, em todos os três contextos favoráveis à neutralização – vogal baixa na sílaba subsequente, sílaba tônica constituída de eN/oN, sílaba pretônica fechada por arquifonema /R/ - pudemos verificar sua aplicação.

As restrições IDENT(HEIGHT) e \*e/o demonstraram-se efetivas em relação ao bloqueio da vogal alta e da vogal média-alta, respectivamente. Observe que se o ranqueamento apresentasse uma configuração diferente desta, certamente teríamos problemas para determinar a neutralização vocálica.

Passemos, enfim, para o último dos dois processos fonológicos responsáveis por determinar a escolha da vogal média-baixa [ɛ, ɔ] em posição pretônica pelo falante da região norte: a harmonia vocálica.

Já devidamente discutida no capítulo 3 da presente dissertação, a harmonia vocálica se estabelece na região norte a partir da assimilação do traço [ATR] da vogal média em posição tônica, pela vogal média-alta em posição pretônica. Também já foi observado na seção 4.1.2 que a restrição de marcação AGREE é de fundamental importância para a verificação de tal processo. É necessário, portanto, que se estabeleça se observe o ranqueamento adequado à explicação da presença de vogal média-baixa na região norte de Minas.

Como já se verificou no *tableau* (36), o ordenamento mais adequado para explicar a prevalência da vogal média baixa em contextos que admitem a aplicação da harmonia vocálica é AGREE, IDENT (HEIGHT) >>\*ɛ/ɔ, \*e/o, IDENT [ATR]. Perceba que a interação de AGREE e de IDENT(HEIGHT), dominando as demais restrições estabelece o bloqueio dos candidatos constituídos de vogal média-alta e de vogal alta, respectivamente. Isso possibilita a preponderância de [ɛ, ɔ]. Vejamos, pois, como isso é determinado no *tableau* (48), a seguir:

**Tableau 48 – AGREE , IDENT (HEIGHT) >>\*ε/ɔ, \*e/o, IDENT [ATR]**

m/o/eda	AGREE	IDENT(HEIGHT)	*ε/ɔ	*e/o	IDENT [ATR]
m[o]eda	*!			*	
m[ɔ]eda			*		*
m[u]eda		*!			

Observe como a harmonia se aplica de maneira bastante efetiva no *tableau* (48) com a restrição AGREE determinando a assimilação do traço [-ATR] da vogal média na sílaba tônica, pela vogal média pretônica. Além disso, a restrição de fidelidade IDENT(HEIGHT) evita a preferência pela vogal alta. Assim, esse ordenamento favorece a aplicação do processo de harmonia vocálica, o qual, aliás, toma precedência sobre os demais processos, inclusive sobre a preservação da estrutura.

É interessante observar que o processo de harmonia vocálica, quando há contexto para sua aplicação, acaba tendo uma frequência maior, até mesmo, que a preservação da estrutura na região norte. Tal prevalência sobre os outros processos, acaba por determinar os seguintes apontamentos:

- A preservação da estrutura em itens como ‘certeza’ e ‘frequência’, que apresentam contexto favorável à aplicação da neutralização vocálica, talvez possa ser determinada pelo ordenamento AGREE , IDENT (HEIGHT) >>\*ε/ɔ, \*e/o, IDENT [ATR], uma vez que todos esses itens apresentam contexto para a aplicação da harmonia vocálica e, como esse processo prevalece sobre os demais, é natural que ele se aplique em todos os contextos que lhe são favoráveis;
- Um item como ‘coelho’, por exemplo, que apresenta contexto para aplicação da harmonia pode, também, ter sua estrutura preservada por esse processo quando o falante não faz opção pela redução vocálica;



- Assim, parece possível explicar, por exemplo, porque em vários itens na região Norte não ocorre a mudança para vogal média-baixa ou para vogal alta, como é o caso de ‘cebola’, ‘professora’, ‘socorro’, entre outros.
- Julgamos que maiores discussões devem ser estabelecidas nesse sentido, visando investigar a fundo tal questão, o que iria muito além das pretensões deste trabalho.

Achamos prudente manter os ranqueamentos estabelecidos, haja vista que explicam devidamente cada uma das situações que se têm interposto em nossas análises, de modo que os ordenamentos responsáveis por determinar a preferência pelas vogais média-alta (preservação da estrutura), alta (redução vocálica), média-baixa (neutralização e harmonia vocálicas) são, respectivamente:

- IDENT (HEIGHT), IDENT [ATR] >> \*e/o, IDENT [ATR], \*ε/ɔ;
- \*MID >> AGREE, IDENT(HEIGHT), IDENT[ATR];
- IDENT (HEIGHT), \*e/o >> AGREE, IDENT [ATR], \*ε/ɔ;
- AGREE , IDENT (HEIGHT) >>\*ε/ɔ, \*e/o, IDENT [ATR].

Uma vez discutida a variação intradialetal existente na região Norte à luz da proposta de Anttila & Cho (1998), passemos a discutir, com o mesmo pressuposto teórico, a variação interdialetoal.

#### 4.2.1.3 Variação interdialetoal entre as regiões Sul e Norte de Minas Gerais

Tomando como base as discussões já apresentadas, verificamos que entre as regiões norte e sul de Minas Gerais observam-se várias semelhanças, como, por exemplo, o fato de haver alçamento da vogal média em posição pretônica por um processo de redução

vocálica. Diríamos, ainda, que é comum o falante preservar a estrutura presente no *input* em todos os contextos. Assim, há uma variação intradialetal, conforme já discutido nas seções anteriores, comum a ambas as regiões em função desses fenômenos, ou seja, a possibilidade de [e~i] e [o~u], em posição pretônica, como apontam os dados já discutidos. Dada essa semelhança entre as duas regiões, comparemos os ranqueamentos que ficaram estabelecidos para cada uma delas.

Para a região sul, observamos que os ranqueamentos **IDENT(HEIGHT)**, **IDENT[ATR] >> \*MID** e **\*MID >> IDENT(HEIGHT)**, **IDENT [ATR]** são, respectivamente, responsáveis por explicar as escolhas dos falantes pela vogal média-alta [e, o] e pela vogal alta [i, u]. Tal como demonstram os *tableaux* (49) e (50)<sup>40</sup>, que se seguem:

**Tableau 49 - IDENT(HEIGHT), IDENT [ATR] >> \*MID**

c/o/elho	IDENT(HEIGHT)	IDENT [ATR]	*MID
☞ a. c[o]elho			*
b. c[ɔ]elho		*!	*
c. c[u]elho	*!		

**Tableau 50 - \*MID >> IDENT(HEIGHT), IDENT [ATR]**

c/o/elho	*MID	IDENT(HEIGHT)	IDENT [ATR]
a. c[o]elho	*!		
b. c[ɔ]elho	*!		*
☞ c. c[u]elho		*	

Como foi demonstrado na seção 4.1.2, a princípio, poderíamos utilizar os mesmos ranqueamentos para a região norte, haja vista que os fenômenos são os mesmos, assim como as variantes envolvidas. Todavia, como já pudemos depreender, existem dois outros fenômenos que determinam uma diferença entre os falares e, por conseguinte, uma variação na utilização da vogal média em posição pretônica nas regiões estudadas. Tal variação seria

<sup>40</sup> Estes *tableaux* já haviam sido apresentados anteriormente na seção 4.1.1 sob os números (32) e (33).

motivada, essencialmente, pela harmonia e pela neutralização verificadas na região Norte, onde em contextos bem estabelecidos, há uma tendência à utilização da vogal média-baixa [ɛ, ɔ], que já foi discutida na seção anterior e será novamente observada mais adiante. Em função disso, os ranqueamentos utilizados para explicar as escolhas possíveis dos falantes da região norte foram acrescidos da restrição AGREE além do desmembramento da restrição \*MID em \*e/o e \*ɛ/ɔ<sup>41</sup>, haja vista que \*e/o é a restrição responsável pela neutralização vocálica lá ocorrida.

Por conseguinte, utilizamos os ordenamentos **IDENT(HEIGHT), IDENT[ATR] >> \*MID, AGREE** e **\*MID >> AGREE, IDENT(HEIGHT), IDENT[ATR]**<sup>42</sup>. Os *tableaux* (51) e (52) demonstram, respectivamente, a escolha pela vogal média-alta, através do primeiro ranqueamento e a escolha pela vogal alta, através do segundo ranqueamento. Observemos:

**Tableau 51 – IDENT(HEIGHT), IDENT[ATR] >> \*MID, AGREE**

c/o/ruja	IDENT(HEIGHT)	IDENT [ATR]	*MID	AGREE
☞ a. c[o]ruja			*	
b. c[ɔ]ruja		*!	*	
c. c[u]ruja	*!			

**Tableau 52 – \*MID >> AGREE, IDENT(HEIGHT), IDENT[ATR]**

c/o/ruja	*MID	AGREE	IDENT(HEIGHT)	IDENT [ATR]
a. c[o]ruja	*!			
b. c[ɔ]ruja	*!			*
☞ c. c[u]ruja			*	

É essencial observar que não é possível utilizar os ordenamentos propostos para a região norte para contemplar a variação intradialetal existente na região sul. Isso tem uma explicação bastante simples: embora os processos que determinam a presença de vogal média-

<sup>41</sup> Conforme discutido anteriormente, \*MID é o mesmo que \*e/o + \*ɛ/ɔ no caso do PB.

<sup>42</sup> Observe que optamos por utilizar \*MID, nos casos de redução vocálica, tendo em vista que nesse caso as restrições \*e/o e \*ɛ/ɔ se estabelecem como as mais altas do ranqueamento, não trazendo, assim, qualquer prejuízo para a análise. Ressaltamos, porém, que nas análises relacionadas à neutralização e à harmonia vocálica, a restrição \*MID encontrar-se-á, devidamente desmembrada, a exemplo da seção anterior.

alta e de vogal alta na região sul sejam os mesmos da região norte, existem outros processos implicados nesta região, conforme discutido anteriormente, que não se verificam naquela. A restrição AGREE, por exemplo, não se encontra ativa na região sul, tendo em vista a inexistência de harmonia vocálica nessa região. Tal questão ficará mais bem esclarecida adiante, quando estivermos discutindo o *input* ‘m/o/eda’. Assim, é impossível estabelecer um único ranqueamento que comporte as discussões envolvendo as duas regiões. Por isso, cabe aqui apenas comparar os dois dialetos, demonstrando as semelhanças e as diferenças entre os ordenamentos de cada um deles.

Feita essa observação, passemos a discutir a ocorrência de vogal média-baixa na região norte de Minas Gerais, fator responsável pela diferença, pela variação entre os dois dialetos em estudo e que é determinada através dos processos fonológicos de harmonia e de neutralização vocálicas, que podem ser representados, respectivamente, pelos seguintes ordenamentos<sup>43</sup>: AGREE, IDENT (HEIGHT) >> \*ε/ɔ, \*e/o, IDENT [ATR] e IDENT (HEIGHT), \*e/o >> AGREE, IDENT [ATR], \*ε/ɔ. Reproduzamos, pois, os *tableaux* da seção anterior que explicaram esses processos na região Norte:

**Tableau 53 – AGREE, IDENT (HEIGHT) >> \*ε/ɔ, \*e/o, IDENT [ATR]**

r[e]   l[ɔ]gio	AGREE	IDENT(HEIGHT)	*ε/ɔ	*e/o	IDENT [ATR]
a. r[e]lógio	*!			*	
☞ b. r[ε]lógio			*		*
c. r[i]lógio		*!			

**Tableau 54 – IDENT (HEIGHT), \*e/o >> AGREE, IDENT [ATR], \*ε/ɔ**

r/e/ação	IDENT(HEIGHT)	*e/o	AGREE	IDENT [ATR]	*ε/ɔ
a. r[e]ação		*!			
☞ b. r[ε]ação				*	*
c. r[i]ação	*!				

<sup>43</sup> Observe que nos ordenamentos que se seguem a restrição \*MID já se encontra devidamente desmembrada em \*e/o + \*ε/ɔ, principalmente em função da necessidade de discutir a questão da neutralização vocálica.

Veja que no primeiro *tableau*, AGREE interage com IDENT (HEIGHT), dominando as demais restrições e estabelecendo a harmonia vocálica. Já no segundo, a interação se dá entre \*e/o e IDENT (HEIGHT), dominando as demais restrições e estabelecendo a predominância da neutralização vocálica. Essas duas situações determinam diretamente a diferença entre a região sul e a região norte, conforme demonstrado na tabela (17) abaixo:

**Tabela 17 - Recorrência dos processos fonológicos e respectivas variantes nas regiões em estudo**

<b>PROCESSOS FONOLÓGICOS</b>	<b>REGIÃO SUL</b>	<b>REGIÃO NORTE</b>
<b>Preservação da estrutura / [e, o]</b>	X	X
<b>Redução vocálica / [i, u]</b>	X	X
<b>Harmonia vocálica / [ɛ, ɔ]</b>		X
<b>Neutralização vocálica / [ɛ, ɔ]</b>		X

A discussão, porém, não termina com a apresentação dessa tabela. Buscaremos demonstrar, a seguir, depois de já termos discutido todos os processos envolvidos nas duas regiões estudadas, porque afinal não podemos explicar a região sul pelo mesmo *tableau* utilizado para a região norte para demonstrar a ocorrência de [e, i] e de [i, u].

Tomemos, pois, um *input* como ‘m/o/eda’. Para ele, temos as seguintes ocorrências:

- Região sul – m[o]eda ~ m[u]eda;
- Região norte - m[o]eda ~ m[u]eda ~ m[ɔ]eda.

Como se pode observar, na região norte temos as mesmas ocorrências da região sul, além de ‘m[ɔ]eda’, que se estabelece a partir de um processo de harmonia vocálica, inexistente na região sul.

Levando as observações de Anttila & Cho (1998) ao pé-da-letra, deveríamos demonstrar a variação entre os dois dialetos através das mesmas restrições, alternando, apenas, o ordenamento para contemplar cada uma das situações. Porém, a restrição AGREE não se estabelece na região sul, uma vez que lá não se aplica a harmonia vocálica. Como

demonstrar, então, através de um único conjunto de restrições, dois sistemas tão diversos? É, sem dúvida, um problema para a proposta. Assim, adotaremos, respectivamente, o sistema da região sul para explicar os casos da região sul (*tableaux* 55, 56 e 57) e o sistema da região norte para os casos da região norte (*tableaux* 58, 59 e 60):

**Tableau 55 - IDENT(HEIGHT), IDENT [ATR] >> \*MID**

m/o/eda	IDENT(HEIGHT)	IDENT [ATR]	*MID
☞ a. m[o]eda			*
b. m[ɔ]eda		*!	*
c. m[u]eda	*!		

**Tableau 56 - \*MID >> IDENT(HEIGHT), IDENT [ATR]**

m/o/eda	*MID	IDENT(HEIGHT)	IDENT [ATR]
a. m[o]eda	*!		
b. m[ɔ]eda	*!		*
☞ c. m[u]eda		*	

Interessantemente, os dois candidatos podem ser contemplados num único *tableau*. Basta, para isso, que seja eliminada a única relação de dominação ainda estabelecida:

**Tableau 57 - IDENT(HEIGHT), IDENT [ATR], \*MID**

m/o/eda	IDENT(HEIGHT)	IDENT [ATR]	*MID
☞ a. m[o]eda			*
b. m[ɔ]eda		*	*!
☞ c. m[u]eda	*		

Para a região norte:

**Tableau 58 – IDENT(HEIGHT), IDENT[ATR] >> \*e/o, AGREE \*ε/ɔ (preservação da estrutura)**

m/o/eda	IDENT(HEIGHT)	IDENT [ATR]	*e/o	AGREE	*ε/ɔ
☞ a. m[o]eda			*		
b. m[ɔ]eda		*!		*	*
c. m[u]eda	*!				

**Tableau 59 – \*e/o, \*ε/ɔ >> AGREE, IDENT(HEIGHT), IDENT[ATR] (redução vocálica)**

m/o/eda	*ε/ɔ	*e/o	AGREE	IDENT(HEIGHT)	IDENT [ATR]
a. m[o]eda		*!			
b. m[ɔ]eda	*!		*		*
☞ c. m[u]eda				*	

**Tableau 60 – AGREE, IDENT (HEIGHT) >> \*ε/ɔ, \*e/o, IDENT [ATR]**

m/o/eda	AGREE	IDENT(HEIGHT)	*ε/ɔ	*e/o	IDENT [ATR]
a. m[o]eda	*!			*	
☞ b. m[ɔ]eda			*		*
c. m[u]eda		*!			

Na região norte, diferentemente da região Sul, caso tentemos eliminar a relação de dominação entre as restrições, teremos apenas o candidato ‘m[u]eda’ como ótimo, deturpando a análise até aqui apresentada.

Encerramos, pois, com essa discussão a análise da variação nas regiões Sul e Norte de Minas Gerais através da proposta de Anttila & Cho (1998). Porém, antes de passarmos à outra seção, torna-se necessária uma reflexão acerca dos aspectos positivos e negativos que a mesma apresenta.

Em primeiro lugar, a proposta é capaz de explicar de maneira bastante satisfatória a ocorrência de todos os processos que se colocaram para análise, principalmente, as análises intra-dialetais. Ao passarmos, porém, para as análises interdialetais, enfrentamos problemas com a restrição AGREE, que só se encontra ativa na região Norte em relação ao contexto estabelecido. Isso demonstra que esses dialetos não podem ter a mesma gramática.

Além disso, a proposta desconsidera uma das propriedades que é tida como essencial ao embasamento da teoria que é a propriedade da conectividade, demonstrada na seção 2.4.1.2 do capítulo 2. Verificamos que os ranqueamentos acabam alternando-se continuamente, sendo que a única relação de dominância absolutamente estrita foi estabelecida entre IDENT<sub>STR</sub>(HEIGHT/ATR), IDENT [α BACK], IDENT [+LOW] e IDENT [+HIGH] ranqueadas sempre sobre as demais restrições.

Outro relaciona-se aos níveis de ocorrência de uma ou outra variante. Ao utilizarmos os ranqueamentos múltiplos, temos a possibilidade de saída de mais de um candidato ótimo. Sabe-se que quando existe variação, a frequência entre as variantes não é exatamente igual. Porém, através da proposta de Anttila & Cho (1998), não há como dizer qual o item que apresenta maior nível de ocorrência. Quando analisamos a variação, ressaltamos que a ocorrência interdialetoal de vogal média-alta era maior que a de vogal média-baixa, uma vez que esta só se verifica em alguns contextos fonológicos e apenas na região Norte. A proposta, contudo, é capaz unicamente, de indicar a variação, sem poder estabelecer que uma variante ocorre mais que a outra.

Essas observações acabam por demonstrar que a proposta dos *tableaux* múltiplos de Anttila & Cho (1998) embora apresente grandes virtudes na explicação dos processos, demonstra, ainda, limitações importantes. No estudo em questão, a grande limitação foi em relação à análise da variação interdialetoal, uma vez que as gramáticas das duas regiões eram diferentes em termos das restrições utilizadas, embora algumas ocorrências fossem iguais.

É interessante observar que a explicação da gramática da região sul para as vogais médias é mais econômica, se assim podemos dizer, em relação à utilização de restrições, tendo em vista que intradialetoalmente estão envolvidas apenas duas variantes (vogal média-alta e vogal alta), estabelecidas através de apenas dois fenômenos (preservação da estrutura e redução vocálica). A região norte, por sua vez, precisa de um número maior de restrições para explicar a variação existente entre vogais médias-altas, vogais médias-baixas e vogais altas, estabelecidas, respectivamente pela preservação da estrutura; neutralização e harmonia vocálicas; e redução vocálica.

Isso, contudo, não inviabiliza a proposta que se mostrou bastante adequada em relação à variação intradialetoal. Além disso, demonstrou se tratar de uma alternativa melhor do que a vertente clássica da teoria quando se busca explicar os fenômenos de variação.

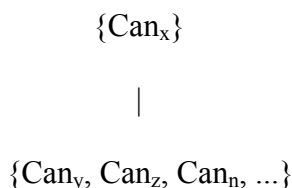


Na próxima seção, discutiremos os mesmos fenômenos à luz da proposta de Coetzee (2005) que se relaciona a um ordenamento dos candidatos a *output*.

#### 4.2.2 A variação conforme Coetzee (2005)

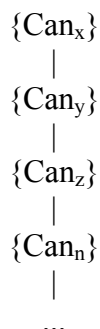
A proposta de Coetzee (2005), discutida na seção 2.4.1.3, visa reelaborar o papel de EVAL em relação aos candidatos a *output*. Uma das observações que o autor faz em relação ao trabalho de EVAL é que este se limita, conforme os pressupostos clássicos da teoria, a escolher o candidato ótimo, relegando todos os outros candidatos a um mesmo nível. Reproduzimos aqui em (13) o esquema que ilustra essa situação:

**Diagrama 13 - Visão clássica: 2 níveis**



Diferentemente da visão clássica, Coetzee (2005) propõe que uma alternativa para a explicação de fenômenos de variação se daria por um ordenamento completo dos candidatos a *output*, distribuindo-os conforme a sua frequência de ocorrência. Assim, teríamos algo como representado pelo esquema (14) que novamente reproduzimos aqui:

**Diagrama 14 - Alternativa: ordenamento completo dos candidatos**



Assim, EVAL passa a ordenar todos os candidatos, desde o mais bem formado até o menos bem formado. Sem nos determos excessivamente em explicações que já foram relacionadas, discutamos os dados que se nos oferecem.

#### 4.2.2.1 Variação intradialetal na região Sul de Minas Gerais

Começemos essa análise a partir dos ranqueamentos que ficaram estabelecidos nas discussões anteriores:

- IDENT<sub>STR</sub>(HEIGHT/ATR), IDENT[α BACK], IDENT[+LOW], IDENT[+HIGH] >> IDENT(HEIGHT), IDENT[ATR] >> \*MID
- IDENT<sub>STR</sub>(HEIGHT/ATR), IDENT[α BACK], IDENT[+LOW], IDENT[+HIGH] >> \*MID >> IDENT(HEIGHT), IDENT[ATR].

Indo diretamente ao ponto que merece discussão, observemos que, diferentemente da proposta de Anttila & Cho (1998), Coetzee (2005) não permite que mais de um ordenamento seja utilizado. O ordenamento das restrições deve ser estrito, a diferença é que os candidatos também são ordenados desde o mais freqüente até o menos freqüente. E o ranqueamento torna-se o responsável por ilustrar isso. Assim, uma vez que se verifica a manutenção da estrutura em todos os contextos na região Sul, mesmo naqueles em que se observa a redução vocálica, estabelecemos que o primeiro ranqueamento será o mais adequado para ilustrar o correto ordenamento dos candidatos, mas, como veremos a seguir, algumas alterações deverão ser realizadas em relação ao ordenamento estabelecido. É importante ressaltar que Coetzee (2005) estabelece um ‘ponto de corte’, através do qual é

possível determinar aquilo que é permitido na língua e aquilo que não é. Verifica-se isso da seguinte forma: se o candidato violar alguma restrição que esteja à esquerda do ‘ponto de corte’, ele não poderá ser considerado como um candidato possível naquela língua. Já os candidatos que violarem restrições, à direita do ‘ponto de corte’, poderão ser ordenados conforme o nível da violação. Estabelecemos, em relação à região Sul, que as restrições  $IDENT_{STR}(HEIGHT/ATR)$ ,  $IDENT[\alpha BACK]$ ,  $IDENT[+LOW]$ ,  $IDENT[+HIGH]$  deverão ficar acima desse ‘ponto de corte’, uma vez que nenhum candidato poderá violá-las. Determinamos, também, que a restrição  $IDENT[ATR]$  deverá ficar acima dele, haja vista que não se observa a recorrência de itens com vogal média-baixa na posição pretônica na região em discussão. Vejamos como isso funciona a partir de um *input* como ‘c/o/elho’ que tem como elemento mais freqüente a manutenção da estrutura e, em seguida, a redução vocálica:

**Tableau 61 - /o/ → [o > u > ə]**

c/o/elho	$IDENT_{STR}(HEIGHT/ATR)$ , $IDENT[\alpha BACK]$ , $IDENT[+LOW]$ , $IDENT[+HIGH]$ <sup>44</sup>	$IDENT[ATR]$	$IDENT(HEIGHT)$	*MID
1. c[o]elho				*
2. c[u]elho			*	
3. c[ə]elho		*!		*

Observe que o *tableau* (59) determina devidamente o ordenamento dos candidatos conforme a recorrência no dialeto em questão. Assim, o candidato ‘c[o]elho’ foi determinado como o melhor candidato, enquanto que ‘c[u]elho’ foi considerado o segundo. Por fim, o candidato ‘c[ə]elho’ é o único que viola uma restrição acima do ‘ponto de corte’ e, por conseguinte, não poderia ser considerado como um candidato possível, sendo excluído da análise.

Como se verifica, a análise foi bastante adequada, uma vez que a diferença de freqüência entre os candidatos foi respeitada, dado o ordenamento do candidato; o candidato

<sup>44</sup> Essas restrições foram agrupadas porque a dominância que pode se estabelecer entre elas não é relevante para o estudo em questão.

que não é aferido na produção da região foi devidamente excluído da análise pela violação acima do ‘ponto de corte’ e a variação intradialetal pôde ser demonstrada.

Todavia, a discussão não é tão simples. Tomemos, por exemplo, um *input* como ‘g/o/rila’. Nesse caso, a frequência do candidato ‘g[u]rila’ na região Sul, apesar de estarmos lidando com dados de leitura, é maior que a de g[o]rila. Como, através de Coetzee (2005), poderíamos inverter a posição dos candidatos no ordenamento uma vez que o ranqueamento é estrito? Infelizmente, Coetzee (2005) não prevê resposta a esse questionamento. Aliás, até apresenta como um dos pilares de sua proposta, o fato de considerarmos a frequência relativa como elemento que determinaria a escolha pelo melhor candidato. Assim, a preocupação recairia na seguinte questão: qual é o candidato mais freqüente: [e, o] ou [i, u]? A resposta a essa pergunta determinaria o ordenamento das restrições e, conseqüentemente, o ordenamento dos candidatos. Por isso, teremos um *tableau* que não condiz com aquilo que é percebido no dialeto em relação ao *input* ‘g/o/rila’.

**Tableau 62 - /o/ → [o > u > ɔ]**

g/o/rila	IDENT <sub>STR</sub> (HEIGHT/ATR), IDENT[αBACK], IDENT[+LOW], IDENT[+HIGH]	IDENT[ATR]	IDENT(HEIGHT)	*MID
1. g[o]rila				*
2. g[u]rila			*	
3. g[ɔ]rila		*!		*

Como se vê, o candidato constituído de vogal média-baixa foi excluído, mas não é possível inverter a ordem entre ‘g[o]rila’ e ‘g[u]rila’.

Uma outra situação também se interpõe. Utilizemos um ‘input’ como ‘c/e/bola’. Conforme já discutimos anteriormente, o dialeto da região Sul de Minas (e, até mesmo o dialeto da região Norte) não apresenta variação em relação a esse *input*, ou seja, somente o candidato c[e]bola é atestado na produção dos falantes da região. Vejamos o que o *tableau* (61) nos mostra:

**Tableau 63 - /e/ → [e > i > ε]**

c/e/bola	IDENT <sub>STR</sub> (HEIGHT/ATR), IDENT[αBACK], IDENT[+LOW], IDENT[+HIGH]	IDENT[ATR]	IDENT(HEIGHT)	*MID
1. c[e]bola				*
2. c[i]bola			*	
3. c[ε]bola		*!		*

Como apresentado acima, teríamos ‘c[e]bola’ como o candidato melhor ordenado e ‘c[i]bola’ como o outro candidato possível. Porém, o único candidato que pode ser observado na produção dos falantes é ‘c[e]bola’. Como a proposta de Coetzee (2005) responderia a essa situação?

Nesse caso, a resposta pode ser dada pela redução vocálica, uma vez que o ordenamento de um candidato como c[i]bola em segundo lugar, poderia demonstrar uma tendência do dialeto dessa região. A redução é algo possível, embora não atestado em relação ao item em discussão.

Chegamos, desse modo, ao fim da discussão da variação intradialetal na região Sul de Minas através da proposta de Coetzee (2005). Como pudemos observar, nesse dialeto, que apresenta uma uniformidade maior, encontramos problemas para realizar a análise. Vejamos como a proposta discute os aspectos da região Norte de Minas.

#### 4.2.2.2 Variação intradialetal na região Norte de Minas Gerais

Com referência à região Norte, verificaremos, a princípio, que a simples aplicação do ranqueamento anterior, com o ponto de corte na posição em que se encontrava no *tableau*, será impossível, uma vez que o dialeto dessa região, apesar das semelhanças guardadas em relação à região Sul, apresenta a vogal média-baixa em posição pretônica em contextos específicos. Assim, a restrição IDENT [ATR] não pode ser ordenada acima do ‘ponto de corte’,

pois isso impossibilitaria a ocorrência desse tipo de vogal na região Norte de Minas. Em função disso, rebaixaremos a referida restrição para uma posição abaixo desse ‘ponto’ e acrescentaremos a restrição AGREE, haja vista a recorrência da harmonia vocálica nessa região. Vejamos qual a relevância disso através do *input* ‘m/o/eda’ no *tableau* (62):

**Tableau 64 - /o/ → [o > u > ɔ]**

m/o/eda	IDENT <sub>STR</sub> (HEIGHT/ATR), IDENT[αBACK], IDENT[+LOW], IDENT[+HIGH]	IDENT [ATR]	IDENT(HEIGHT)	AGREE	*e/o	*ε/ɔ
1. m[o]eda				*	*	
2. m[u]eda			*	*		
3. m[ɔ]eda		*				*

Como se pode observar, os três candidatos estão devidamente contemplados no *tableau* (62), bem como os processos fonológicos que determinam a ocorrência de cada um. O candidato ‘m[o]eda’, conforme o ordenamento que foi estabelecido, foi o candidato melhor colocado. A seguir, vieram ‘m[u]eda’ e m[ɔ]eda, respectivamente. Isso demonstra que Fidelidade >> Redução >> Harmonia. Todavia, o *tableau* acima contém um problema sério: a harmonia, na região Norte, toma precedência sobre todos os outros processos. Veja a frequência desse processo na tabela (17):

**Tabela 18 - Ocorrência de vogais médias-altas e médias-baixas com vogal média-baixa na sílaba tônica**

Região Norte			
[e,o]		[ε,ɔ]	
51	41%	73	59%

Assim, não basta apenas posicionar IDENT [ATR] abaixo do ‘ponto de corte’. É necessário posicioná-la abaixo de AGREE, para que tenhamos o ordenamento adequado para essa região. Esse é um problema sério, tendo em vista que Coetzee (2005) estabelece a necessidade de um ranqueamento estrito e, tal mudança, fere a proposta do autor. Além disso,

a restrição IDENT (HEIGHT) deverá ser posicionada acima de IDENT[ATR], de forma a evitar que ‘m[u]eda’ seja escolhido como o melhor candidato:

**Tableau 65** - /o/ → [ɔ > u > o] ●\*<sup>45</sup>

m/o/eda	IDENT <sub>STR</sub> (HEIGHT/ATR), IDENT[αBACK], IDENT[+LOW], IDENT[+HIGH]	AGREE	IDENT(HEIGHT)	IDENT [ATR]	*e/o	*ε/ɔ
1. m[ɔ]eda				*		*
2. m[u]eda		*				
3. m[o]eda			*		*	

Agora o ordenamento apresenta um pequeno problema, ou seja, não é correto dizer que o candidato ‘m[u]eda’ deve-se posicionar em melhor lugar que ‘m[o]eda’, uma vez que a frequência relativa deste é maior. Por isso, torna-se necessário passar IDENT (HEIGHT) para a posição mais alta abaixo do ponto de corte, deixando AGREE como a segunda restrição mais alta. Isso, porém, não chega a se constituir como um problema, uma vez que indica a preferência pela manutenção da altura da vogal no *output*, o que parece correto do ponto de vista da ocorrência entre os processos. Vejamos como isso se aplica:

**Tableau 66** - /o/ → [ɔ > o > u]

m/o/eda	IDENT <sub>STR</sub> (HEIGHT/ATR), IDENT[αBACK], IDENT[+LOW], IDENT[+HIGH]	IDENT(HEIGHT)	AGREE	IDENT [ATR]	*e/o	*ε/ɔ
1. m[ɔ]eda				*	*	
2. m[o]eda			*			*
3. m[u]eda		*				

Agora, ao que parece, o ordenamento entre os candidatos estabelece-se de forma adequada. Vejamos, porém, o que ocorre em relação a um item como ‘c/o/elho, por exemplo, que apresenta preservação da estrutura e redução vocálica. Vale lembrar que, em relação à região Norte, a harmonia é determinante também em relação às vogais médias-altas. Vejamos como o *tableau* se aplica:

<sup>45</sup> O símbolo ●\* marca um ordenamento inadequado.

**Tableau 67 - /o/ → [o > ɔ > u]**

c/o/elho	IDENT <sub>STR</sub> (HEIGHT/ATR), IDENT[αBACK], IDENT[+LOW], IDENT[+HIGH]	IDENT(HEIGHT)	AGREE	IDENT [ATR]	*e/o	*ε/ɔ
1. c[o]elho					*	
2. c[ɔ]elho			*	*		*
3. c[u]elho		*				

Observe que o ranqueamento que muito bem se aplica ao item lexical ‘moeda’ determina um ordenamento incorreto em relação a ‘coelho’. Isso externa um problema para a teoria de Coetzee (2005), uma vez que acaba indo contra aquilo que é atestado no dialeto da região Norte de Minas Gerais. Em primeiro lugar deveria se aplicar a fidelidade/harmonia, o que se verifica e, depois, a redução, o que não é verdade. Eis um problema para a abordagem de Coetzee (2005): incapacidade de contemplar vários processos fonológicos ao mesmo tempo.

Vejamos, agora, como fazer em relação à neutralização. Observe que, até agora, a restrição \*e/o, responsável pela aplicação do processo encontra-se ordenada abaixo das restrições de fidelidade e de AGREE. Será realmente essa a posição a ser ocupada por \*e/o? Acreditamos que, em função da frequência apresentada por esse processo, podemos manter a posição desta restrição, uma vez que, juntamente com \*ε/ɔ, é a restrição responsável pela redução e, individualmente, a neutralização apresenta frequências menores que harmonia e fidelidade, conforme demonstram as tabelas a seguir:

**Tabela 19 - Ocorrência de vogais médias-altas e médias-baixas com vogal baixa na sílaba subsequente**

Região Norte			
[e,o]		[ε,ɔ]	
448	87%	67	13%



**Tabela 20 - Ocorrência de vogais médias-altas e médias-baixas em sílaba fechada pelo arquifonema /R/**

Região Norte			
[e,o]		[ɛ,ɔ]	
101	78%	28	22%

**Tabela 21 - Ocorrência de vogais médias-altas e médias-baixas com sílaba tônica constituída de /eN/, /oN/**

Região Norte			
[e,o]		[ɛ,ɔ]	
119	79%	31	21%

Além disso, conforme discutido na seção 4.2.1.2, a neutralização é dominada pela harmonia, caso haja ambiente para a aplicação desta, como é o caso dos itens ‘c/e/rteza’ e ‘fr/e/quênciã’.

Assim, mantida a posição de \*e/o, vejamos como o ordenamento se aplica em relação à proposta de Coetzee (2005), ou seja, se teremos um ordenamento correto dos candidatos conforme a frequência de cada um deles:

**Tableau 68 - /e/ → [e > ɛ > i]**

r/e/ação	IDENT <sub>STR</sub> (HEIGHT/ATR), IDENT[αBACK], IDENT[+LOW], IDENT[+HIGH]	IDENT (HEIGHT)	AGREE	IDENT [ATR]	*e/o	*ɛ/ɔ
1. r[e]aço					*	
2. r[ɛ]aço				*		*
3. r[i]aço		*				
fr/e/quênciã	IDENT <sub>STR</sub> (HEIGHT/ATR), IDENT[αBACK], IDENT[+LOW], IDENT[+HIGH]	IDENT (HEIGHT)	AGREE	IDENT [ATR]	*e/o	*ɛ/ɔ
1. fr[e]quênciã					*	
2. fr[ɛ]quênciã			*	*		*
3. fr[i]quênciã		*				
c/e/rteza	IDENT <sub>STR</sub> (HEIGHT/ATR), IDENT[αBACK], IDENT[+LOW], IDENT[+HIGH]	IDENT (HEIGHT)	AGREE	IDENT [ATR]	*e/o	*ɛ/ɔ
1. c[e]rteza					*	
2. c[ɛ]rteza			*	*		*
3. c[i]rteza		*				

Observe que, nos três tableaux, o ordenamento dos candidatos foi adequado, ou seja, primeiro a estrutura foi preservada e, depois, tivemos a aplicação da neutralização. Em relação à aplicação desses processos podemos dizer que o ordenamento funcionou corretamente.

Porém, o problema em relação à determinação da redução vocálica não apresenta solução e, por isso, a proposta de Coetzee (2005) acaba apresentando um grande problema, sendo incapaz de responder adequadamente às questões relacionadas à variação intradialetal na região Norte de Minas Gerais, dada a variedade de processos que se aplicam. Para que a proposta seja de fato bem aceita, é necessário que seja capaz de explicar a gramática de uma língua como um todo, contemplando todos os processos fonológicos. Isso, Coetzee (2005) parece não conseguir definitivamente fazer.

Passemos, pois, à análise da variação interdialetoal à luz dessa proposta, mas já sabendo dos problemas que iremos enfrentar em função de sua rigidez.

#### **4.2.2.3 Variação interdialetoal entre as regiões Sul e Norte de Minas Gerais**

A discussão da variação interdialetoal entre as regiões estudadas através da proposta de Coetzee (2005) apresenta-se tão difícil quanto ocorreu com a variação interdialetoal à luz de Anttila & Cho (1998), tendo em vista a impossibilidade de adoção das mesmas restrições para as duas regiões, como forma de explicar devidamente o fenômeno. A questão é que restrições como AGREE e  $*\varepsilon/\circ$ , não são necessárias à explicação dos processos ocorridos na região sul, embora sejam fundamentais na determinação de harmonia e neutralização vocálicas, respectivamente na região norte. Uma vez que, como mostramos,

trata-se de dois sistemas diferentes, torna-se bastante difícil explicar a variação interdialetoal através de apenas um ranqueamento, que é proposta de Coetzee (2005).

Apenas para lembrar, vejamos quais os ranqueamentos utilizados na região sul e na região norte, respectivamente, a partir da proposta de Coetzee (2005):

- IDENTSTR(HEIGHT/ATR), IDENT[αBACK], IDENT[+LOW], IDENT[+HIGH] >> IDENT[ATR] // <sup>46</sup> IDENT(HEIGHT) >> \*MID;
- IDENTSTR(HEIGHT/ATR), IDENT[αBACK], IDENT[+LOW], IDENT[+HIGH] // IDENT(HEIGHT) >> AGREE >> IDENT[ATR] >> \*e/o >> \*ε/ɔ.

São os seguintes problemas que determinam a dificuldade de se estabelecer um único ranqueamento para as duas regiões em estudo:

1. na região sul, a restrição IDENT[ATR] está posicionada acima do ponto de corte, uma vez que não há ocorrência de vogais médias-baixas em posição pretônica, enquanto que, na região norte, a mesma restrição é posicionada abaixo do ponto de corte e, ainda, de duas outras restrições;
2. na região sul, não é necessária a utilização da restrição AGREE, ao passo que na norte, tal restrição é imprescindível para ilustrar a presença de vogal média-baixa através da harmonia vocálica;
3. na região norte, é necessário desmembrar a restrição \*MID em \*e/o e \*ε/ɔ para ilustrar devidamente a ocorrência de vogal média-baixa através da neutralização vocálica, processo que também não se aplica à região sul;
4. enfim, o ranqueamento que se estabelece na região sul é absolutamente diverso daquele da região norte.

---

<sup>46</sup> O símbolo ‘//’ no ranqueamento determina onde se estabelece o ponto de corte.

A partir dessa diversidade, como incorporar num único ranqueamento todas as restrições, sendo que umas fazem parte de um sistema, mas não fazem parte do outro. Pela proposta de Coetzee (2005), seria essencial que tivéssemos as mesmas saídas possíveis, regidas pelas mesmas restrições, havendo, assim, através do ordenamento dessas restrições, a determinação dos candidatos mais frequentes. Como ordenar, porém, em termos de frequência, um candidato que sequer se estabelece nas duas regiões? Como aplicar uma restrição que não se observa em uma dessas regiões?

Além dessas questões que ora se apresentam em nível interdialetoal, há todos aqueles problemas já discutidos em termos intradialetais que tornam inviável a utilização da proposta de Coetzee para a explicação da variação existente entre as regiões sul e norte de Minas Gerais.

Por isso, chega o momento de abandonar essa proposta, após demonstrar todas as suas limitações. Conforme se pôde observar, embora tenha o mérito de não ir contra as propriedades essenciais da teoria, a proposta de Coetzee (2005) acaba por esbarrar nos mesmos problemas da TO clássica. Claro que explica um número maior de fenômenos que esta, mas quando há variabilidade quanto ao número de candidatos observados na produção de um dado dialeto, além de variabilidade em relação aos processos que determinam a alternância entre as vogais, a proposta de ‘ordenamento dos candidatos’ “impede” que a análise prossiga.

Assim, verificamos que a proposta de Coetzee (2005) não se aplica bem aos dados que vimos discutindo e, por isso, não podemos considerar que tenha apresentado uma explicação satisfatória.

Uma possibilidade interessante seria relacionar a proposta dos ranqueamentos múltiplos de Anttila & Cho (1998) ao ordenamento dos candidatos por EVAL de Coetzee (2005). Essa possibilidade nos é apresentada por Lee & Oliveira (2006) e, embora não

venhamos a nos aprofundar nessa proposta, gostaríamos de apresentá-la apenas como uma alternativa possível.

#### **4.2.3 A variação conforme Lee & Oliveira (2006a; 2006b)**

Diferentemente daquilo que foi feito com as demais análises, em que viemos abordando cada um dos processos que se apresentavam, buscaremos com essa última proposta verificar as respostas que ela poderia nos dar aos problemas observados, essencialmente, na abordagem de Coetzee (2005).

Como já foi devidamente discutido, tal modelo busca explicar a variação a partir de uma gramática de percepção e de uma gramática de produção, que se constitui como um subconjunto da primeira. Na gramática de percepção, os processos que determinam a variação são previstos e, por conseguinte, identificados para que o falante possa escolher o *input* a ser utilizado na gramática de produção. A partir da variedade dialetal, o falante escolhe um *input* e ranqueia as restrições de fidelidade nas posições mais altas do *tableau*, mas abaixo do ponto de corte, obtendo, assim, um *output* igual a esse *input*, dado o mapeamento que se estabelece entre eles.

Como tudo isso já foi apresentado na seção 2.4.1.4, passemos a discutir as possibilidades que se apresentariam, começando pela variação entre três *outputs* possíveis, como é o caso apresentado pelo item ‘moeda’. O que ocorreria, primeiramente, nesse caso?

O primeiro passo seria determinar todos os *inputs* possíveis para a língua em questão. Para isso, apenas as restrições que estivessem acima do ‘ponto de corte’ seriam consideradas invioláveis. Por outro lado, entre aquelas restrições que se posicionassem abaixo

do ‘ponto de corte’ não haveria qualquer relação de dominância. Assim, teríamos o seguinte *tableau*:

**Tableau 69** - IDENT<sub>STR</sub>(HEIGHT/ATR), IDENT[A<sub>BACK</sub>], IDENT[+LOW], IDENT[+HIGH] // AGREE, IDENT[ATR], IDENT(HEIGHT), \*MID

m/o/eda	IDENT <sub>STR</sub> (HEIGHT/ATR), IDENT[α <sub>BACK</sub> ], IDENT[+LOW], IDENT[+HIGH]	AGREE	IDENT[ATR]	IDENT(HEIGHT)	*MID
☞m[ɔ]eda			*		*
☞m[o]eda		*			*
☞m[u]eda		*		*	

Lee & Oliveira (2006) consideram que a restrição AGREE aplica-se também em relação à vogal alta e, por isso, todos os candidatos apresentam-se em igualdade de condições. Observe que, nesse momento, todos os candidatos são considerados ótimos e, por conseguinte, são os *inputs* a serem utilizados pelos falantes. Além disso, é importante lembrar que os processos fonológicos são identificados na gramática de percepção, uma vez que todas as possibilidades são ilustradas aqui. Agora, o falante pode ‘escolher’, conforme a sua variedade dialetal ou idioletal, qual o *input* que determinará a sua produção, uma vez que o mapeamento entre *input* e *output* é feito com as restrições de fidelidade ranqueadas no ponto mais alto do ranqueamento. Vejamos, portanto, como isso seria realizado:

**Tableau 70** - IDENT<sub>STR</sub>(HEIGHT/ATR), IDENT[A<sub>BACK</sub>], IDENT[+LOW], IDENT[+HIGH] // IDENT[ATR], IDENT(HEIGHT) >> AGREE, \*MID

m/o/eda	IDENT <sub>STR</sub> (HEIGHT/ATR), IDENT[α <sub>BACK</sub> ], IDENT[+LOW], IDENT[+HIGH]	IDENT[ATR]	IDENT(HEIGHT)	AGREE	*MID
m[ɔ]eda		*			*
☞m[o]eda				*	*
m[u]eda			*	*	

**Tableau 71** - IDENT<sub>STR</sub>(HEIGHT/ATR), IDENT[A<sub>BACK</sub>], IDENT[+LOW], IDENT[+HIGH] // IDENT[ATR], IDENT(HEIGHT) >> AGREE, \*MID

m/ɔ/eda	IDENT <sub>STR</sub> (HEIGHT/ATR), IDENT[α <sub>BACK</sub> ], IDENT[+LOW], IDENT[+HIGH]	IDENT[ATR]	IDENT(HEIGHT)	AGREE	*MID
☞m[ɔ]eda		*			*
m[o]eda				*	*
m[u]eda			*	*	

**Tableau 72 - IDENT<sub>STR</sub>(HEIGHT/ATR), IDENT[ABACK], IDENT[+LOW], IDENT[+HIGH] // IDENT[ATR], IDENT(HEIGHT) >> AGREE, \*MID**

m/u/eda	IDENT <sub>STR</sub> (HEIGHT/ATR), IDENT[αBACK], IDENT[+LOW], IDENT[+HIGH]	IDENT[ATR]	IDENT(HEIGHT)	AGREE	*MID
m[ɔ]eda		*			*
m[o]eda				*	*
☞m[u]eda			*	*	

Observe que, em todos os *tableaux*, a escolha que o falante faz em relação ao *input* é que determina qual seria o *output*, uma vez que, conforme já discutimos, o mapeamento entre os dois é feito com as restrições de fidelidade nas posições mais altas do ordenamento da gramática de produção.

Algumas indagações poderiam surgir, como, por exemplo: uma vez que o ordenamento determina a possibilidade de três *outputs* na gramática de percepção, como fazer em relação a um dialeto como o da região Sul de Minas, onde só se observa, no máximo dois *outputs*?

A resposta a isso seria dada pelo próprio falante. A gramática de percepção determina os *inputs* potenciais; porém, esses *inputs* só serão efetivos se o falante escolher algum deles, caso contrário, não teremos produção mapeada a partir do falante para os *inputs* que não foram escolhidos. O aspecto interessante da abordagem de Lee & Oliveira (2006) é exatamente esse, ou seja, ele prevê todos os *inputs* possíveis, mas a escolha para a produção fica a cargo do falante.

Em função dessas observações, não teríamos mais problemas com candidatos como r[i]lógio, por exemplo, que não é atestado em nenhum dialeto, mas que poderia ser um *output* possível na proposta de Anttila & Cho (1998) e na de Coetzee (2005).

Como foi possível apreender, essa proposta parece apresentar uma grande capacidade explicativa da proposta, uma vez que não exclui candidatos que podem vir a ser

atestados, desde que estes não violem restrições que estejam ordenadas acima do ‘ponto de corte’.

Outro aspecto é o fato de as escolhas do *tableau* de percepção não garantirem a observação de nenhum candidato como ‘ótimo’ no *tableau* de produção, pois o que determinaria isso seria a seleção de *inputs* pelo falante, demonstrando a possibilidade de exclusão daquilo que não é recorrente no dialeto, na língua.

Acreditamos, por conseguinte, que prosposta de Lee & Oliveira (2006a; 2006b) apresenta vantagens bastante superiores em relação àquelas que foram discutidas anteriormente e é com esta curta explanação sobre ela que encerramos nossa discussão relacionada à variação das vogais médias em posição pretônica nas regiões Sul e Norte de Minas Gerais.

No próximo capítulo, apresentaremos nossas últimas considerações, buscando responder a todas as perguntas que vieram se interpondo durante este trabalho.

### **4.3 Sumário**

Neste capítulo, discutimos os dados que resumiam as observações constantes do capítulo 3 à luz da TO, sendo que observamo-los sob quatro perspectivas: clássica, abordagem variacionista de Anttila & Cho (1998), abordagem variacionista de Coetzee (2005) e, finalmente, abordagem variacionista de Lee & Oliveira (2006a; 2006b). Concluimos, pois, que esta última é a que fornece os melhores subsídios para tratar os fenômenos de variação.



## CAPÍTULO 5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Gostaríamos de iniciar este último capítulo relembrando cada um dos objetivos traçados e apresentando todas as considerações e conclusões a que pudemos chegar após a realização de todas as etapas desta dissertação. Discutiremos, primeiramente os objetivos específicos conforme as respostas que esse trabalho nos permitiu alcançar, para, posteriormente, verificarmos se o objetivo geral foi, também, devidamente contemplado. Lembramos que o objetivo geral dessa pesquisa era apresentar uma análise, à luz da Teoria da Otimalidade, do comportamento das vogais médias em posição pretônica nos dialetos das regiões Sul e Norte de Minas Gerais.

Isso posto, passamos a discutir, primeiramente, as conclusões a que as análises dos dados nos permitiram chegar. Na região Sul, podemos ter duas situações que determinam a escolha do falante, ou seja, ou o falante preserva a estrutura dada pelo *input*, e assim temos a presença de vogal média-alta, ou o falante alça a vogal média-alta em posição pretônica, e assim temos a ocorrência de vogal alta. Esse alçamento parece ser determinado por um processo de redução vocálica, uma vez que não é necessária a determinação de um ambiente fonológico para que haja a aplicação de tal processo. Nesse dialeto não se verifica a presença de vogal média-baixa em posição pretônica. Isso se deve ao fato de o falante ordenar a restrição IDENT [ATR] na posição mais alta do ranqueamento e, desse modo, evitar a produção desse tipo de vogal. A escolha entre a preservação da estrutura e a redução vocálica é determinada pela interação entre as restrições IDENT (HEIGHT) e \*MID. Na primeira situação, a restrição IDENT (HEIGHT) deve ser ordenada acima de \*MID, e no segundo caso, ordenada abaixo.

Na região Norte, a variação entre as produções dos falantes é maior. Para um *input* como ‘m/o/eda’, por exemplo, poderemos ter até três *outputs* possíveis, ou seja, m[o]eda, m[u]eda e m[ɔ]eda. Nesse caso, atuam, respectivamente, a preservação da estrutura, a redução vocálica e a harmonia vocálica. Assim como ocorre em relação à região Sul, para os dois primeiros processos, observam-se os mesmos ordenamentos.

Já em relação à harmonia vocálica, esta ocorre somente quando na sílaba tônica do *input* observa-se a presença de uma vogal média-baixa. Nesse caso, a vogal média-alta da sílaba pretônica assimila o traço [-ATR] da vogal média na sílaba tônica, tornando-se média-baixa. Atua na determinação desse processo a restrição AGREE, ranqueada acima de todas as demais, uma vez que esse processo, na região Norte, é bastante produtivo.

A neutralização, por sua vez, não apresenta a mesma produtividade da harmonia, estabelecendo-se, também a partir de contextos fonológicos bem delimitados, que são os seguintes: o fato de a vogal da sílaba subsequente à da vogal média ser baixa; o fato de a sílaba pretônica ser fechada pelo arquifonema /R/; sílaba tônica constituída de /eN/ ou /oN/.

Esse processo teve uma recorrência menor que a preservação da estrutura, mesmo nos contextos observados acima. Ainda assim, constitui-se como elemento importante para a análise, uma vez que na região Sul, não se observa a ocorrência de vogal média-baixa em posição pretônica, qualquer que venha a ser o ambiente fonológico. Ao realizar vogais médias-baixas nesses contextos, o falante ordena a restrição \*e/o abaixo apenas de AGREE, embora, onde vier a ocorrer a neutralização, não virá a ocorrer a harmonia e vice-versa.

Contemplada devidamente a discussão dos dados, assim como a determinação dos contextos fonológicos que interferem na presença de uma ou de outra vogal, gostaríamos, agora, de ressaltar os diferentes tipos de variação encontrados. Interessantemente, tanto a região Sul, quanto a região Norte apresentam um nível de variação intradialetal que não poderia ser desconsiderado e, por isso, embora não fizesse parte, inicialmente, do trabalho a

ser realizado, esse fenômeno foi devidamente discutido à luz da TO, seja através da vertente clássica, seja através das abordagens variacionistas. Percebeu-se que, na região Norte, o nível de variação intradialetal é maior que o da região Sul.

A análise da variação interdialetoal ficou prejudicada essencialmente pelo fato de as regiões em estudo possuírem sistemas diferentes, em que as restrições não eram totalmente compartilhadas pelos dois dialetos.

Em relação à aplicação da TO clássica aos dados de variação, depreendeu-se que a vertente clássica da teoria não é capaz de explicar devidamente esse fenômeno, por esbarrar em problemas que ferem princípios básicos, tais como a necessidade de estabelecer dois *outputs* e a dificuldade de fazê-lo a partir de um ordenamento estrito das restrições.

A abordagem proposta por Anttila & Cho (1998), por sua vez, estabelece uma flexibilidade maior a partir dos ‘ranqueamentos múltiplos’, permitindo contemplar todas as possibilidades apresentadas pelos dados. Tem, todavia, como problema principal, o fato de não determinar a frequência diferente de ocorrência entre duas variantes, por exemplo. Assim, a obtenção de dois *outputs* através dessa vertente parece estabelecer que o nível de ocorrência de cada um deles é de 50%, o que não é verdade.

A abordagem de Coetzee (2005), por sua vez, apresenta mais defeitos que virtudes. Essa versão propõe um ordenamento entre os candidatos, buscando estabelecer uma colocação entre todos os candidatos possíveis numa determinada língua. Embora tenha a virtude de não ferir nenhum princípio básico da teoria, essa abordagem se mostra tão “engessada” quanto a TO clássica, especialmente por dois aspectos. O primeiro deles refere-se ao ‘ponto de corte’ que pode apresentar diferença de posição em nível intradialetal. Veja-se o caso, por exemplo, de sua posição no dialeto da região Sul de Minas. Além desse aspecto, quando a variação se dá entre três candidatos e a determinação de um deles, no caso da pesquisa em questão, daquele com vogal média-baixa, se dá através de dois processos

fonológicos distintos, essa abordagem não é capaz de apresentar uma explicação adequada para as escolhas do falante.

Embora tenhamos, ao final, apresentado a abordagem de Lee & Oliveira (2006a; 2006b) como uma proposta possível, não era intenção dessa pesquisa esgotar as discussões em torno dessa proposta. Ainda assim, pudemos observar que a mesma parece apresentar um poder explicativo maior que as anteriores, tendo em vista o fato de conseguir traduzir todas as possibilidades de variação através da produção de cada falante.

Sobre a teoria, concluímos que a alternativa dos ranqueamentos múltiplos demonstrou ser a mais eficaz para explicar fenômenos de variação como os discutidos nesta dissertação. Contudo, verifica-se a necessidade de abordagens ainda mais consistentes nesse campo e, ao que nos parece, a proposta de Lee & Oliveira (2006a; 2006b) caminha nesse sentido.

Finalmente, dado o objetivo geral, pudemos verificar que esse foi devidamente contemplado, ou seja, realizou-se neste trabalho uma abordagem da variação existente em relação à vogais médias em posição pretônica nas regiões Sul e Norte de Minas Gerais, devidamente pautada pela Teoria da Otimalidade. Ressaltamos, apenas, a importância de que outras pesquisas se realizem através de dados de fala natural, para apresentar uma frequência mais precisa de alguns fenômenos, em especial, da redução vocálica.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Marlúcia Maria. *As Vogais Médias em Posição Tônica nos Nomes do Português Brasileiro*. 1999. 136 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1999.

ANTILLA, Arto. Deriving Variation from Grammar. In.: HISKENS, Frans; HOUT, Roeland van; WETZELS, W. Leo. *Variation, Change and Phonological Theory*. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 1997. p. 35-68.

ANTILLA, Arto; CHO, Young-mee Yu (1998). Variation and change in Optimality Theory. In *Lingua*, n.104. p. 31-56.

ARCHANGELI, Diana; LANGENDOEN, D. Terence. *Optimality Theory: An Overview*. Oxford: Blackwell Publishers, 1997. 235 p.

AUER, Peter. Co-occurrence Restrictions between Linguistic Variables. In.: HISKENS, Frans; HOUT, Roeland van; WETZELS, W. Leo. *Variation, Change and Phonological Theory*. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 1997. p. 69-100.

BISOL, Leda. *Harmonização Vocálica*. 1981. 332 f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981.

BISOL, Leda. Neutralização das átonas. *DELTA*, v. 19, n. 2, p.267-276, 2003. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-44502003000200002&lng=pt&nrm=isso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502003000200002&lng=pt&nrm=isso)> Acessado em: 25 nov. 2004.

CALABRESE, Andrea. A constrained-based theory of phonological markedness and simplification procedures. In.: *Linguistic Inquiry*, v. 26, n. 3, p. 373-469, 1995.

CALLOU, Dinah, MORAES, João A. de, LEITE, Yonne. *O Vocalismo no Português do Brasil*. In: \_\_\_\_\_. Rio Grande do Sul: Letras de Hoje, 1996. p. 27-40.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Vozes, 1970. 114 p.

CHAMBERS, J. K. *Sociolinguistic Theory*. Cambridge: Blackwell Publishers. 284 p.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, Peter. *Dialectology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980. 201 p.

COETZEE, Andries W. *What It Means To Be a Loser: Non-Optimal Candidates in Optimality Theory*. 2004. 494 f. Tese (Doctor of Philosophy). University of Massachusetts Amherst, Massachusetts, 2004.

COETZEE, Andries W. *Variation as Accessing “Non-Optimal” Candidates – A Rank-Ordering Model of EVAL*. Rutgers, 2005.

CRISTÓFARO SILVA, Thaís. *Fonética e Fonologia do Português*. São Paulo: Contexto, 1999. 254 p.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana. *A Dialektologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994. 95 p.

FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. *Manual para Normalização de Publicações Técnico-Científicas*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004. 242 p.

GUY, Gregory R. Competence, Performance, and the Generative Grammar of Variation. In: \_\_\_\_\_. *Variation, Change and Phonological Theory*. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 1997. p. 181-206.

HINSKENS et al. Balancing Data and Theory in the Study of Phonological Variation and Change. In: \_\_\_\_\_. *Variation, Change and Phonological Theory*. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 1997. p. 181-206.

KAGER, Rene. *Optimality Theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. 452 p.

KIPARSKY, Paul. The Phonological Basis of Sound Change. In: GOLDSMITH, John A.. *The Handbook of Phonological Theory*. Cambridge: Blackwell Publishers, 1995. p. 640-670.

LEE, Seung-Hwa; OLIVEIRA, Marco Antônio de. Variação Inter- e Intradialetoal no Português Brasileiro: um problema para a teoria fonológica. In.: HORA, Demerval da; COLLISCHONN, Gisela (org.). *Teoria Lingüística: fonologia e outros temas*. João Pessoa: Editora Universitária, 2003.

LEE, Seung-Hwa; OLIVEIRA, Marco Antônio de. *Teorias Fonológicas e Variação Lingüística*. Revista de Estudos da Língua Gem, Vitória da Conquista, v. 3, p. 41-67, 2006a.

LEE, Seung-Hwa; OLIVEIRA, Marco Antônio de. *Phonological Theory and Language Variation in BP Mid Vowel Alternation*. In: The Seoul International Conference on Linguistics, 2006, Seoul. Proceeding of SICOL 2006. Seoul: The Linguistic Society of Korea, 2006b, v.1, p. 298-306.

LLORET, Maria-Rosa. When does Variability become Relevant to Formal Linguistic Theory. In.: HINSKENS, Frans; HOUT, Roeland van; WETZELS, W. Leo. *Variation, Change and Phonological Theory*. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 1997. p. 181-206.

MARUSSO, Adriana S. *Redução Vocálica: estudo de caso no Português Brasileiro e no Inglês Britânico*. 2003. 454 f. Tese (Doutorado em Lingüística). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

McCARTHY, John. *A Thematic Guide to Optimality Theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

McCARTHY, John; PRINCE, Alan. *Prosodic Morphology: Constraint Interaction and Satisfaction*. Rutgers, 1993.

McCARTHY, John; PRINCE, Alan. *Faithfulness and Reduplicative Identity*. Rutgers, 1995.

MATZENAUER, Carmem L. B.; BONILHA, Giovana F. G. *Aquisição da Fonologia e Teoria da Otimalidade*. Pelotas: EDUCAT, 2003. 196 p.

PRINCE, Alan; SMOLENSKY, Paul. *Optimality Theory: Constraint Interaction in Generative Grammar*. Rutgers, 1993.

PRINCE, Alan. *Arguing Optimality*. Rutgers, 2002.

SILVA, David James. 1998. Vowel Lenition in São Miguel Portuguese. *Hispania* 81. p. 166-178.

TEYSSIER, Paul. *A História da Língua Portuguesa*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1980. 113 p.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. Trapézio. In: \_\_\_\_\_. *As Mentiras que os Homens Contam*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 27-29.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. Exéquias. In: \_\_\_\_\_. *As Mentiras que os Homens Contam*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 57-60.

VIEGAS, Maria do Carmo. *Alçamento das Vogais Pretônicas*. 1987. 231 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1987.

VIEGAS, Maria do Carmo. *O Alçamento das Vogais Pretônicas e os Itens Lexicais*. 2001. 228 f. Tese (Doutorado em Lingüística). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

ZUBRITSKAYA, Kátia. Markedness and Sound Change in OT. In: *Proceeding of the North East Linguistic Society 25*, ed. Jill Beckman, Amherst, MA: GLSA, 1995. p. 249-264.



















<b>pescadores</b>	e	e	ε	e	e	e	e	e	e	e	e	e	
<b>fechados</b>	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	
<b>desculpas</b>	i	e	e	e	e	e	e	e	-----	e	e	e	
<b>desilusão</b>	i	e	e	e	e	e	e	e	e	e	i	e	
<b>realidade</b>	e	e	e	e	ε	ε	-----	e	ε	ε	e	ε	
<b>coração</b>	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	
<b>cretino</b>	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	
<b>domingo</b>	u	-----	o	o	u	o	o	o	o	o	u	u	o
<b>segunda</b>	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	i	i	e
<b>telefonista</b>	e	ε	e	ε	ε	e	e	e	e	e	e	e	
	e	e	e	e	ε	e	e	e	e	e	e	e	
	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	
<b>demais</b>	i	e	e	i	e	i	e	i	e	i	i	e	
<b>socorro</b>	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	
<b>cenoura</b>	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	
<b>cebola</b>	e	e	-----	e	e	e	e	e	e	e	e	e	
<b>morango</b>	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	
<b>beterraba</b>	e	-----	e	e	e	ε	e	e	e	e	e	e	
	e	-----	e	e	e	ε	ε	e	e	e	e	e	





<b>relógio</b>	ε	ε	ε	ε	ε	ε	ε	ε	ε	ε	ε	ε
<b>tesoura</b>	e	e	e	e	e	e	e	i	e	e	e	e
<b>boliche</b>	o	o	o	o	o	o	-----	-----	o	o	o	-----
<b>tenista</b>	e	e	e	e	e	e	e	e	-----	e	e	e
<b>violino/violoncelo</b>	u	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o
<b>violão</b>	o	o	o	o	o	o	o	o	o	-----	o	o
<b>presentes</b>	e	e	e	e	ε	e	ε	e	e	e	e	e
<b>robô</b>	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o
<b>exéquias</b>	e	e	ε	e	ε	ε	e	-----	ε	ε	e	ε
<b>destino</b>	i	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e
<b>gozador</b>	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o
<b>Dosão</b>	o	o	o	o	o	o	o	o	o	∅	o	o
<b>bebida</b>	i	e	e	e	-----	e	e	e	e	i	e	e
<b>erradas</b>	e	e	e	ε	ε	ε	e	ε	e	e	e	e
<b>metade</b>	ε	e	e	ε	e	ε	e	e	e	e	e	e
<b>Dozinho</b>	o	o	o	o	o	o	o	o	o	∅	o	o
<b>Rodopião</b>	o	o	o	-----	o	o	o	o	o	o	o	o
	o	o	o	-----	o	o	o	o	o	o	o	o
<b>Nogueira</b>	o	o	o	o	o	o	-----	o	o	o	o	o

<b>ap<u>e</u>lido</b>	i	e	e	e	e	e	e	e	e	e	i	e
<b>com<u>e</u>ndador</b>	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o
<b>emp<u>e</u>sário</b>	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e
<b>rep<u>e</u>blica</b>	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e
<b>med<u>e</u>da</b>	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	i	e
<b>ne<u>e</u>cessários</b>	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e
	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e
<b>co<u>r</u>ado</b>	o	o	o	-----	o	o	o	o	o	o	o	o
<b>vel<u>o</u>rios</b>	e	e	ε	e	ε	e	ε	e	ε	e	ε	ε
<b>ben<u>e</u>mérito</b>	e	ε	e	-----	e	e	e	e	e	e	e	-----
	e	e	e	-----	e	e	ε	e	ε	e	ε	-----
<b>con<u>c</u>orridíssimo</b>	o	o	o	-----	o	o	o	o	-----	o	-----	o
<b>ap<u>e</u>sar</b>	e	e	e	e	e	ε	e	e	e	e	e	e
<b>prof<u>e</u>ssora</b>	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o
	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e
<b>leg<u>i</u>tima</b>	e	e	e	i	e	e	e	e	e	e	e	e
<b>inf<u>e</u>ccção</b>	e	e	e	-----	e	e	e	e	e	e	e	e
<b>dem<u>e</u>ra</b>	e	ε	e	e	ε	e	e	e	ε	e	e	e
<b>vel<u>o</u>dos</b>	e	e	e	ε	e	ε	e	e	ε	e	ε	e



<b>d<u>e</u>pressa</b>	-----	ε	e	e	e	e	e	e	e	e	e	i	e
<b>lacri<u>m</u>ejantes</b>	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e
<b>co<u>r</u>oa</b>	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o
<b>des<u>a</u>gravo</b>	e	e	e	e	e	-----	e	e	e	e	e	e	e
<b>post<u>e</u>ridade</b>	o	o	o	o	o	o	-----	o	-----	o	o	o	o
	e	e	e	e	e	e	-----	e	-----	e	e	e	e
<b>et<u>e</u>rna</b>	ε	ε	ε	ε	ε	ε	ε	e	ε	ε	ε	ε	e
<b>Rob<u>e</u>rto</b>	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o
<b>rom<u>â</u>ntica</b>	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o
<b>fav<u>o</u>rita</b>	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o
<b>cem<u>i</u>tério</b>	e	e	e	e	e	-----	-----	e	e	e	e	e	e
<b>imp<u>o</u>rtante</b>	o	o	o	-----	o	o	o	o	o	o	o	o	o
<b>sinc<u>e</u>ramente</b>	ε	ε	ε	ε	ε	ε	-----	ε	ε	ε	ε	ε	ε

## APÊNDICE 2 – TODOS OS DADOS COLETADOS

### DADOS COLETADOS NA REGIÃO SUL DE MINAS GERAIS

	VA	ECR	PHP	FAC	MNMM	JLS	RSC	VLMM	IM	ACS	GC	VOS
<b>querida</b>	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e
<b>você</b>	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o
<b>estivesse</b>	e	i	i	i	e	i	i	i	i	i	i	e
<b>inocente</b>	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o
<b>ironia</b>	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o
<b>expressão</b>	i	i	i	e	e	e	e	i	e	i	i	e
	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e
<b>chegou</b>	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e
<b>jornal</b>	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o
<b>acreditar</b>	e	e	e	e	e	e	e	i	e	e	e	e
<b>desliga</b>	i	i	i	i	e	e	e	e	i	i	i	e
<b>reação</b>	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e
<b>parecido</b>	e	i	i	e	e	e	i	i	i	e	i	e
<b>comigo</b>	o	u	u	o	o	o	u	o	o	o	u	u
<b>podia</b>	o	u	u	o	o	o	o	u	u	o	o	o
<b>momento</b>	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o
<b>começando</b>	o	o	u	o	o	o	u	o	o	o	o	o







<b>d<u>e</u>mais</b>	i	i	e	i	e	e	i	e	i	i	i	e
<b>s<u>o</u>corro</b>	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o
<b>c<u>e</u>noura</b>	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e
<b>c<u>e</u>bola</b>	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e
<b>m<u>o</u>rango</b>	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o
<b>esp<u>e</u>to</b>	i	i	i	i	i	i	i	i	i	i	i	e
<b>bet<u>e</u>rraba</b>	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e
	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e
<b>coz<u>i</u>nheiro</b>	o	u	u	o	o	o	o	o	o	o	o	o
<b>mel<u>a</u>ncia</b>	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e
<b>tom<u>a</u>te</b>	o	o	u	o	o	o	u	u	o	o	o	o
<b>le<u>ã</u>o</b>	e	e	e	e	e	e	e	e	i	e	e	e
<b>el<u>e</u>fante</b>	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e
	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e
<b>porco-<u>e</u>spinho</b>	-----	i	i	i	i	i	i	i	i	i	e	i
<b>rin<u>o</u>ceronte</b>	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o
	e	e	o	e	e	e	e	e	e	e	e	e
<b>gor<u>i</u>la</b>	o	o	u	o	u	u	u	u	u	o	u	o
<b>cor<u>u</u>ja</b>	o	o	u	o	u	u	o	u	o	o	o	o
<b>co<u>e</u>lho</b>	o	o	o	o	o	o	o	u	o	o	o	o
<b>hipop<u>ó</u>tamo</b>	o	o	o	o	o	o	u	o	o	o	o	o



















<b>co<u>m</u>ço</b>	o	o	o	u	o	o	u	o	o	o	o	u
<b>ver<u>m</u>elho</b>	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e
<b>co<u>l</u>ar</b>	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o
<b>fi<u>d</u>elidade</b>	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e
<b>absol<u>u</u>ta</b>	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o
<b>ce<u>r</u>teza</b>	e	ε	e	e	e	ε	e	ε	e	e	e	e
<b>po<u>d</u>ia</b>	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	u	o
<b>fo<u>t</u>ografia</b>	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o
	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o
<b>des<u>l</u>igar</b>	-----	i	e	e	e	e	e	e	e	e	i	e
<b>pre<u>ç</u>isa</b>	e	e	e	e	e	e	i	e	e	e	e	e
<b>co<u>l</u>ônia</b>	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o
<b>pe<u>s</u>cadores</b>	e	e	ε	e	e	e	e	e	e	e	e	e
<b>e<u>s</u>to<u>u</u></b>	i	e	e	i	e	-----	e	e	i	i	i	i
<b>per<u>d</u>i</b>	e	e	e	e	e	e	-----	e	e	e	e	e
<b>alic<u>e</u>rçar</b>	e	e	e	ε	e	e	ε	e	e	e	ε	e
<b>fe<u>ç</u>hados</b>	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e
<b>pre<u>ç</u>isava</b>	i	e	e	i	i	e	i	e	e	e	e	-----
<b>e<u>s</u>critório</b>	e	e	e	i	i	e	i	i	i	i	i	i







<b>violão</b>	o	o	o	o	o	o	o	o	o	-----	o	o
<b>pre<u>s</u>entes</b>	e	e	e	e	ε	e	ε	e	e	e	e	e
<b>robô</b>	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o
<b>escorpião</b>	i	e	e	i	e	i	i	i	e	e	i	i
	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o
<b>exéquias</b>	e	e	ε	e	ε	ε	e	-----	ε	ε	e	ε
<b>destino</b>	i	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e
<b>gozador</b>	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o
<b>conhecido</b>	-----	o	o	-----	o	o	o	o	o	u	o	o
	-----	e	e	-----	e	e	e	ε	i	e	e	e
<b>Do<u>s</u>ão</b>	o	o	o	o	o	o	o	o	o	∅	o	o
<b>bebida</b>	i	e	e	e	-----	e	e	e	e	i	e	e
<b>erradas</b>	e	e	e	ε	ε	ε	e	ε	e	e	e	e
<b>re<u>d</u>uzido</b>	e	ε	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e
<b>me<u>t</u>ade</b>	ε	e	e	ε	e	ε	e	e	e	e	e	e
<b>Do<u>z</u>inho</b>	o	o	o	o	o	o	o	o	o	∅	o	o
<b>Rodopião</b>	o	o	o	-----	o	o	o	o	o	o	o	o
	o	o	o	-----	o	o	o	o	o	o	o	o

<b>Nogueira</b>	o	o	o	o	o	o	-----	o	o	o	o	o	
<b>apeli<u>d</u>o</b>	i	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	i	e
<b>com<u>e</u>ndador</b>	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o
<b>empres<u>a</u>rio</b>	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e
<b>rep<u>u</u>blica</b>	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e
<b>med<u>i</u>da</b>	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	i	e
<b>ne<u>ce</u>s<u>a</u>rios</b>	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e
	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e
<b>pare<u>ç</u>ia</b>	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	i	e	e
<b>co<u>r</u>ado</b>	o	o	o	-----	o	o	o	o	o	o	o	o	o
<b>vel<u>o</u>rios</b>	e	e	ε	e	ε	e	ε	e	ε	e	ε	ε	ε
<b>co<u>m</u>eçaram</b>	o	o	o	o	o	o	u	o	o	o	o	o	O
	ε	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e
<b>ben<u>e</u>m<u>e</u>rito</b>	e	ε	e	-----	e	e	e	e	e	e	e	e	-----
	e	e	e	-----	e	e	ε	e	ε	E	ε	ε	-----
<b>con<u>c</u>orridí<u>s</u>imo</b>	o	o	o	-----	o	o	o	o	-----	o	-----	o	
<b>mo<u>r</u>rido</b>	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	-----	o	o
<b>ap<u>e</u>sar</b>	e	e	e	e	e	ε	e	e	e	e	e	e	e

<b>es<u>q</u>uá<u>l</u>ido</b>	e	ε	e	-----	e	-----	i	e	-----	-----	i	e
<b>de<u>s</u>cre<u>v</u>ia</b>	e	e	e	e	e	e	-----	e	e	e	e	e
	e	e	e	e	e	e	-----	e	e	e	e	e
<b>carinh<u>o</u>samente</b>	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o
<b>prof<u>e</u>ssora</b>	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o
	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e
<b>leg<u>í</u>tima</b>	e	e	e	i	e	e	e	e	e	e	e	e
<b>est<u>a</u>va</b>	i	e	e	e	e	-----	i	e	e	i	i	e
<b>es<u>p</u>artilho</b>	i	i	e	i	e	e	e	i	e	i	e	i
<b>eng<u>o</u>rdando</b>	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o
<b>ap<u>e</u>rtava</b>	ε	e	e	e	e	ε	e	e	ε	e	e	ε
<b>rec<u>u</u>per<u>o</u></b>	e	e	e	e	e	e	e	e	e	-----	-----	e
	e	e	e	e	e	e	e	e	e	-----	-----	e
<b>m<u>o</u>rreu</b>	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o
<b>be<u>b</u>ia</b>	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e
<b>de<u>m</u>ais</b>	i	e	e	i	e	i	e	i	e	i	i	e
<b>me<u>t</u>ia</b>	i	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e
<b>co<u>m</u>er</b>	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o
<b>se<u>r</u>ia</b>	e	e	-----	e	e	e	e	e	e	e	e	e
<b>est<u>a</u>dos</b>	i	i	-----	i	i	e	e	e	i	i	i	i









<b>chegou</b>	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e
<b>coroa</b>	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o
<b>perder</b>	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e
<b>desagravo</b>	e	e	e	e	e	-----	e	e	e	e	e	e	e
<b>posteridade</b>	o	o	o	o	o	o	-----	o	-----	o	o	o	o
	e	e	e	e	e	e	-----	e	-----	e	e	e	e
<b>negou</b>	e	-----	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e
<b>eterna</b>	ε	ε	ε	ε	ε	ε	ε	e	ε	ε	ε	ε	e
<b>Roberto</b>	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o
<b>romântica</b>	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o
<b>favorita</b>	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o
<b>estranhara</b>	i	e	e	-----	e	e	e	e	e	e	i	e	e
<b>cemitério</b>	e	e	e	e	e	-----	-----	e	e	e	e	e	e
<b>defendeu</b>	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	-----	e
<b>importante</b>	o	o	o	-----	o	o	o	o	o	o	o	o	o
<b>chorou</b>	o	o	o	-----	o	o	o	o	o	o	o	o	o
<b>sinceramente</b>	ε	ε	ε	ε	ε	ε	-----	ε	ε	ε	ε	ε	ε

### APÊNDICE 3 - TABELA DE OCORRÊNCIAS DE CADA VARIANTE

	SUL DE MINAS			NORTE DE MINAS		
	Número de Ocorrências			Número de Ocorrências		
	[e]/[o]	[ɛ]/[ɔ]	[i]/[u]	[e]/[o]	[ɛ]/[ɔ]	[i]/[u]
querida	12	0	0	12	0	0
você	12	0	0	12	0	0
estivesse	3	0	9	5	0	7
inocente	12	0	0	9	2	0
ironia	12	0	0	10	0	0
expressão	6	0	6	5	0	7
expressão	12	0	0	12	0	0
chegou	12	0	0	12	0	0
jornal	12	0	0	8	4	0
acreditar	11	0	1	9	0	3
desliga	5	0	7	9	0	3
reação	12	0	0	6	6	0
parecido	6	0	6	9	0	3
comigo	7	0	5	11	0	1
podia	8	0	4	9	0	2
momento	12	0	0	4	8	0
começando	10	0	2	9	2	1
começando	12	0	0	11	1	0
começo	7	0	5	9	0	3
vermelho	12	0	0	12	0	0
colar	12	0	0	8	4	0
fidelidade	12	0	0	12	0	0
absoluta	12	0	0	12	0	0
certeza	12	0	0	9	3	0
podia	8	0	4	11	0	1
fotografia	12	0	0	8	4	0
fotografia	12	0	0	11	1	0

<b>desligar</b>	7	0	5	9	0	2
<b>precisa</b>	10	0	2	11	0	1
<b>colônia</b>	12	0	0	11	1	0
<b>pescadores</b>	12	0	0	11	1	0
<b>estou</b>	8	0	4	5	0	6
<b>perdi</b>	11	0	1	11	0	0
<b>alicerçar</b>	10	0	0	9	3	0
<b>fechados</b>	12	0	0	12	0	0
<b>precisava</b>	8	0	4	7	0	4
<b>escritório</b>	4	0	8	4	0	8
<b>testar</b>	12	0	0	12	0	0
<b>pegaria</b>	12	0	0	9	3	0
<b>interrompa</b>	12	0	0	8	4	0
<b>desculpas</b>	10	0	2	10	0	1
<b>estatelando</b>	5	0	6	3	0	7
<b>estatelando</b>	11	0	0	9	1	0
<b>desilusão</b>	8	0	4	10	0	2
<b>realidade</b>	12	0	0	7	4	0
<b>estava</b>	4	0	8	9	0	0
<b>coração</b>	12	0	0	7	5	0
<b>cretino</b>	12	0	0	12	0	0
<b>perguntar</b>	12	0	0	7	5	0
<b>domingo</b>	8	0	4	7	0	4
<b>segunda</b>	10	0	2	10	0	2
<b>tomar</b>	12	0	0	11	1	0
<b>comer</b>	9	0	3	11	0	1
<b>telefonou</b>	12	0	0	9	3	0
<b>telefonou</b>	12	0	0	11	1	0
<b>telefonou</b>	12	0	0	12	0	0
<b>telefonista</b>	12	0	0	10	2	0
<b>telefonista</b>	12	0	0	11	1	0
<b>telefonista</b>	12	0	0	12	0	0
<b>demais</b>	7	0	5	6	0	6

s <u>o</u> corro	12	0	0	12	0	0
c <u>e</u> noura	12	0	0	12	0	0
c <u>e</u> bola	12	0	0	11	0	0
m <u>o</u> rango	12	0	0	12	0	0
es <u>p</u> eto	1	0	11	2	0	7
be <u>t</u> erraba	12	0	0	10	1	0
be <u>t</u> erraba	12	0	0	9	2	0
co <u>z</u> inheiro	10	0	2	8	0	3
me <u>l</u> ancia	12	0	0	11	1	0
to <u>m</u> ate	9	0	3	12	0	0
le <u>ã</u> o	11	0	1	10	1	0
el <u>e</u> fante	12	0	0	10	2	0
el <u>e</u> fante	12	0	0	11	1	0
por <u>c</u> o-esp <u>i</u> nho	10	0	1	12	0	0
ri <u>n</u> oceronte	12	0	0	10	1	0
ri <u>n</u> oceronte	12	0	0	8	3	0
g <u>o</u> ri <u>l</u> a	5	0	7	6	0	6
co <u>r</u> uja	8	0	4	11	0	1
co <u>e</u> lho	11	0	1	9	0	3
hi <u>p</u> opó <u>t</u> amo	12	0	0	2	9	0
co <u>r</u> redor	11	0	0	11	0	0
bo <u>n</u> eco	5	0	7	4	2	6
so <u>r</u> rindo	11	0	0	5	0	0
te <u>l</u> efone	12	0	0	9	2	0
te <u>l</u> efone	12	0	0	9	2	0
carro <u>s</u> sel	11	0	1	1	11	0
micro <u>f</u> one	12	0	0	11	1	0
mo <u>e</u> da	10	0	2	4	8	0
re <u>l</u> ógio	11	1	0	0	12	0
tes <u>o</u> ura	9	0	3	11	0	1
bo <u>l</u> iche	12	0	0	9	0	0
te <u>n</u> ista	12	0	0	11	0	0
vi <u>o</u> lino/vi <u>o</u> lon <u>c</u> elo	12	0	0	11	0	1

<b>violão</b>	12	0	0	11	0	0
<b>pre<sub>s</sub>entes</b>	12	0	0	10	2	0
<b>robô</b>	12	0	0	12	0	0
<b>escorpião</b>	3	0	9	5	7	0
<b>escorpião</b>	12	0	0	12	0	0
<b>exéquias</b>	8	0	0	5	6	0
<b>destino</b>	11	0	1	11	0	1
<b>gozador</b>	12	0	0	12	0	0
<b>co<sub>n</sub>hecido</b>	8	0	4	9	0	1
<b>conhecido</b>	11	0	1	8	1	1
<b>Do<sub>s</sub>ão</b>	12	0	0	11	1	0
<b>bebida</b>	10	0	2	9	0	2
<b>erradas</b>	11	1	0	8	4	0
<b>re<sub>d</sub>uzido</b>	11	1	0	11	1	0
<b>me<sub>t</sub>ade</b>	12	0	0	9	3	0
<b>Do<sub>z</sub>inho</b>	12	0	0	11	1	0
<b>Rodopião</b>	12	0	0	11	0	0
<b>Rodopião</b>	12	0	0	11	0	0
<b>Nogueira</b>	12	0	0	11	0	0
<b>apelido</b>	9	0	3	9	0	2
<b>co<sub>m</sub>endador</b>	12	0	0	12	0	0
<b>empresário</b>	11	1	0	12	0	0
<b>república</b>	12	0	0	12	0	0
<b>me<sub>d</sub>ida</b>	6	0	6	11	0	1
<b>ne<sub>c</sub>essários</b>	12	0	0	12	0	0
<b>ne<sub>c</sub>essários</b>	12	0	0	12	0	0
<b>pare<sub>ç</sub>ia</b>	7	0	5	11	0	1
<b>co<sub>r</sub>ado</b>	12	0	0	9	2	0
<b>velórios</b>	12	0	0	6	6	0
<b>co<sub>m</sub>eçaram</b>	12	0	0	11	0	1
<b>começaram</b>	12	0	0	11	1	0
<b>be<sub>n</sub>emérito</b>	9	1	0	9	1	0
<b>benemérito</b>	9	1	0	7	3	0



<b>concorridíssimo</b>	12	0	0	7	2	0
<b>morrido</b>	8	0	4	10	1	0
<b>apesar</b>	11	0	0	11	1	0
<b>esquálido</b>	7	0	5	5	1	2
<b>descrevia</b>	12	0	0	11	0	0
<b>descrevia</b>	12	0	0	11	0	0
<b>carinhosamente</b>	0	12	0	1	11	0
<b>professora</b>	12	0	0	12	0	0
<b>professora</b>	12	0	0	12	0	0
<b>legítima</b>	12	0	0	11	0	1
<b>estava</b>	7	0	5	7	0	4
<b>espartilho</b>	6	0	6	6	0	6
<b>engordando</b>	12	0	0	11	1	0
<b>apertava</b>	12	0	0	8	4	0
<b>recuperou</b>	12	0	0	10	0	0
<b>recuperou</b>	12	0	0	10	0	0
<b>morreu</b>	12	0	0	12	0	0
<b>bebia</b>	9	0	3	12	0	0
<b>demais</b>	6	0	6	6	0	6
<b>metia</b>	11	0	1	11	0	1
<b>comer</b>	11	0	1	12	0	0
<b>seria</b>	12	0	0	11	0	0
<b>estados</b>	2	0	10	3	0	8
<b>infecção</b>	12	0	0	11	0	0
<b>demora</b>	12	0	0	9	3	0
<b>deliberada</b>	12	0	0	12	0	0
<b>deliberada</b>	12	0	0	12	0	0
<b>procurar</b>	12	0	0	10	1	0
<b>estavam</b>	5	0	7	9	0	3
<b>velados</b>	11	1	0	8	4	0
<b>destino</b>	9	0	3	8	0	4
<b>chegaram</b>	12	0	0	11	0	0
<b>recém</b>	12	0	0	7	2	0

ch <u>o</u> rava	12	0	0	10	1	0
re <u>p</u> etia	12	0	0	11	1	0
re <u>p</u> etia	11	0	1	10	0	2
l <u>o</u> tara	12	0	0	7	4	0
co <u>m</u> eçavam	12	0	0	11	0	1
co <u>m</u> eçavam	12	0	0	11	1	0
o <u>l</u> hando	12	0	0	11	1	0
inter <u>e</u> sse	12	0	0	12	0	0
de <u>s</u> conhecido	9	0	3	11	0	0
de <u>s</u> conhecido	11	0	1	10	0	1
to <u>m</u> ar	12	0	0	10	2	0
re <u>s</u> sentido	12	0	0	11	0	0
me <u>r</u> ecia	11	0	1	12	0	0
me <u>r</u> ecia	11	0	1	12	0	0
de <u>s</u> pedida	10	0	2	10	0	2
de <u>s</u> pedida	10	0	2	10	0	2
e <u>x</u> plicou	12	0	0	10	1	1
re <u>v</u> oltado	11	1	0	11	1	0
se <u>n</u> ador	12	0	0	12	0	0
e <u>s</u> palhou	5	0	7	7	0	5
no <u>t</u> áveis	12	0	0	9	2	0
fre <u>q</u> uência	12	0	0	9	3	0
enri <u>q</u> uecendo	12	0	0	10	0	0
bi <u>o</u> grafia	12	0	0	11	0	0
re <u>v</u> elou	11	1	0	12	0	0
re <u>v</u> elou	12	0	0	12	0	0
ame <u>r</u> icano	12	0	0	12	0	0
pe <u>s</u> soas	12	0	0	12	0	0
co <u>m</u> entavam	12	0	0	11	1	0
po <u>d</u> ia	5	0	7	11	0	1
re <u>p</u> resentante	12	0	0	10	1	0
re <u>p</u> resentante	12	0	0	11	0	0
go <u>v</u> ernador	9	0	0	6	0	5

g <u>o</u> vernador	9	0	0	6	5	0
r <u>e</u> spondia	12	0	0	11	0	0
t <u>e</u> levisão	12	0	0	9	3	0
t <u>e</u> levisão	12	0	0	11	1	0
entrev <u>i</u> stado	12	0	0	11	0	0
c <u>o</u> mentou	12	0	0	11	0	0
f <u>o</u> tografia	11	0	0	8	4	0
f <u>o</u> tografia	11	0	0	9	3	0
esquecem	7	0	5	5	0	6
de <u>p</u> ressa	8	0	4	9	1	1
f <u>e</u> chou	12	0	0	12	0	0
lacrimej <u>a</u> ntes	12	0	0	12	0	0
f <u>e</u> charem	12	0	0	12	0	0
ch <u>e</u> gou	12	0	0	12	0	0
c <u>o</u> roa	12	0	0	12	0	0
p <u>e</u> rder	12	0	0	12	0	0
des <u>a</u> gravo	11	0	1	11	0	0
p <u>o</u> steridade	12	0	0	10	0	0
p <u>o</u> steridade	12	0	0	10	0	0
n <u>e</u> gou	12	0	0	11	0	0
et <u>e</u> rna	12	0	0	2	10	0
R <u>o</u> berto	10	2	0	1	11	0
r <u>o</u> mântica	12	0	0	10	2	0
f <u>a</u> vorita	12	0	0	12	0	0
est <u>r</u> anhara	11	0	1	9	0	2
c <u>e</u> mitério	8	0	4	10	0	0
def <u>e</u> ndeu	12	0	0	11	0	0
imp <u>o</u> rtante	12	0	0	8	3	0
ch <u>o</u> rou	12	0	0	11	0	0
sinc <u>e</u> ramente	0	12	0	0	11	0

## APÊNDICE 4 – TABELAS DE CODIFICAÇÃO DE DADOS

### TABELA GERAL

#### 1. Variantes

1. Média Fechada
2. Média Aberta
3. Alta

#### 2. Região

1. Sul
2. Norte

#### 3. Cidade

1. Três Corações
2. Bom Sucesso
3. Lavras
4. Bocaiúva
5. Montes Claros
6. Mirabela

#### 4. Faixa Etária

1. 20-39 anos
2. mais de 39

#### 5. Vogal Seguinte

1. Alta
2. Média-alta
3. Média-baixa
4. Baixa

#### 6. Formalidade

1. Leitura de texto
2. Teste de figuras

#### 7. Distância da Tônica

1. 1 sílaba
2. 2 sílabas
3. 3 sílabas

#### 8. Tonicidade

1. Oxítona
2. Paroxítona
3. Proparoxítona

#### 9. Tipo de sílaba

1. aberta sem onset
2. aberta com onset
3. fechada sem onset
4. fechada com onset

#### 10. Qualidade Vocálica da Sílaba Tônica

1. Alta
2. Média-alta
3. Média-baixa
4. Baixa

#### 11. Tipologia da Tônica

1. Oral
2. Nasal

**TABELA NORTE****1. Variantes**

1. Média Fechada
2. Média Aberta
3. Alta

**2. Cidade**

4. Bocaiúva
5. Montes Claros
6. Mirabela

**3. Faixa Etária**

1. 20-39 anos
2. mais de 39

**4. Vogal Seguinte**

1. Alta
2. Média-alta
3. Média-baixa
4. Baixa

**5. Formalidade**

1. Leitura de texto
2. Teste de figuras

**6. Distância da Tônica**

1. 1 sílaba
2. 2 sílabas
3. 3 sílabas

**7. Tonicidade**

1. Oxítona
2. Paroxítona
3. Proparoxítona

**8. Tipo de sílaba**

1. aberta sem onset
2. aberta com onset
3. fechada sem onset
4. fechada com onset

**9. Qualidade Vocálica da Sílaba Tônica**

1. Alta
2. Média-alta
3. Média-baixa
4. Baixa

**10. Tipologia da Tônica**

1. Oral
2. Nasal

## APÊNDICE 5 – RESULTADOS DAS ANÁLISES COM O GOLDVARB

### RESULTADO Variante: Vogal Média-baixa Padrão: Vogal Média-alta

#### CELL CREATION

=====

Name of token file: D:\Pesquisa\Todos os dados\12 nomes.txt  
Name of condition file: Untitled.cnd

Number of cells: 770  
Application value(s): 2  
Total no. of factors: 31

Group	Apps	apps	Total	Non-
				%
-----				
1 (2)				
1	N	15	1341	1356
	%	1	98	50
2	N	178	1164	1342
	%	13	86	49
Total	N	193	2505	2698
	%	7	92	
-----				
2 (3)				
1	N	2	452	454
	%	0	99	16
6	N	45	396	441
	%	10	89	16
3	N	3	444	447
	%	0	99	16
2	N	10	445	455
	%	2	97	16
5	N	78	381	459
	%	16	83	17
4	N	55	387	442
	%	12	87	16
Total	N	193	2505	2698
	%	7	92	
-----				
3 (4)				
1	N	102	1239	1341
	%	7	92	49
2	N	91	1266	1357
	%	6	93	50
Total	N	193	2505	2698

	%	7	92		
-----					
4 (5)					
2	N	45	1058	1103	40
	%	4	95		
4	N	63	731	794	29
	%	7	92		
3	N	82	141	223	8
	%	36	63		
1	N	3	575	578	21
	%	0	99		
Total	N	193	2505	2698	
	%	7	92		
-----					
5 (6)					
1	N	131	1889	2020	74
	%	6	93		
2	N	62	616	678	25
	%	9	90		
Total	N	193	2505	2698	
	%	7	92		
-----					
6 (7)					
1	N	133	1598	1731	64
	%	7	92		
3	N	19	246	265	9
	%	7	92		
2	N	41	661	702	26
	%	5	94		
Total	N	193	2505	2698	
	%	7	92		
-----					
7 (8)					
2	N	125	1870	1995	73
	%	6	93		
1	N	49	518	567	21
	%	8	91		
3	N	19	117	136	5
	%	13	86		
Total	N	193	2505	2698	
	%	7	92		
-----					

8 (9)						
2	N	158	2165	2323	86	
	%	6	93			
1	N	23	112	135	5	
	%	17	82			
4	N	12	228	240	8	
	%	5	95			
Total	N	193	2505	2698		
	%	7	92			

---

9 (10)						
1	N	23	643	666	24	
	%	3	96			
4	N	64	930	994	36	
	%	6	93			
2	N	22	742	764	28	
	%	2	97			
3	N	84	190	274	10	
	%	30	69			
Total	N	193	2505	2698		
	%	7	92			

---

10 (11)						
2	N	35	599	634	23	
	%	5	94			
1	N	158	1906	2064	76	
	%	7	92			
Total	N	193	2505	2698		
	%	7	92			

---

Total	N	193	2505	2698		
	%	7	92			

Name of new cell file: Untitled.cel

Groups eliminated while stepping down: 1 10 3 8 5 6  
 Best stepping up run: #33  
 Best stepping down run: #85

Run # 85, 140 cells:

Convergence at Iteration 14

Input 0,014

Group # 2 -- 1: 0,085, 6: 0,789, 3: 0,124, 2: 0,338, 5: 0,893, 4: 0,831

Group # 4 -- 2: 0,543, 4: 0,695, 3: 0,908, 1: 0,088

Group # 7 -- 2: 0,467, 1: 0,575, 3: 0,666

Group # 9 -- 1: 0,588, 4: 0,477, 2: 0,345, 3: 0,778

Log likelihood = -442,759 Significance = 0,100



**RESULTADO**  
**Variante: Vogal Alta (Alçada)**  
**Padrão: Vogal Média-alta**

## CELL CREATION

=====

Name of token file: D:\Pesquisa\Todos os dados\13 nomes.txt  
 Name of condition file: Untitled.cnd

Number of cells: 757  
 Application value(s): 3  
 Total no. of factors: 31

Group	Apps	apps	Total	Non-
				%
-----				
1 (2)				
2	N	67	1164	1231
	%	5	94	46
1	N	97	1341	1438
	%	6	93	53
Total	N	164	2505	2669
	%	6	93	
-----				
2 (3)				
5	N	13	381	394
	%	3	96	14
1	N	33	452	485
	%	6	93	18
2	N	26	445	471
	%	5	94	17
6	N	29	396	425
	%	6	93	15
3	N	38	444	482
	%	7	92	18
4	N	25	387	412
	%	6	93	15
Total	N	164	2505	2669
	%	6	93	
-----				
3 (4)				
2	N	76	1266	1342
	%	5	94	50
1	N	88	1239	1327
	%	6	93	49
Total	N	164	2505	2669
	%	6	93	
-----				

4 (5)					
1	N	81	575	656	24
	%	12	87		
4	N	30	731	761	28
	%	3	96		
2	N	46	1058	1104	41
	%	4	95		
3	N	7	141	148	5
	%	4	95		
Total	N	164	2505	2669	
	%	6	93		
-----					
5 (6)					
1	N	114	1889	2003	75
	%	5	94		
2	N	50	616	666	24
	%	7	92		
Total	N	164	2505	2669	
	%	6	93		
-----					
6 (7)					
1	N	137	1598	1735	65
	%	7	92		
2	N	16	661	677	25
	%	2	97		
3	N	11	246	257	9
	%	4	95		
Total	N	164	2505	2669	
	%	6	93		
-----					
7 (8)					
2	N	124	1870	1994	74
	%	6	93		
3	N	3	117	120	4
	%	2	97		
1	N	37	518	555	20
	%	6	93		
Total	N	164	2505	2669	
	%	6	93		
-----					

8 (9)						
2	N	146	2165	2311	86	
	%	6	93			
4	N	17	228	245	9	
	%	6	93			
1	N	1	112	113	4	
	%	0	99			
Total	N	164	2505	2669		
	%	6	93			

---

9 (10)						
1	N	73	643	716	26	
	%	10	89			
4	N	39	930	969	36	
	%	4	95			
2	N	30	742	772	28	
	%	3	96			
3	N	22	190	212	7	
	%	10	89			
Total	N	164	2505	2669		
	%	6	93			

---

10 (11)						
1	N	145	1906	2051	76	
	%	7	92			
2	N	19	599	618	23	
	%	3	96			
Total	N	164	2505	2669		
	%	6	93			

---

Total	N	164	2505	2669		
	%	6	93			

Name of new cell file: Untitled.cel

Groups eliminated while stepping down: 1 3 8  
 Best stepping up run: #48  
 Best stepping down run: #79

Run # 79, 342 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0,037

Group # 2 -- 5: 0,336, 1: 0,540, 2: 0,480, 6: 0,538, 3: 0,582, 4: 0,502

Group # 4 -- 1: 0,794, 4: 0,438, 2: 0,417, 3: 0,100

Group # 5 -- 1: 0,474, 2: 0,578

Group # 6 -- 1: 0,604, 2: 0,230, 3: 0,581

Group # 7 -- 2: 0,450, 3: 0,191, 1: 0,737

Group # 9 -- 1: 0,460, 4: 0,448, 2: 0,474, 3: 0,868

Group #10 -- 1: 0,543, 2: 0,362

Log likelihood = -538,726 Significance = 0,122

**RESULTADO (apenas Norte)**  
**Variante: Vogal Média-baixa**  
**Padrão: Vogal Média-alta**

## CELL CREATION

=====

Name of token file: D:\Pesquisa\Todos os dados\12 nomesnorte.txt  
 Name of condition file: Untitled.cnd

Number of cells: 386  
 Application value(s): 2  
 Total no. of factors: 26

Group	Apps	apps	Total	Non-
				%
-----				
1 (2)				
4	N	55	387	442 32
	%	12	87	
6	N	45	396	441 32
	%	10	89	
5	N	78	381	459 34
	%	16	83	
Total	N	178	1164	1342
	%	13	86	
-----				
2 (3)				
1	N	93	576	669 49
	%	13	86	
2	N	85	588	673 50
	%	12	87	
Total	N	178	1164	1342
	%	13	86	
-----				
3 (4)				
4	N	59	337	396 29
	%	14	85	
2	N	40	506	546 40
	%	7	92	
3	N	76	35	111 8
	%	68	31	
1	N	3	286	289 21
	%	1	98	
Total	N	178	1164	1342
	%	13	86	
-----				

4 (5)					
1	N	120	887	1007	75
	%	11	88		
2	N	58	277	335	24
	%	17	82		
Total	N	178	1164	1342	
	%	13	86		
-----					
5 (6)					
1	N	124	742	866	64
	%	14	85		
3	N	19	110	129	9
	%	14	85		
2	N	35	312	347	25
	%	10	89		
Total	N	178	1164	1342	
	%	13	86		
-----					
6 (7)					
1	N	45	234	279	20
	%	16	83		
2	N	118	879	997	74
	%	11	88		
3	N	15	51	66	4
	%	22	77		
Total	N	178	1164	1342	
	%	13	86		
-----					
7 (8)					
2	N	144	1012	1156	86
	%	12	87		
1	N	22	45	67	4
	%	32	67		
4	N	12	107	119	8
	%	10	89		
Total	N	178	1164	1342	
	%	13	86		
-----					

8 (9)					
1	N	22	315	337	25
	%	6	93		
4	N	60	430	490	36
	%	12	87		
2	N	22	355	377	28
	%	5	94		
3	N	74	64	138	10
	%	53	46		
Total	N	178	1164	1342	
	%	13	86		
-----					
9 (10)					
2	N	33	277	310	23
	%	10	89		
1	N	145	887	1032	76
	%	14	85		
Total	N	178	1164	1342	
	%	13	86		
-----					
Total	N	178	1164	1342	
	%	13	86		

Name of new cell file: Untitled.cel

Groups eliminated while stepping down: 9 2 7 6 4  
 Best stepping up run: #28  
 Best stepping down run: #70

Run # 70, 75 cells:  
 Convergence at Iteration 13  
 Input 0,070  
 Group # 1 -- 4: 0,477, 6: 0,406, 5: 0,612  
 Group # 3 -- 4: 0,704, 2: 0,477, 3: 0,937, 1: 0,114  
 Group # 5 -- 1: 0,458, 3: 0,667, 2: 0,540  
 Group # 8 -- 1: 0,520, 4: 0,482, 2: 0,404, 3: 0,755  
 Log likelihood = -376,612 Significance = 0,164

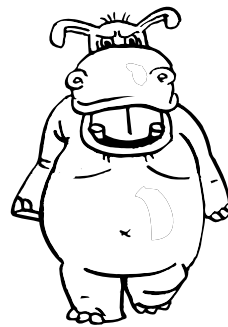
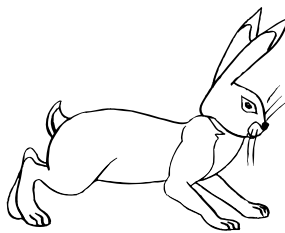
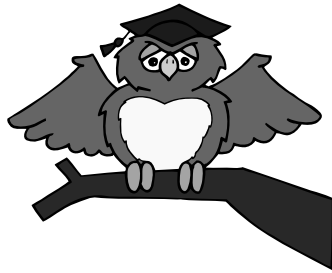
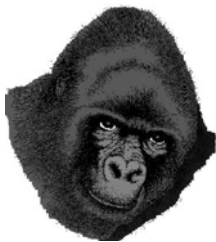
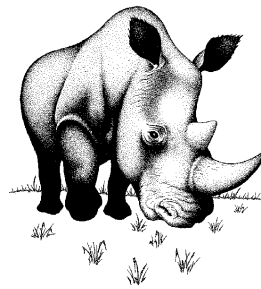
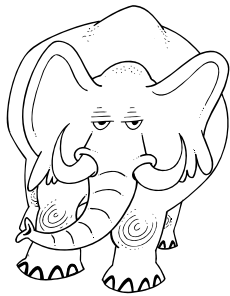
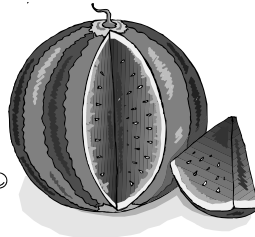
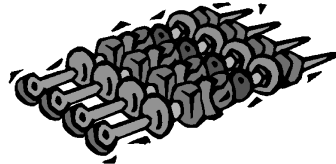
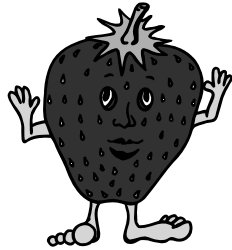
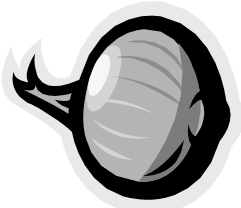
**APENDICE 6 – MATERIAL UTILIZADO PARA A COLETA DE DADOS****TEXTO 1****TRAPÉZIO**

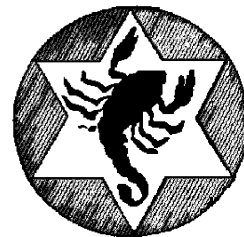
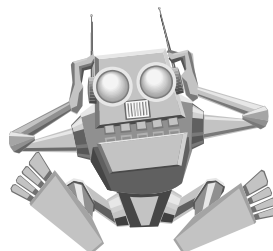
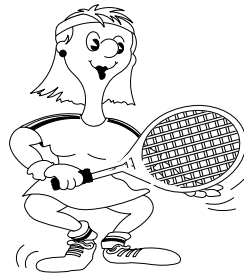
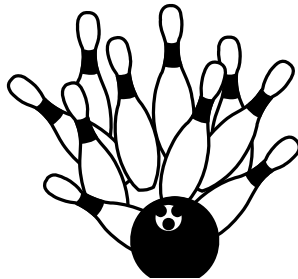
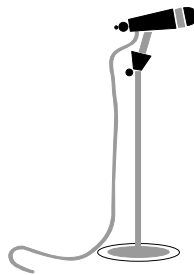
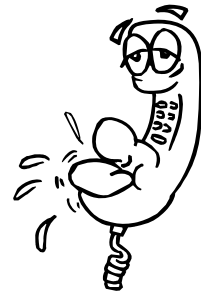
Querida, eu juro que não era eu. Que coisa ridícula! Se você estivesse aqui – Alô? Alô? – olha, se você estivesse aqui ia ver a minha cara, inocente como o Diabo. O quê? Mas como, ironia? “Como o Diabo” é força de expressão, que diabo. Você acha que eu ia brincar numa hora desta? Alô! Eu juro, pelo que há de mais sagrado, pelo túmulo de minha mãe, pela nossa conta no banco, pela cabeça de nossos filhos, que não era eu naquela foto de carnaval no Cascalho que saiu na *Folha da Manhã*. O quê? Alô! Alô! Como é que eu sei qual é a foto? Mas você não acaba de dizer... Ah, você não chegou a dizer... ah, você não chegou a dizer qual era o jornal. Bom, bem. Você não vai acreditar mas acontece que eu também vi a foto. Não desliga! Eu também vi a foto e tive a mesma reação. Que sujeito parecido comigo, pensei. Podia ser gêmeo. Agora, querida, nunca, em nenhum momento, está ouvindo? Em nenhum momento me passou pela cabeça a idéia de que você fosse pensar – querida, eu estou até começando a achar graça -, que você fosse pensar que aquele era eu. Por amor de Deus, Pra começo de conversa, você pode me imaginar de pareô vermelho e colar havaiano, pulando no Cascalho com uma bandida em cada braço? Não, faça-me o favor. E a cara das bandidas! Francamente, já que você não confia na minha fidelidade, que confiasse no meu bom gosto, poxa! O quê? Querida, eu não disse “pareô vermelho”. Tenho a mais absoluta, a mais tranqüila, a mais inabalável certeza de que eu disse apenas “pareô”. Como é que eu podia saber que era vermelho se a fotografia não era em cores, certo? Alô? Alô? Não desliga! Não... Olha, se você desligar está tudo acabado. Tudo acabado. Você não precisa nem voltar da praia. Fica aí com as crianças e funda uma colônia de pescadores. Não, estou falando sério.

Perdi a paciência. Afinal, se você não confia em mim não adianta nada a gente continuar. Um casamento deve se... se... como é mesmo a palavra?... se alicerçar na confiança mútua. O casamento é como um número de trapézio, um precisa confiar no outro até de olhos bem fechados. É isso mesmo. E sabe de outra coisa? Eu não precisava ficar na cidade durante o carnaval. Foi tudo mentira. Eu não tinha trabalho acumulado no escritório coisíssima nenhuma. Eu fiquei sabe para quê? Para testar você. Ficar na cidade foi como dar um salto mortal, sem rede, só para saber se você me pegaria no ar. Um teste do nosso amor. Não, não me interrompa. Desculpas não adiantam mais. O próximo som que você ouvir será do meu corpo se estatelando, com o baque surdo da desilusão, no duro chão da realidade. Alô? Eu disse que o próximo som... que... O quê? Você não estava ouvindo nada? Qual foi a última coisa que você ouviu, coração? Pois sim, eu não falei – tenho certeza absoluta que não falei – em “pareô vermelho”. Sei lá que cor era o pareô daquele cretino na foto. Você precisa acreditar em mim, querida. O casamento é como um número de... Sim. Não. Claro. Como? Não. Certo. Quando você voltar pode perguntar para o... Você quer que eu jure? De novo? Pois eu juro. Passei sábado, domingo, segunda e terça no escritório. Não vi carnaval nem pela janela. Só vim em casa tomar um banho e comer um sanduíche e vou logo voltar para lá. Como? Você telefonou para o escritório? Meu bem, é claro que a telefonista não estava trabalhando, não é, bem? Há, há, você é demais. Olha, querida? Alô? Sábado eu estou aí. Um beijo nas crianças. Socorro. Eu disse, um beijo.



FIGURAS PARA TESTES





## TEXTO 2

### EXÉQUIAS

Quis o destino, que é um gozador, que aqueles dois se encontrassem na morte, pois na vida jamais se encontrariam. De um lado Cardoso, na juventude conhecido como Dosão, depois Doso, finalmente – quando a vida, a bebida e as mulheres erradas o tinham reduzido à metade – Dozinho. Do outro lado Rodopião Farias Mello Nogueira Neto, nenhum apelido, comendador, empresário, um dos pós-homens da República, grande chato. Grande e gordo. O seu caixão teve que ser feito sob medida. Houve quem dissesse que seriam necessários dois caixões, uma para o Rodopião, outro para o seu ego. Já Dozinho parecia uma criança no seu caixãozinho. Um anjo encardido e enrugado. De Dozinho no seu caixão, disseram:

- Coitadinho.

De Rodopião:

- Como ele está corado!

Ficaram em capelas vizinhas antes do enterro. Os dois velórios começaram quase ao mesmo tempo. O de Rodopião (Rotary, ex-ministro, benemérito do Jockey), concorridíssimo. O de Dozinho, em termos de público, um fracasso. Dozinho só tinha dois ao lado do seu caixão quando começaram os velórios. Por coincidência, dois garçons.

Tanto Dozinho quanto Rodopião tinham morrido por vaidade. Dozinho, apesar de magro (“esquálido”, como o descrevia carinhosamente dona Judite, professora, sua única mulher legítima), se convencera de que estava ficando barrigudo e dera para usar um espartilho. Para não fazer má figura no Dança Brasil, onde passava as noites. As mulheres do Dança Brasil, só por brincadeira, diziam sempre: “Você está engordando, Dozinho. Olhe essa barriga”. E Dozinho apertava mais o espartilho. Um dia caiu na calçada com falta de ar. Não recuperou mais os sentidos. Claro que não morreu só disso. Bebia demais. Se metia em brigas.

Arriscava a vida por um amigo. Deixava de comer para ajudar os outros. Se não fosse o espartilho, seria uma navalha ou uma cirrose.

Rodopião tinha ido aos Estados Unidos fazer um implante de cabelo e na volta houve complicações, uma infecção e – suspeita-se – uma certa demora deliberada de sua mulher em procurar ajuda médica.

E ali estavam, Dozinho e Rodopião, sendo velados lado a lado. Dozinho, o bom amigo, por dois amigos. Rodopião, o chato, por uma multidão. O destino etc.

Perto da meia-noite chegaram dona Judite, que recém-soubera da morte do ex-marido e se mandara de Del Castilho, e Magarra, o maior amigo de Dozinho. Magarra chorava mais que dona Judite. “Que perda, que perda”, repetia, e dona Judite sacudia a cabeça, sem muita convicção. A capela onde estava sendo velado Rodopião lotara e as pessoas começavam a invadir o velório de Dozinho, olhando com interesse para o morto desconhecido, mas sem tomar intimidades. Magarra quis saber quem era o figurão da capela ao lado. Estava ressentido com aquela afluência. Dozinho é que merecia uma despedida assim. Um homem grisalho explicou para Magarra quem era Rodopião. Deu todos os seus títulos. Magarra ficou ainda mais revoltado. Não era homem de aceitar o destino e as suas ironias sem uma briga. Apontou com o queixo para Dozinho e disse:

- Sabe quem é aquele ali?
- Quem?
- Cardoso. O ex-senador.
- Ah... – disse o homem grisalho, um pouco incerto.
- Sabe a Lei Cardoso? Autoria dele.

Em pouco tempo a notícia se espalhou. Estavam sendo velados ali não um, mas dois notáveis da nação. A frequência na capela de Dozinho aumentou. Magarra circulava entre os grupos enriquecendo a biografia de Cardoso.

- Lembra a linha média do Fluminense? Década de 40. Tati, Matinhos e Cardoso. O Cardoso é ele.

Também revelou que Cardoso fora um dos inventores do raio *laser*, só que um americano roubara a sua parte. E tivera um caso com Maria Callas na Europa. Algumas pessoas até se lembravam.

- Ah, então é aquele Cardoso?

- Aquele.

A capela de Dozinho também ficou lotada. As pessoas passavam pelo caixão de Rodopião, comentavam: “Está com um ótimo aspecto”, e passavam pela capela de Dozinho. Cumprimentavam dona Judite, que nunca podia imaginar que Dozinho tivesse tanto prestígio (até um representante do governador!), os dois garçons e Magarra.

- Grande perda.

- Nem me fale – respondia Magarra.

Veio a televisão. Magarra foi entrevistado. Comentou a ingratidão da vida. Um homem como aquele – autor da Lei Cardoso, cientista, com sua fotografia no salão nobre do Fluminense, homem do mundo, um dos luminares do seu tempo – só era lembrado na hora da morte. As pessoas esquecem depressa. O mundo é cruel. A câmara fechou nos olhos lacrimejantes de Magarra. A esta altura tinha mais público para o Dozinho do que para o Rodopião. Pouco antes de fecharem os caixões chegou uma coroa, para Dozinho. Do Fluminense.

O acompanhamento dos dois caixões foi parelho, mas a televisão acompanhou mais o de Dozinho. O enterro de Rodopião foi mais rápido porque o acadêmico que ia fazer o discurso esqueceu o discurso em casa. Todos se dirigiram rapidamente para o enterro do Cardoso, para não perder o discurso de Magarra.

- Cardoso! – bradou Magarra, do alto de uma lápide. – Mais do que exéquias, aqui se faz um desagravo. A posteridade trará a justiça que a vida te negou. Teus amigos e concidadãos aqui reunidos não dizem adeus, dizem bem-vindo à glória eterna!

Naquela noite, no Dança Brasil, antes de subir ao palco e anunciar o *show* do Rubio Roberto, a voz romântica do Caribe, Magarra disse para a Mariuza, a favorita do Dozinho, que estranhara a ausência dela no cemitério àquela manhã. Mariuza se defendeu:

- Como é que eu ia saber que ele era tão importante?

E chorou, sinceramente.